

**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

MARCELLA PONTES DE OLIVEIRA BARBOSA

**O ENSINO DA VARIAÇÃO DA LÍNGUA POR MEIO DO GÊNERO
ENTREVISTA: ABORDAGEM SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA
EDUCACIONAL**

Vitória

2024

MARCELLA PONTES DE OLIVEIRA BARBOSA

**O ENSINO DA VARIAÇÃO DA LÍNGUA POR MEIO DO GÊNERO
ENTREVISTA: ABORDAGEM SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA
EDUCACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCF) apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vitória, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edenize Ponso Peres

Vitória

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

B238e Barbosa, Marcella Pontes de Oliveira.

O ensino da variação da língua por meio do gênero entrevista: abordagem sob a perspectiva da sociolinguística educacional / Marcella Pontes de Oliveira Barbosa. – 2024.

111 f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Edenize Ponzo Peres.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Mestrado Profissional em Letras – Proletras, Vitória, 2024.

1. Linguística aplicada – Estudo e ensino. 2. Sociolinguística. 3. Língua portuguesa – Variação. 4. Comunicação oral. 5. Professores – Formação. 6. Língua portuguesa – Estudo e ensino. I. Peres, Edenize Ponzo. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 469.8

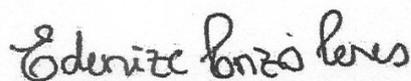
MARCELLA PONTES DE OLIVEIRA BARBOSA

**O ENSINO DA VARIAÇÃO DA LÍNGUA POR MEIO DO GÊNERO ENTREVISTA:
ABORDAGEM SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL**

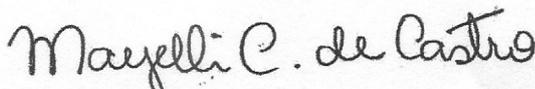
Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 11 de março de 2024

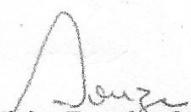
COMISSÃO EXAMINADORA



Doutora Edenize Ponzo Peres
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Orientadora
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)



Doutora Mayelli Caldas de Castro
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)


Doutor Santinho Ferreira de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes
Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 783 de 19/11/2021 - Campus Vitória)

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela presença constante nesta árdua jornada, principalmente nos momentos de fraqueza em meio às dificuldades. Por Ele e com Ele, realizo todas as coisas. Agradeço, por estar comigo em todos os momentos, me dando força, coragem e alegria. Igualmente sou muito grata a Maria, mãe de Jesus, a quem consagrei meus estudos, por nunca ter faltado a sua assistência em minha vida.

À minha mãe Maria Alice, minha base, exemplo de fé e perseverança, tenho muito orgulho de ter uma mãe tão paciente e compreensiva que me incentivou na realização deste sonho.

À minha família que, nos momentos mais difíceis, sempre sonhou e torceu por mim.

Ao meu amado marido Jânio, um verdadeiro companheiro que alivia os meus momentos de tensão e compreende todo o esforço e tempo empregados nesse processo.

À minha filha Sophia, luz e inspiração diária para continuar estudando e provar a todos que sem educação nada é possível.

À minha querida orientadora, Dr^a. Edenize Ponzó Peres, pela disponibilidade em contribuir com importantes ensinamentos em minha pesquisa.

Ao professor Dr. Antônio Carlos Gomes, pelos importantes ensinamentos, conselhos e “caronas”. Você é um paizão! Obrigada!

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras do Instituto Federal do Espírito Santo, pela rica e inesquecível experiência, especialmente à Dra. Letícia Carvalho de Queiroz, pela disponibilidade em auxiliar a todos os alunos da turma e por fazer sempre o melhor por esse Programa de Mestrado.

A todos os meus colegas do PROFLETRAS, pela amizade, brincadeiras, incentivo, aprendizado e socializações realizadas.

À minha nova família carinhosamente chamada “família Ifes”: Amarilis, Andréia, Cláudia, Isla, Monize e Vanderciléia, por todos os momentos de alegria, confidências e trocas de experiências. Em especial às amigas e companheiras de todo este percurso, Amarilis e Cláudia, que não apenas dividiram o quarto, mas

principalmente seus corações. Obrigada pela paciência, força e incentivo. Nunca esquecerei a frase “Você entrou em nossas vidas para ficar!”

Aos meus queridos alunos participantes desta pesquisa. Sem eles este trabalho não seria possível.

À equipe pedagógica da E.E.E.F.M. “Waldemiro Hemerly” pelo apoio e confiança em meu trabalho.

Ao Senhor Aécio De Bruim, por sua valiosa contribuição para esta pesquisa.

Por fim, a todos e a todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização do sonho de tornar-me mestra em Letras.

RESUMO

Considerando o fato de as variantes linguísticas serem as diferentes formas de falar o nosso Português e sabendo que é a nossa língua materna, o professor de Língua Portuguesa precisa ampliar os recursos de comunicação de seus alunos para atender as demandas sociais de forma adequada. Logo, a presente pesquisa propôs como estratégia de ensino uma sequência didática das variações da Língua Portuguesa utilizando o gênero textual entrevista, sob o enfoque da Sociolinguística Educacional. Para isso, foi realizado um trabalho que consistiu na conscientização das diversidades linguísticas bem como a contribuição para um bom domínio das várias modalidades do Português. A proposta de intervenção foi realizada em duas turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental II de uma escola da rede estadual de ensino localizada no município de Rio Novo do Sul – ES. A metodologia adotada foi a pesquisa qualitativa, sob o enfoque da pesquisa-ação. O suporte teórico está ancorado em autores como Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), Bagno (1999, 2007), Geraldi et al (2012), Zilles; Faraco (2015), Mollica (2021), Coelho et al. (2021), além de autores que discutem a oralidade e o gênero textual *entrevista*, tais como Antunes (2009), Dolz, Noverraz; Schneuwly (2004), Koch & Elias (2010), Marcuschi (2002, 2010 e 2014) e Bakhtin (2016).

Palavras-chave: variação linguística; gênero entrevista; oralidade; ensino de Língua Portuguesa; Sociolinguística Educacional.

ABSTRACT

Considering the fact that linguistic variants are the different ways of speaking our Portuguese and knowing that is our mother tongue, the Portuguese language teacher needs to expand the communication resources of his students to meet social demands in an appropriate way. Therefore, the present research proposed as a teaching strategy a didactic sequence of the variations of the Portuguese language using the textual genre interview, under the focus of Sociolinguistics Educational. To this end, a work was carried out that consisted of raising awareness of linguistic diversities as well as contributing to a good mastery of the various modalities of Portuguese. The educational intervention proposal was carried out in two eighth-grade classes of Elementary School of a state school located in the municipality of Rio Novo do Sul – ES. The methodology adopted was qualitative research, under the focus of action research. The theoretical support is anchored in authors such as Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), Bagno (1999, 2007), Geraldi et al (2012), Zilles; Faraco (2015), Mollica (2021), Coelho et al. (2021), as well as authors who discuss orality and the textual genre interview, such as Antunes (2009), Dolz, Noverraz; Schneuwly (2004), Koch & Elias (2010), Marcuschi (2002, 2010 e 2014) e Bakhtin (2016).

Keywords: linguistic variation; interview gender; orality, Portuguese language teaching; Educational Sociolinguistics.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	09
2 REVISÃO DA LITERATURA	15
3 REFERENCIAL TEÓRICO	25
3.1. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	25
3.1.1. A teoria sociolinguística	27
3.1.2. A sociolinguística educacional	28
3.2. OS GÊNEROS TEXTUAIS E SEU ENSINO.....	32
3.2.1. O gênero textual entrevista	33
3.3. A ORALIDADE E SEU ENSINO	36
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	38
4.1. CONTEXTO DE PESQUISA – A ESCOLA E OS PARTICIPANTES.....	38
4.2. AS ETAPAS DA PESQUISA.....	39
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE A	98
APÊNDICE B	101
ANEXO A	105
ANEXO B	106

ANEXO C	107
ANEXO D	108
ANEXO E	109
ANEXO F	110

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao trilhar os caminhos da educação formal, deparo-me com realidades distintas que refletem todo âmbito social de uma escola. Trilhar essa trajetória profissional permitiu-me ver os estudos de língua materna como prática social, despertando nos alunos a motivação para o seu estudo, instigando-lhes o desejo de dominar as diferentes modalidades da língua. Esse processo também me transformou como pessoa e professora. Transcrevo em palavras um pouco de minha história docente, marcada por pessoas que se coadunam com a seguinte definição: “Há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre.”

A frase de Cecília Meireles resume a escolha que fiz de atuar na educação. Desde que iniciei meus estudos, em 1984, alguns professores com os quais tive o prazer de estudar marcaram minha vida e me fizeram ver que tal prática é algo que não tem preço. Em especial a Língua Portuguesa, disciplina que permite viajar e expressar-se intensamente.

Meu fascínio por ensinar era tão grande que eu imitava, em casa, aqueles professores que me serviam de inspiração. Na infância, minha brincadeira preferida era lecionar para as outras crianças que brincavam comigo. Lembro-me de que algumas me olhavam como se fosse uma mestra.

A cada nova etapa de ensino que percorria, novos conhecimentos linguísticos e até equívocos por parte de alguns professores faziam-me refletir que o ensino deveria ser diferente: dinâmico e inspirador. Era fascinante aprender com alguém que despertava em mim o desejo pela leitura, por meio dos livros de literatura ou dos gibis, e ainda praticar a escrita narrativa e expor toda a minha criatividade.

Em algumas séries, do ensino fundamental ao médio, eu me inquietava com o fato de ter que decorar regras e funções gramaticais. Àquela época, a gramática era ensinada de modo dedutivo, pela apresentação de regras gramaticais e por meio de classificações como transitividade, objetos diretos e indiretos, regência, colocação pronominal, orações subordinadas etc. Quando havia uma prova, éramos avaliados principalmente pela aquisição do conhecimento sobre esses aspectos.

Quanto aos textos, embora tivessem qualidade, eram utilizados apenas para interpretação e extração dos aspectos gramaticais. Assim, o que deveria ser instigante transformava-se em frustração. Por outro lado, quando encontrava um professor que atuasse de forma diferente, sentia-me desafiada a conhecer muito mais sobre nossa língua. Foram essas experiências que despertaram em mim o desejo de ser professora de Português.

Assim, em 2002, ingressei no Curso de Letras – Literatura. E os desafios foram muitos. Estar na sala de aula deixava uma sensação de missão de vida, recomeço, transformação; cada ensinamento, cada trabalho, tudo encantava e confirmava minha escolha. Minhas disciplinas favoritas eram Língua Portuguesa com todos os conhecimentos gramaticais, Literatura Brasileira e Tecnologias da Educação.

Durante a graduação, participei de muitas atividades acadêmicas, como grupos de pesquisas, seminários, palestras e formações extraclasse. Essas experiências confirmavam que, para ser uma profissional bem-sucedida, eu precisava ser lúdica, criativa, amiga, dentre outros papéis que acredito ser de um bom professor.

Em junho de 2007, fui convocada para assumir uma cadeira em uma escola pública de Rio Novo do Sul, estado do Espírito Santo. Finalmente, o sonho de ser regente de classe havia chegado para mim. Naquele momento, atuei apenas no Ensino Médio, mas, no ano seguinte, também trabalhei no Ensino Fundamental.

Cada dia em sala exigia ainda mais de mim. A sensação que tinha era de não conseguir realizar meu projeto de fazer uma educação diferenciada. Alguns questionamentos se fazem presentes ainda hoje: como seduzir meus alunos para as aulas de língua? Como torná-los proficientes em leitura e escrita? Como adaptar meu ensino às novas demandas tecnológicas? Com essas perguntas em mente, em 2008, retornei aos estudos. Ao cursar as especializações em Língua Portuguesa e Formação de Leitores, buscava aperfeiçoar meus conhecimentos e renovar minha atuação. A experiência com os aperfeiçoamentos foi ímpar: eu sentia que meu trabalho estava visivelmente melhor, pois meus superiores e, o mais importante, meus alunos passaram a elogiar mais meu desempenho.

Mas minha busca pelo melhor não podia ficar apenas nessa modalidade de pós-graduação. Por isso, busquei novos cursos de aperfeiçoamento e comecei a

me preparar para tornar-me professora efetiva da rede pública do Espírito Santo, pois, assim, meu trabalho como educadora não se encerraria após o término do contrato. Isso se deu em 2013.

Atuando ativamente em sala de aula desde 2007 – e desde 2008 trabalhando no Ensino Fundamental II –, posso afirmar que a trajetória de um professor é árdua, porém, gratificante. É preciso estar em constante formação, pois são inúmeras as inquietações no que tange à melhor forma de ensinar e de provocar o interesse dos alunos pelo estudo da língua portuguesa.

Por essa razão, depois de 15 anos lecionando, penso que, bem mais que recordar as práticas realizadas até agora, preciso estender-me ao futuro e, assim como recebi tantas influências positivas de excelentes professores, ser também uma referência para meus alunos. Para isso, ingressei, em 2022, no Profletras-UFRN/Ifes (Mestrado Profissional em Letras), para ampliar meus conhecimentos. Há em mim a certeza de que “Quanto mais se conhece, mais se criam áreas de não-saber. Quanto maior é a área iluminada, maior será a área de sombra” (BURNHAM, 2001, p. 48).

Dessa forma, por mais que busque aperfeiçoar minha didática, muitos outros recursos precisam ser descobertos e vivenciados. E uma de minhas mais gratas descobertas, ao longo dos anos, foi a Sociolinguística. Os conhecimentos sociolinguísticos se fazem importantes principalmente porque se entende que a variação linguística faz parte de todas as línguas naturais, mas é necessário ter em mente que a variação decorre de diversos fatores, relacionados, entre outros, a certas características dos falantes e à situação de comunicação.

Como afirma Bortoni-Ricardo (2004), a variação linguística é um fenômeno natural de todas as línguas, não devendo ser considerada um equívoco tal que leve a julgamentos de que uma variedade da língua é superior às outras ou de que uma é certa e que as outras são erradas. E essas formas de enxergar a língua muitas vezes se fazem presentes em sala de aula.

Dessa forma, concordo com Perini (1996), quando declara que ninguém comete erros ao falar a sua própria língua. O que a sociedade chama de *erro* na fala das pessoas, a Sociolinguística considera ser uma questão de inadequação a uma determinada situação comunicativa (COELHO et al, 2021).

Outra percepção relevante que extraí e extraio de minha prática é o fato de que alguns discentes não conseguem adequar o uso da língua(gem) com os

diferentes contextos comunicativos em que se encontram, o que pode trazer-lhes preconceito e prejuízos, pois saber transitar entre as modalidades de sua própria língua é importante para que as pessoas exerçam com plenitude a sua cidadania e cresçam profissionalmente. Essas considerações evidenciam que é preciso, no contexto escolar, desenvolver um trabalho de educação sociolinguística, objetivo primordial desta pesquisa.

Nesse sentido, entendo que é importante despertar nos alunos, especialmente do Ensino Fundamental II da rede pública de ensino, a compreensão de que não existem “erros” na fala, e sim a falta de adequação às diferentes situações de uso da língua. Desse modo, evidenciar a variação linguística nas aulas de Português significa valorizar a variedade utilizada nas situações mais formais de comunicação, sem menosprezar as variedades faladas pelos alunos, pois todas se complementam, formando o grande mosaico das línguas: “[...] a língua permeia tudo, ela nos constitui enquanto seres humanos. Nós somos a língua que falamos. A língua que falamos molda nosso modo de ver o mundo e o nosso modo de ver o mundo molda a língua que falamos” (BAGNO, 2001, p. 144).

Conforme Bagno (2001), as peculiaridades presentes na língua materna é que constituem o indivíduo enquanto sujeito ativo em seu meio e isso significa respeitar o conhecimento intuitivo, valorizar o que ele já sabe da vida e reconhecer que a fala revela a sua própria identidade. Pensar nisso me levou à seguinte situação-problema: “Como o trabalho com a variação linguística, pautado na oralidade e nos gêneros textuais, pode contribuir para um melhor desempenho dos alunos em diferentes contextos discursivos?”.

Essa indagação norteia minha pesquisa, que tem como objetivo geral propor estratégias de ensino que permitam a compreensão, pelos alunos, da variação linguística – especialmente a diafásica, isto é, aquela que decorre das diferentes situações de uso da língua. Para tanto, opto pelo estudo do gênero *entrevista*, pois se encontra além dos muros da escola, estando diariamente na vida social dos estudantes, contribuindo assim para desenvolver seu desempenho comunicativo.

Para a concretização de meu objetivo geral, elaborei os seguintes objetivos específicos:

- Aplicar os pressupostos da Sociolinguística ao ensino de Língua Portuguesa para alunos do Ensino Fundamental II;
- estudar os aspectos formais e funcionais do gênero *entrevista*;
- propor atividades interventivas, por meio do gênero textual *entrevista*, que permitam aos educandos entenderem como a língua varia diafasicamente, para que ela seja mais bem usada em seus discursos cotidianos.

Diante do exposto, destaco a importância de se abordar, em sala de aula, a variação linguística e, de modo específico, a variação diafásica. Dessa forma, creio ser possível estabelecer com os educandos uma postura reflexiva em relação à língua que falam, principalmente quando se trabalha com um gênero textual bastante utilizado na sociedade, como a entrevista, seja de emprego, a uma pessoa pública etc.

Esta pesquisa se insere na metodologia de investigação qualitativa, sendo a pesquisa-ação o método procedimental escolhido para a intervenção pedagógica e a análise dos resultados, pois acredito que as investigações de professores acerca de suas próprias práticas têm potencial para a produção do conhecimento e a promoção de transformação social (ZEICHNER; DINIZ-PEREIRA, 2005).

A organização desta pesquisa compreende sete capítulos, além destas Considerações Iniciais. No capítulo 2, estabeleci um diálogo com trabalhos afins a este, acrescentando conhecimento e credibilidade ao tema estudado. No capítulo 3, trouxe a base teórica que fundamenta este estudo: a Sociolinguística, em sua vertente Educacional, que relaciona variação linguística, sociedade e educação. Nesse sentido, autores como Bagno (2000, 2007, 2015), Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2014), Faraco (2008), Geraldi et al (2012), Zilles e Faraco (2015), Mollica (2021) e Coelho et al. (2021) etc. contribuem para as propostas e análises feitas nesta pesquisa.

Igualmente importantes são os estudos dos gêneros textuais e de aspectos concernentes à oralidade e à escrita e, para tanto, baseio-me em autores como Medina (1986), Costa Val (1999), Fávero (2001), Marcuschi (2002, 2010, 2014),

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), Hoffnagel (2005), Antunes (2009), Koch e Elias (2010), Cavalcante (2011), Costa (2014), Bakhtin (2016) etc.

No capítulo 4, descrevi os procedimentos metodológicos adotados, com a apresentação dos dados sobre a escola em que a pesquisa foi desenvolvida, os participantes e as etapas do estudo. No capítulo 5, faço a análise dos dados obtidos. No capítulo 6, apresento as considerações finais sobre todo o trabalho realizado. Por fim, vêm as Referências bibliográficas, os Apêndices e os Anexos. A seguir, então, o capítulo de Revisão da Literatura.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para realizar esta pesquisa, inicialmente procedi a uma revisão da literatura, com uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) por produções acadêmicas que tivessem os mesmos temas deste estudo. Para tanto, foram pesquisados os descritores “oralidade”, “oralidade e ensino”, “ensino da adequação vocabular”, “variedades linguísticas”, “gênero entrevista” e “Sociolinguística Educacional”. Considerei o recorte temporal de 2016 a 2021, por ser um período de mudanças significativas no contexto sociopolítico e educacional brasileiro, com a instituição da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

As cinco dissertações escolhidas foram selecionadas entre as aproximadamente 150 que a busca retornou, dentro do recorte temporal estabelecido acima. Trata-se de estudos que ampliam a visão deste objeto de pesquisa, por auxiliarem nas análises sobre o ensino da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa, além de abordarem a importância de reforçar com o aluno o uso de variedades linguísticas, em vista de sua participação social.

A primeira dissertação a que me reporto é “Gênero oral em sala de aula: entrevista”, defendida por Heloísa da Costa Miranda, em 2016, junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa teve como objetivo geral contribuir para conscientizar aprendizes e professores da importância de um trabalho sistematizado com a linguagem oral. A autora objetivava mudar o cenário tradicional do ensino dos gêneros, que é de não dar destaque à oralidade, haja vista a carência de material didático-metodológico existente, além do pouco conhecimento do professor sobre como trabalhar os gêneros orais em sala de aula.

Miranda (2016) escolheu como objeto de análise o gênero *entrevista*, por ele desenvolver a consciência sobre oralidade e sua relação com a escrita e por estar próximo da realidade dos alunos; por isso, estes já têm uma noção geral das características compõem esse gênero. Assim, a pesquisa teve como foco reconhecer aspectos da fala no gênero *entrevista*, observando sua colaboração para a construção do texto falado por meio de propostas de atividades com alunos da Peja (Programa de Educação de Jovens e Adultos).

As atividades foram elaboradas a partir da entrevista NIG-A-2-M, extraída do Banco de Dados de Estudo Comparado dos Padrões de Concordância em Variedades Africanas, Brasileiras e Europeias, coordenado pelas professoras Silvia Rodrigues Vieira, Maria Antônia R. C. da Mota e Silvia Figueiredo Brandão. As referidas atividades contribuíram para a percepção do aluno sobre as características que constituem o gênero *entrevista*.

Miranda (2016) afirma que o trabalho com esse gênero possibilita a reflexão sobre o papel do entrevistador, o perfil do entrevistado, as estratégias adotadas pelos interlocutores para dar andamento às entrevistas ou ainda como as características da fala contribuem para a construção e a produção de sentido do texto. A autora adota como perspectiva metodológica a sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), que “busca fornecer elementos de interesse para o ensino da oralidade em sala de aula” (MIRANDA, 2016, p. 31).

Miranda (2016) considera surpreendentes os resultados de sua pesquisa, por ser algo inovador na escola e desafiador para o aluno. Segundo a autora, essa é “a oportunidade de refletir sobre as operações realizadas na passagem de um texto falado para um texto escrito, ampliando sua [dos alunos] consciência sobre o uso da língua em situações de interação” (MIRANDA, 2016, p. 83).

O estudo de Miranda (2016) encontra proximidade com este, no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem feito por meio de gêneros textuais, mas é preciso igualmente fazer um trabalho que desenvolva as habilidades linguísticas e discursivas dos aprendizes. A autora também destaca que pouco se faz com relação aos gêneros orais na escola e enfatiza a importância de atividades voltadas para a oralidade e para o texto: “para que essa prática pedagógica se efetive, é importante que o professor leve os seus alunos a compreender e perceber o que acontece durante o ato da produção oral a partir das condições de produção e percepção de texto” (MIRANDA, 2016, p. 27).

Outro ponto de concordância entre Miranda (2016) e esta pesquisa é a consideração de que os diversos tipos de entrevistas e seus diferentes propósitos desenvolvem uma variedade de propostas didáticas que levam o discente a uma reflexão sobre as práticas relacionadas ao seu cotidiano.

Por outro lado, há pontos divergentes entre as duas pesquisas, no que se refere à metodologia aplicada. Miranda (2016) sistematizou o gênero *entrevista* voltado para a sua compreensão e para a retextualização. Em seguida, as

produções retextualizadas dos alunos se tornaram objeto de análise nas aulas. Eu, entretanto, abordo a compreensão e adaptação da língua às necessidades de comunicação. Divergem também os sujeitos da pesquisa: Miranda (2016) trabalha com estudantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos, em um contexto de aplicação da proposta voltado para o mundo do trabalho, ao passo que os sujeitos desta pesquisa são alunos mais jovens, que ainda não são trabalhadores.

O segundo diálogo que estabeleço é com a dissertação “Práticas orais na disciplina de Língua Portuguesa: ensino do gênero entrevista de emprego”, defendida por Bianka Thompson Alves, em 2017, junto à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A pesquisa teve como objetivo geral apresentar uma proposta de atividade pedagógica com base no ensino do gênero *entrevista de emprego*, com vistas a ampliar a capacidade linguística do aluno, incentivando-o ao uso consciente, contextualizado, dos gêneros textuais orais formais.

Alves (2017), apoiada no modelo de sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), desenvolveu e aplicou uma atividade pedagógica em que trabalhou, em um primeiro momento, com rodas de conversa, para indagar sobre os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do gênero *entrevista de emprego*. Em seguida, a autora apresentou a definição desse gênero, suas principais características, como os interlocutores devem se portar nessa situação etc. Posteriormente, como produto, propôs aos alunos o desenvolvimento de dois vídeos que, ao simularem uma entrevista de emprego, atestassem o domínio dos conceitos apresentados anteriormente.

Segundo Alves (2017), os resultados foram excelentes, haja vista que, apesar da carência de acesso a determinados conhecimentos técnicos que estão inseridos no mercado de trabalho, os alunos se empenharam e alcançaram o objetivo de conhecer, usar e explorar condições comunicativas envolvendo escrita e oralidade, reconhecendo, por conseguinte, o valor e a aplicação social desse conhecimento.

Ao confrontar esta pesquisa com a de Alves (2017), identifiquei diversas congruências: ambos os trabalhos asseveram que o ensino da Língua Portuguesa – seja na modalidade escrita ou oral – deve ser executado em sala de aula, em ambiente escolar propício para receber e lidar com as individualidades, já que a língua está diretamente condicionada aos valores sociais e culturais de seus usuários. Dessa maneira, sou favorável ao que é defendido pela autora, ao

apontar que a língua materna carece de ser analisada na sua forma usual. Por conseguinte, tal prática educacional não deve ser enfocada em regras gramaticais e em situações descontextualizadas; é fundamental enxergar o domínio linguístico como uma ferramenta social. Ressaltamos também que ambas as modalidades devem ser ensinadas sem que uma tenha primazia sobre a outra, sendo-lhes dada igual importância, como apontado por Marcuschi (2010).

Ponto que, apesar da necessidade de se trabalhar a língua oral, na maior parte das vezes isso não é feito de forma pedagógica, efetivamente. Como afirma Alves (2017), é percebido que grande parte dos estudantes, ao terminarem o processo escolar, apresenta falhas quanto ao aprendizado da língua, principalmente ao que tange à modalidade oral, pois os processos de ensino atribuem maior valor aos aspectos instrumentais, quando comparados aos aspectos comunicativos. Outro ponto consensual entre a pesquisa de Alves e esta é o de que o “uso consciente, efetivo e criativo da fala, da leitura e da escrita permitem que a pessoa se encontre apta a refletir sobre a língua e suas regras” (ALVES, 2007, p.12). Em vista disso, evidencio que o ensino da língua deve partir de práticas de linguagem inseridas na realidade cultural e social do indivíduo, visando à inclusão social e ao empoderamento dos indivíduos.

Esses fundamentos levaram as duas pesquisas a um ponto em comum: a necessidade do desenvolvimento de uma proposta pedagógica que vislumbre “a ampliação dos usos formais da oralidade a partir de um gênero textual específico” (ALVES, 2007, p.12). Ambas optaram pelo gênero *entrevista* como base para a elaboração de uma sequência didática que estivesse de acordo com a sugestão apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que apontam tanto para os valores históricos quanto para os valores sociais da linguagem, bem como a atuação de forma conectada às práticas orais formais, despertando no aluno o uso consciente e reflexivo da sua língua.

Desta maneira, destaco a importância do trabalho de Alves (2007) para a elaboração deste estudo, visto que contribuiu para demonstrar que é fundamental conceder valor e importância à modalidade oral da língua, de forma que se faz preponderante repensar os materiais e métodos utilizados no processo de ensino-aprendizagem da língua materna. Fundamental também é compreender que a oralidade deve ser inserida nos ambientes escolares partindo de sua aplicação, sendo papel do docente escolher e adaptar o ensino dos gêneros textuais sob o

viés prático-social, priorizando em suas escolhas pedagógicas objetos próximos à realidade do aluno.

Por outro lado, esta pesquisa se distancia da de Alves (2017) com relação ao nível escolar dos alunos e o tipo de entrevista. Enquanto Alves (2017) enfocou a entrevista de emprego, este estudo utiliza o gênero *entrevista jornalística*, voltada à diversidade e relacionando-a às necessidades diversas das esferas sociais.

Dando continuidade ao diálogo com os pares, parto para o descritor “oralidade” e, para a primeira análise, apresento a dissertação de Grecineide Muniz da Silva Gardella, intitulada “Desafios da oralidade: um projeto de educação e adequação sociolinguística”, defendida em 2020 junto ao Profletras - Mestrado Profissional em Letras – na Universidade do Estado da Bahia. O objetivo principal da pesquisa é propiciar o reconhecimento de possíveis fenômenos da variação, que podem ocorrer na língua falada a partir da proposição, preparo e apresentação de oficinas e esquetes¹, de modo que leve o aluno a refletir sobre a importância da adequação da língua aos diferentes contextos sociais.

Gardella (2020) destaca o importante papel do professor de Língua Portuguesa para o desenvolvimento de propostas pedagógicas que contemplem as habilidades de escrita e de fala sem qualquer distinção. A autora preza a variedade linguística do aluno, afirmando que deve ser contemplada com atividades orais que despertem a capacidade de refletir, identificar e saber utilizá-la em benefício próprio. Diante de tal inquietação, Gardella (2020) idealizou uma proposta de intervenção em que acrescentou as “reflexões a respeito das singularidades da língua, em especial a falada, considerando que é nessa modalidade que as variedades presentes na língua são mais evidenciadas” (GARDELLA, 2020, p. 18).

Pautando seu trabalho em teóricos como Bagno (2003, 2005, 2009), Bortoni-Ricardo (2005, 2009), Faraco (2008) e Travaglia (2017), entre outros, a autora procurou compreender, “a partir dos conceitos da Sociolinguística, como

¹ Esquete é um “texto curto e breve, dialogado ou não, improvisado ou não, para rápidas encenações, geralmente cômicas, em teatro, rádio ou televisão. Trata-se de um texto com unidade dramática e com princípio, meio e fim bem determinados” (COSTA, 2014, p. 118).

ocorre o fenômeno da variação, e como ela se apresenta na fala do outro” (GARDELLA, 2020, p. 162).

Com a aplicação da sequência didática que propôs, a pesquisadora concluiu que o gênero *esquete* é um bom instrumento para estudo da língua materna, em especial a variação linguística. A autora sistematizou esse ensino trabalhando com os alunos o conceito de variação linguística, seus tipos, fatores que a influenciam e a sua ocorrência nos diversos níveis da língua. Também foram alvos de ensino o conceito de norma e alguns fenômenos linguísticos.

Para a pesquisadora, conhecer as variantes “padrão” e “não-padrão”, e quais delas são mais estigmatizadas e quais não são contribuiu para que os estudantes monitorassem mais suas falas, compreendessem o valor social das variantes e se expressassem melhor, principalmente em seu convívio. Com isso, os conhecimentos sobre a língua a partir das próprias experiências dos alunos confirmaram o quanto é importante desenvolver, na escola, atividades com gêneros da oralidade, direcionando os discentes a reflexões a respeito da linguagem e suas implicações sociais, combatendo a discriminação linguística.

O primeiro ponto em comum entre esta pesquisa e a de Gardella (2020) é o fato de ambas terem como prioridade o estudo da oralidade e as características linguísticas que nela se apresentam, o que se torna possível devido a um trabalho voltado para as variedades linguísticas. Além disso, a abordagem da adequação linguística aos diferentes contextos situacionais vai perfeitamente ao encontro deste estudo.

Outra semelhança entre as duas pesquisas está no fato de que pautamos nossas pesquisas na perspectiva sociolinguística. Bortoni-Ricardo (2005, p. 15) afirma que a escola “não pode continuar ignorando as diferenças sociolinguísticas”, muito menos privilegiar apenas a variedade linguística do grupo de prestígio, pois se a escola se abriu às diferentes classes sociais e econômicas, ela precisa dispor de atenção a todas as crianças que nelas se apresentam. É importante associar “um ensino de língua materna que possibilite o acesso do aluno à variedade padrão sem que isso implique o desprezo da variedade que o aluno traz do seu lugar de origem” (GARDELLA, 2020, p.29).

Por outro lado, a proposta de Gardella (2020) se afasta desta no que diz respeito ao gênero textual, pois, enquanto nesta pesquisa enfoco o gênero *entrevista*, a autora realizou uma sequência de oficinas pedagógicas que

consistiram em atividades orais e escritas, em que os conteúdos sobre variação linguística e as características do gênero discursivo *esquetes* foram sistematizados.

Outra dissertação com a qual estabeleço diálogo a respeito do ensino da oralidade é “A modalidade oral no ensino de Língua Portuguesa”, de Waldiana Feitosa de Lima Silva, defendida em 2018 junto ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Ceará. O objetivo do estudo é desenvolver a competência comunicativa oral dos alunos em práticas sociodiscursivas, para que possam alcançar a eficiência no processo de conversação ou interação pretendido.

Silva (2018) segue a proposta de ensino essencialmente interacional para a modalidade oral, seguindo a perspectiva dialógica de Bakhtin (1986). Segundo a autora, na sala de aula acontecem naturalmente inúmeras interações sociocomunicativas entre os alunos, e elas são extremamente favoráveis à aprendizagem porque as práticas discursivas reais contribuem para uma avaliação e conseqüentemente um aperfeiçoamento do discurso oral.

O estudo de Silva (2018) aborda também a mediação pautada na perspectiva sociointeracionista de Vygotsky (1988), corroborada pela perspectiva de Bakhtin, devido ao fato de que as palavras utilizadas pelos interlocutores precisam ser ressignificadas, por serem carregadas de ideologias dos falantes.

Portanto o ensino da oralidade em meio às práticas discursivas dos alunos mostra que a internalização do conhecimento linguístico, começa na condição externa do evento comunicativo, dá-se na transformação do processo interpessoal para o intrapessoal (SILVA, 2018, p. 18).

A autora apresenta como proposta pedagógica atividades seguindo as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as considerações de Marcuschi (2008). Silva (2018) organizou sua pesquisa por meio de gêneros orais como o depoimento, o relato pessoal, a conversação culta e o relato de opinião. Silva (2018) afirma que os diferentes contextos diversificam o propósito comunicativo, as ações dos interlocutores, os conteúdos e as características funcionais do discurso.

A aplicação dos trabalhos de Silva (2018) aconteceu em turmas do 9º ano de uma escola pública da rede estadual de Fortaleza, situada na periferia da

cidade. Segundo a pesquisadora, no início dos trabalhos, 50% dos alunos apresentavam pouca participação nas atividades orais e ainda outros 20% até se recusavam a fazê-las. Essa resistência foi um pouco prejudicial, mas não impediu que fosse desenvolvida a competência comunicativa dos estudantes. “A pesquisa mostrou que o aluno elevou sua autoestima linguística e se viu possuidor e ainda transformador de suas capacidades de expressão” (SILVA, 2018, p. 122).

Encontrei em Silva (2018) algumas convergências com este objeto de pesquisa. A pesquisadora trabalhou o gênero *conversação* nas perspectivas sociointeracionista e cognitivista, com interações interpessoais do discurso na perspectiva de Bakhtin e Vygotsky. Ela realizou um trabalho de conhecimento do histórico de vida dos alunos e atrelou a oralidade a aspectos da educação emocional, competência socioemocionais e interação emocional, com o objetivo de integração e desenvolvimento de relações sadias que, para a pesquisadora, são aquelas em que ambos os integrantes permanecem satisfeitos, apesar de suas diferenças.

Uma diferença entre este e o trabalho ora analisado surge quando Silva (2018) faz uso de elocuições verbais na sala de aula. A autora utilizou escuta e análise dos próprios discentes para reconhecimento das adequações necessárias às circunstâncias, ao passo que eu exponho escuta e análise de conversação de envolvidos dentro e fora da sala de aula.

Enfim, embora haja algum distanciamento, a leitura da pesquisa de Silva (2018) permitiu-me um amadurecimento para desenvolver a competência comunicativa dos discentes, para o uso da língua culta em exposições orais. Consegui, assim, conhecer estratégias eficazes de atividades interventivas orais. O diálogo fundamenta a linguagem, e o educando, mediante eventos de interação, pode protagonizar seu discurso oral, registrando e reformulando suas estruturas linguísticas conforme as intenções comunicativas pretendidas.

Outro trabalho afim a esta pesquisa é o de Francisca Erik Larisse Nogueira Lima, intitulado “A Variação Linguística em sala de aula: mote para uma superação do preconceito linguístico”. Trata-se de uma dissertação de Mestrado defendida em 2019 junto ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Unidade de Currais Novos.

A intervenção de Lima (2019) ocorreu em uma escola estadual localizada em Fortaleza – CE. A pesquisadora utilizou uma sequência didática capaz de

despertar o reconhecimento de que a língua varia no decorrer dos anos e de acordo com as características sociais dos falantes, como sua classe social, sexo, profissão etc. Além disso, a autora faz um importante trabalho contra o preconceito linguístico, quando demonstrou aos discentes que conhecer a língua portuguesa é muito mais que saber regras prescritivas. No decorrer da intervenção, os alunos produziram cartazes contra o preconceito linguístico e a favor do respeito às diferentes variedades linguísticas.

Lima (2019) considera positivos os resultados alcançados, pois houve progressos quanto ao conhecimento dos alunos sobre a variação da língua e à superação do preconceito linguístico em sala de aula. Eles passaram a compreender que as variedades linguísticas não são erros e devem ser respeitadas.

Como ponto de encontro entre Lima (2019) e minha pesquisa, destaco a concordância com a ideia de Bortoni-Ricardo (2005) de a escola não pode ignorar as variações da língua. Tanto alunos como educadores precisam

[...] se conscientizar de que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa, embora essas formas alternativas tenham propósitos comunicativos diferentes, sendo, portanto, recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Todavia, mesmo diante de suas peculiaridades linguísticas, os discentes precisam compreender as variedades prestigiadas socialmente, para não ficarem alheios às oportunidades oferecidas pela sociedade (LIMA, 2019, p.35).

Por outro lado, ao avaliar a proposta de intervenção de Lima (2019), reconheço que há um pequeno distanciamento com meus estudos, pois o preconceito linguístico não é o meu objeto de pesquisa, embora ele seja fundamental a este estudo também.

Em suma, a pesquisa de Lima (2019) oferece uma importante contribuição para este trabalho, por ter como objeto de estudo a variação linguística, demonstrando que é possível aos estudantes a adequação de sua linguagem às diferentes situações de fala.

Concluo este capítulo afirmando que estudar trabalhos que abordam temas próximos ao meu foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Todas as dissertações apresentadas buscam refletir sobre a variação linguística e sobre a relevância do ensino da oralidade. O objetivo comum é contribuir para o ensino

das modalidades oral e escrita da língua, levando os alunos a perceberem a sua inter-relação, além de sua importância na comunicação cotidiana.

No próximo capítulo, apresento os referenciais teóricos que embasam este estudo.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresento o referencial teórico que embasa as análises feitas nesta pesquisa, com seus principais conceitos, estabelecidos por alguns dos pesquisadores notáveis em cada uma das áreas que abrangem este estudo.

Primeiramente, discuto a variação que existe no português e em todas as línguas naturais (seção 3.1), estudadas pela Sociolinguística (seção 3.2) e sua vertente Educacional (seção 3.3). Igualmente importante e relacionado aos usos da língua está o preconceito linguístico seção 3.4, que surge da avaliação social das variedades linguísticas e de seus usuários.

Em seguida, apresento os gêneros textuais e seu ensino (seção 3.5); a oralidade e sua relevância social (seção 3.6); e, por fim, o ensino dos gêneros orais, especificamente, a entrevista (seção 3.7).

3.1. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação é inerente a todas as línguas naturais, dando-lhes a sua característica principal: a heterogeneidade. A variação se origina de fatores linguísticos - fonético-fonológicos, morfossintáticos, semânticos, lexicais - e/ou extralinguísticos – o estilo e o contexto da comunicação; as características dos interlocutores, como o seu sexo, a idade, o nível de escolaridade, status socioeconômico, a profissão, a etnia, a religião etc.; e a localização geográfica, a história e a cultura da comunidade linguística, entre outras (COELHO, 2021).

Dessa forma, a variação linguística pode proporcionar indicativos muito precisos sobre o comportamento linguístico dos falantes da língua: todos eles variam seu modo de falar, de uma maneira mais ou menos consciente, conforme a situação de interação na qual se encontram (BORTONI-RICARDO, 2004; BAGNO, 2007). O contexto da conversação pode apresentar uma carga de maior ou menor formalidade, tensão psicológica, pressão por parte do(s) interlocutor(es) e do ambiente, (in)segurança ou autoconfiança, o que implica diferentes graus de monitoramento por parte do falante.

Monitoramento e formalização se relacionam: o monitoramento se refere à reflexão sobre as normas linguísticas em uso, enquanto a formalização diz respeito à imposição de uma norma padrão fixa e inflexível (BAGNO, 2007).

Desta forma, o estudo do monitoramento e da formalização ajuda na compreensão de como a língua é utilizada nas modalidades oral e escrita, promovendo a conscientização sobre preconceitos linguísticos e a valorização de todas as formas de expressão linguística.

Pelo exposto, é possível verificar que a variação linguística é composta pelos aspectos estruturais, contextuais e sociais da língua e de seus falantes. Por isso ela é inerente a toda língua natural, como disse. Isso posto, parece claro que, ao se caracterizar, se estudar e se ensinar uma língua, a sua heterogeneidade seja levada em consideração.

Intrinsecamente relacionada à variação linguística estão as variedades, compostas pelas variáveis e suas variantes. As variantes são diferentes formas linguísticas para expressar a mesma *coisa*. Um exemplo lexical muito conhecido são a abóbora e o jerimum. A variável é formada por duas ou mais variantes. Um exemplo fonético-fonológico é a variável /s/ em final de palavra, que pode ser pronunciada como a variante [s] ou a variante [ʃ] (o 'x' pronunciado por cariocas, por exemplo). Dessa forma, repito, as variáveis e suas variantes conformam as variedades linguísticas.

Cada variedade de uma língua é constituída por várias normas, que são, conforme FARACO (2008, p. 40), "um conjunto de fatores linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade". Assim, em uma sociedade, há inúmeras normas linguísticas: as de comunidades urbanas, as de comunidades rurais, as de periferias urbanas, dos grupos letrados, dos grupos de jovens, de adolescentes urbanos etc. Como ocorrem simultaneamente, o mesmo falante domina mais de uma norma.

Para Faraco (2008), as normas representam diferentes níveis de formalidade linguística e são importantes de serem trabalhadas em sala de aula porque ajuda os educandos a se comunicar de forma clara, adequada e eficaz em diferentes contextos sociais e profissionais.

Destaco, por fim, a importância também do trabalho com as variantes linguísticas para esta pesquisa, uma vez que os alunos precisam compreender a diversidade linguística, para se adaptar às diferentes variedades da língua, promovendo a inclusão e principalmente o respeito sociolinguístico. A variação linguística é o objeto de estudo da Sociolinguística, e é ela que abordarei na próxima seção.

3.1.1 A teoria sociolinguística

A variação linguística é um fato que já havia sido percebido há muito tempo por estudiosos e leigos. Entretanto, coube aos sociolinguistas a tarefa de sistematizá-la.

O início do empreendimento sociolinguístico teve origem em 1964, quando William Bright organizou um congresso, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (UCLA), reunindo pesquisadores destacados, como Dell Hymes, Einar Haugen, John Fisher, John Gumperz, William Labov e outros. O objetivo era discutir a intrínseca relação entre língua e sociedade. Os resultados da discussão foram reunidos em um livro, publicado em 1966 por Bright. Nascia assim o que seria depois conhecido como Sociolinguística ou Teoria da Variação e Mudança Linguística, cujo expoente é o americano William Labov.

Labov inicia seus estudos linguísticos com sua pesquisa de Mestrado, concluída em 1963, em que aborda a variação e a mudança do inglês falado na Ilha de Martha's Vineyard, localizada no estado de Massachussets, Estados Unidos. Nessa investigação, o autor analisa a influência de fatores sociais para a mudança que estava ocorrendo no comportamento linguístico dos moradores da ilha. Em trabalhos posteriores, Labov e seus colaboradores fazem avançar os estudos que sustentam a língua como prática social², dando forma às futuras pesquisas sociolinguísticas. Como afirma Mollica (2021),

A Sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo (MOLLICA, 2021, p. 9).

A Sociolinguística leva em conta o meio social, que é o cenário onde se dão as interações e as práticas socioculturais, fato que nos permite associar a variação linguística aos costumes, valores e convenções próprias de cada

² Meillet, Bakhtin e integrantes do Círculo Linguístico de Praga já concebiam a língua como um fato social. Esses estudiosos “levaram em conta o conhecimento sociocultural e a comunidade de fala em suas pesquisas linguísticas, ou seja, não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 211). Entretanto, coube aos sociolinguistas a tarefa de dar início às pesquisas que tomam a linguagem e as comunidades de fala como fontes de investigação.

comunidade. Pensar assim é compreender que sociedade e língua estão intrinsecamente ligadas, conforme Bagno (2007):

O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra (BAGNO, 2007, p. 38).

Portanto, a Sociolinguística se interessa por temas que dizem respeito às comunidades e os usos que fazem da língua; e a como a linguagem está relacionada a aspectos linguísticos e extralinguísticos, individuais e sociais. Dentro desse escopo, a Sociolinguística, atualmente, está ramificada em diferentes vertentes, como se pode observar pelos eixos temáticos do Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll)³: 1 - Variação e mudança linguísticas; 2 - Contato, variação e identidade; 3 - Sociolinguística e ensino; 4 – Questões teóricas e metodológicas. Desses quatro eixos, o terceiro é especial para esta pesquisa: tratar a variação, as variedades e os usos da língua dentro do debate sobre o ensino da língua portuguesa. Este é o tema da próxima seção.

3.1.2 A sociolinguística educacional

Alguns sociolinguistas brasileiros, preocupados com o ensino da língua portuguesa principalmente a estudantes das camadas mais pobres da sociedade, dedicaram suas pesquisas para aplicar os conceitos da Sociolinguística ao ensino do português:

Denominei Sociolinguística Educacional o esforço de aplicação dos resultados das pesquisas sociolinguísticas na solução dos problemas educacionais e em propostas de trabalho pedagógico mais efetivas. Para isso, o paradigma incorpora resultados de estudos sociolinguísticos quantitativos e qualitativos, enriquecendo-os com subsídios oriundos de áreas afins, como a pragmática, a linguística do texto, a linguística aplicada e a análise do discurso (BORTONI-RICARDO, 2005, p.158).

O objetivo da Sociolinguística Educacional (SE) é contribuir para a melhoria do ensino de Língua Portuguesa, ao desenvolver a competência comunicativa dos

³ Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/sociolinguistica/wp-content/uploads/sites/38/2023/06/Plano-de-trabalho-2021-a-2023-GT-de-Sociolinguistica-GTS.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

estudantes, levando em consideração a sua realidade sociolinguística. Para isso, a SE incita o professor de Língua Portuguesa a perceber as diferentes realidades sociolinguísticas que existem no âmbito social e escolar.

Quando o professor trabalha com a variação linguística nas aulas de Português, ele possibilita aos alunos uma visão diferenciada a respeito da língua, de maneira que eles vejam sua dinamicidade e seu constante processo de mudança. Bortoni-Ricardo (2005) ressalta que é papel do professor mostrar aos discentes que é possível utilizar diferentes formas de falar sobre algo, ou seja, fazer uso adequado da língua conforme a necessidade comunicativa, considerando a diversidade cultural dos grupos, a partir da formação histórica das comunidades.

Outro aspecto a ser destacado é o fato de as pessoas revelarem perfis linguísticos diferentes em sociedades complexas, necessitando assumir inúmeros papéis no que se refere a eventos ligados à fala. Dessa forma, o professor precisa tomar como referência as diversas experiências comunicativas dos alunos e os papéis sociais que desempenham, aspirando expor práticas de letramento variadas. Para tanto, o professor precisa conhecer a realidade sociolinguística dos alunos e da comunidade onde está atuando, além de ter embasamento científico e domínio conceitual acerca da linguagem em seu funcionamento social, para não levar para sala reflexões de forma superficial, segundo o senso comum (COELHO et al., 2021).

O que está posto aqui não implica dizer que a escola não deva ensinar a variedade culta, utilizada pela camada mais escolarizada da sociedade, pela mídia e pelos Poderes Públicos, pelo contrário. Mas o professor também precisa capacitar o aluno a ser proficiente em sua própria variedade linguística, para que possa adequar sua linguagem às diferentes situações com que se depara no cotidiano. Além disso, o respeito às variedades da língua é necessário, e o educando só terá essa consciência a partir de reflexões sobre essas diferenças, de forma crítica e sensível.

Dessa forma, o professor precisa mostrar aos estudantes os modos de expressão mais apropriados em determinados contextos de uso, reforçando o papel da escola e dos professores de não apenas aceitar a diversidade, mas trabalhá-la de forma crítica e científica.

Stella-Maris Bortoni-Ricardo, uma das primeiras sociolinguistas brasileiras que se preocuparam com os desafios do ensino da Língua Portuguesa, afirma que a tarefa da Sociolinguística Educacional é promover esse ensino de forma produtiva:

O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola – de professores e alunos – e da sociedade em geral. Para tal mudança de postura, todavia, a descrição das regras variáveis é uma etapa preliminar e importante. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 130).

Nessa perspectiva, a Sociolinguística Educacional colabora em muitos aspectos para desenvolver o ensino da língua de uma maneira inclusiva, plural e democrática, levando em consideração a variedade linguística do aluno e de sua família, mas sem deixar de lado o ensino reflexivo e crítico da norma culta e sua importância para a competência do educando. Ademais, é importante o seu estudo para um combate efetivo ao preconceito linguístico.

Com relação ao preconceito, quando ele está associado a aspectos sociais, raciais, religiosos, contra gordos, contra estrangeiros, contra deficientes físicos etc., são práticas inaceitáveis. Entretanto, o preconceito linguístico, que é o julgamento que desvaloriza todas as variedades linguísticas que não sejam as prestigiadas, é veiculado na/pela sociedade e permeia o espaço escolar.

Embora, em nosso país, todos tenham em mente que a língua varia em termos de tempo e de espaço geográfico; de sexo e idade dos falantes etc., ocorrem situações em que as diferenças linguísticas motivam insultos, ridicularizações e marginalizações para os não usuários das variedades utilizadas pelas camadas mais altas da população. Segundo Geraldi (2012, p.49), “(...) a variação é vista como desvio, deturpação de um protótipo. Quem fala diferente [do português considerado culto] fala errado”.

O mais grave do preconceito linguístico é que ele não é alvo de críticas, pelo contrário: é estimulado, especialmente na escola, sob a alegação de que é seu dever ensinar as variedades cultas do português. Entretanto, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) eram a favor do cuidado e da valorização da diversidade linguística nacional. Esse documento pontuava que “Há [...] muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e

ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática” (BRASIL, 1998, p. 31). Portanto, está estipulado oficialmente que a variação linguística deve ser objeto de ensino na escola.

Também é preciso atenção para o desenvolvimento da capacidade comunicativa dos estudantes, na escola. Segundo Bagno (2015), é preciso conscientizar-se de que todo falante nativo de uma língua é um usuário competente dela. Dessa forma, não existe língua errada, mas sim a utilização da língua em um contexto indevido. Em outras palavras, cada variedade é adequada às diferentes situações de uso em que o indivíduo está inserido.

É preciso atentar para o fato de que o ensino tradicional, de certa forma, exclui não somente as formas linguísticas dos estudantes, mas eles mesmos, por sentirem que há um distanciamento entre sua fala e o que lhe é ensinado na sala de aula. Por essa razão, é necessário estudar a fundo, nas aulas de língua, a diversidade linguística existente em nosso país, considerando que a ausência de conhecimento apenas colabora para a continuidade do preconceito e, conseqüentemente, dos problemas que ele pode acarretar aos estudantes, tanto no nível pessoal quanto no nível do processo de ensino e aprendizagem da língua que falamos.

Portanto, o preconceito linguístico pode e deve ser minimizado com ações desenvolvidas na sociedade e na escola, a qual deve deixar de lado o ensino coercitivo da língua e passar aos alunos e seus familiares informações corretas e sensatas a respeito dos fenômenos linguísticos variáveis. O ensino de Português não deve querer interromper o fluxo natural da expressão e da comunicação com uma atitude corretiva, cuja consequência inevitável é a criação de um sentimento de incapacidade e incompetência, nos estudantes.

Diante do exposto, tem-se que o combate ao preconceito linguístico parte de um trabalho de valorização das variedades linguísticas dos alunos, para, a partir delas, ensinar as variedades prestigiadas socialmente. Afinal, todas as variedades são igualmente boas e válidas à comunicação, não devendo ser vistas como um empecilho à aprendizagem.

Na próxima seção, apresento os principais tópicos, para esta pesquisa, sobre os Gêneros Textuais e seu ensino.

3.2. OS GÊNEROS TEXTUAIS E SEU ENSINO

A comunicação humana se dá, oralmente ou por escrito, por meio de gêneros, e os falantes detêm um infindável repertório deles. Mesmo em uma conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso.

Bakhtin (2016) afirma que a linguagem se dá na interação social, na qual o discurso não se constrói no próprio discurso, mas se elabora em função do outro. Segundo Bakhtin (2016), os gêneros do discurso⁴ são “relativamente estáveis”. Assim, de acordo com a necessidade social ou a realidade vivenciada pelos usuários da língua, os discursos conservam algumas características que lhe são peculiares, para que os falantes possam identificá-los. Caso contrário, a comunicação ficaria comprometida, pois construiríamos cada um de nossos enunciados no momento de falar e/ou escrever, sem adaptarmos nossa intenção comunicativa aos gêneros já existentes. Por conseguinte, os gêneros são utilizados como meio de articular as práticas sociais (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004).

Dessa forma, faz-se essencial o conhecimento e a compreensão dos diversos gêneros, visando a ações linguísticas sobre a realidade, em que as capacidades discursivas serão ampliadas e refletidas no mundo, considerando ser essa indispensável para a convivência em sociedade. Esta é uma das tarefas da escola: facilitar aos alunos a apreensão das características dos diferentes textos, bem como sua produção.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) destacam a importância do ensino dos gêneros nas aulas de língua materna. Esses autores afirmam que a abordagem e o estudo da língua devem ser feitos por meio de textos e sugerem que sejam utilizados, em sala de aula, diferentes gêneros textuais, tanto orais quanto escritos.

A mesma opinião tem Marcuschi (2002): os gêneros precisam de atenção e análise, e é no espaço escolar que deve ser realizado um trabalho cuidadoso com os gêneros textuais, para assim melhorar o desempenho dos alunos tanto na

⁴ Bakhtin (2016) utiliza a expressão “gêneros do discurso”, em vez de “gêneros textuais”. Muitos linguistas, como Koch e Elias (2010) e Marcuschi (2014), embasaram-se na teoria de Bakhtin, mas consideraram mais apropriado o termo “gêneros textuais”, em vez de “gêneros do discurso”. Nesta pesquisa, adoto os termos “gêneros textuais”, seguindo Koch e Elias (2010) e Marcuschi (2014).

leitura quanto na escrita. Esse estudo deve dar-se numa perspectiva multidisciplinar, em que os gêneros textuais são vistos em sua funcionalidade nas práticas de atividades culturais e sociais (MARCUSCHI, 2014).

Antunes (2009) também defende a necessidade de a língua oral e a escrita serem o eixo do ensino e de se incluir o estudo de gêneros como meta para a ampliação da competência comunicativa dos alunos. Assim, cabe ao educador uma mudança de perspectiva, que afeta a concepção de gramática e de texto:

É evidente que, se não se consegue descobrir o texto e suas regularidades, também não se descobre a língua na sua dimensão funcional de atividade interativa. Daí que continua, em grande parte das escolas, a experiência inócua e frustrante de um estudo de língua que parece esgotar-se em exercícios de classe e deveres de casa, que pouco ou nada têm de discursivos, de textuais, de interativos, de funcionais. Na verdade, como se tem apregoado, literariamente ou não, uma é a língua que se fala; outra a que se estuda na escola (às vezes nem parece língua!) (ANTUNES, 2009, p. 53).

Tais ideias se coadunam com a proposta dos PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) e da BNCC (BRASIL, 2018), que destacam a importância dos gêneros como ferramenta de ensino de leitura e de produção de texto. Nessa lógica, as aulas de língua materna devem proporcionar aos educandos a possibilidade de se tornarem capazes de aprender diferentes gêneros que circulam socialmente, de assumir a palavra como cidadãos e de produzir textos eficazes nas mais variadas situações de interação social.

3.2.1. O gênero textual *entrevista*

A entrevista é um gênero textual que consiste em uma conversa estruturada entre um entrevistador e um entrevistado, com o objetivo de obter informações, opiniões ou esclarecimentos sobre um determinado tema. Costa (2014) define a entrevista como

Colóquio ou conversa/conversação entre pessoas em local combinado para obtenção de maiores informações, esclarecimentos, avaliações, opiniões, etc., sobre pessoas ou instituições, como acontece, por exemplo, numa entrevista de emprego ou concorrência pública ou privada (COSTA, 2014, p. 115).

A entrevista está presente em várias interações orais do cotidiano. A maioria das pessoas já passou por uma entrevista e/ou já assistiu a diferentes tipos de entrevistas, pessoalmente ou veiculadas nos meios de comunicação: a jornalística, a médica, a científica e a de emprego, entre outras. A característica de pergunta-resposta da entrevista promove interações que permitem a troca de informações, o esclarecimento de dúvidas e a criação de um diálogo que pode levar a inúmeras descobertas.

Hoffnagel (2005) destaca uma característica específica das entrevistas midiáticas, orais e escritas: além do entrevistador e do entrevistado como principais participantes, há também a audiência (ouvintes, espectadores e leitores). Há também outros aspectos importantes com relação a esse gênero. Por exemplo, nas entrevistas midiáticas, existe a presença de um veículo de comunicação, como rádio, televisão ou internet. Nas entrevistas orais, a interação ocorre de forma direta e presencial, ao passo que, nas escritas, a comunicação se efetiva de forma distante espacialmente, como nos jornais, revistas ou blogs. Cada uma dessas modalidades possui suas particularidades em termos de estrutura, linguagem e formato.

As entrevistas também se diferenciam conforme variam os seus objetivos (BUCCI, 2000). Tem-se, assim, a entrevista de "ilustração", na qual são elencados os aspectos biográficos do entrevistado, registrando suas tendências, ideias, local de residência e modo de falar, entre outros; a conferência de imprensa, que é uma forma de comunicação institucional em que uma fonte oficial se pronuncia perante um grupo de jornalistas; a entrevista jornalística, que é uma interação entre o jornalista e uma fonte, com o objetivo de obter informações e produzir uma reportagem; a entrevista de opinião, em que o foco está nas opiniões e análises do entrevistado sobre determinado assunto; etc.

Em uma entrevista, o entrevistador a abre e a fecha, faz perguntas, levanta a palavra do outro, estimula a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reorienta a interação. O entrevistado, uma vez que aceita a situação, é instado a responder e fornecer as informações solicitadas (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). Por isso, a entrevista quebra isolamentos grupais, individuais e sociais. Pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 1986). Segundo Hoffnagel (2005),

A entrevista já se tornou uma força poderosa na sociedade moderna. Desde muito cedo enfrentamos perguntas colocadas por educadores, psicólogos, pesquisadores da opinião pública, médicos e empregadores. Escutamos, assistimos e lemos entrevistas na mídia. Nossa habilidade em desenvolver o papel de entrevistado influi em nosso sucesso nos campos de educação e trabalho; nossas respostas ajudam a determinar se recebemos serviços básicos como, por exemplo, empréstimos bancários ou pagamento de benefícios (HOFFNAGEL, 2005, p.180).

Dadas as características e as potencialidades do gênero *entrevista* para desenvolver a capacidade de comunicação das pessoas, faz-se muito importante o seu trabalho nas aulas de Língua Portuguesa. Para Hoffnagel (2005), esse gênero facilita o estudo da língua portuguesa em sala de aula. O mesmo advoga Schneuwly e Dolz (2004, p. 73), para quem a entrevista é “uma prática de linguagem altamente padronizada, que implica expectativas da parte dos interlocutores [e isso] constitui um meio para desenvolver o comportamento interativo verbal dos alunos”.

Schneuwly e Dolz (2004) expõem três dimensões essenciais do ensino do gênero *entrevista*: a primeira é a importância do entrevistador para esse gênero textual, pois ele age como o mediador da conversa, tendo o papel de iniciá-la e fechá-la, motivando o entrevistado a responder às questões abordadas.

A segunda dimensão diz respeito a como a entrevista se constitui, compreendendo que ela se divide em três partes, segundo os autores: abertura, fase de questionamento ou núcleo e fechamento. Por fim, a terceira dimensão compete à compreensão de como decorre a entrevista: as mudanças de turno, a formulação de questões e as estratégias utilizadas pelo entrevistador para possibilitar o andamento da conversa.

Com esse entendimento e considerando as potencialidades de desenvolvimento das capacidades de linguagem dos alunos, o professor precisa conhecer as especificidades do gênero para utilizá-lo como um instrumento para os alunos adquirirem conhecimentos: “quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 76).

Do mesmo modo, corroboram as reflexões dos autores citados as Competências Específicas de Língua Portuguesa 3 e 7 para o Ensino Fundamental da BNCC (BRASIL, 2018), que visam, respectivamente, a

“ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo”; [e] “reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias” (BRASIL, 2018, p. 85).

Diante do que foi aqui apresentado, pode-se notar que o gênero *entrevista* é um meio eficaz para os professores atingirem o objetivo de promover e ampliar a participação do aluno em práticas de linguagem – oralidade, leitura/escuta e produção escrita –, pois possibilita o desenvolvimento de capacidades de uso da língua nas diferentes esferas/campos das atividades humanas.

Encerro este item com a observação de que um ensino eficaz da língua materna envolve não apenas o conhecimento teórico dos fenômenos ensinados - embora esse conhecimento seja fundamental para o sucesso da tarefa de ensinar -, mas também estar com o olhar e o ouvido atentos para os discentes e seu entorno. Esse acercamento garante a confiança e a cumplicidade que envolve todas as relações humanas, especialmente as que se dão entre professores e alunos. A seguir, abordo outro item essencial a esta pesquisa: o ensino da oralidade.

3.3. A ORALIDADE E SEU ENSINO

É mediante a interação verbal que usamos a língua de fato (BAKHTIN, 1997). Dessa maneira, a oralidade é tão importante quanto a escrita⁵, para a comunicação humana. Segundo a perspectiva Bakhtiniana, ouvimos e produzimos enunciados orais, concretos e únicos, provindos das mais diferentes situações da atividade humana. Nesse sentido, é importante fazer uma reflexão e um treinamento para melhor desenvolver nosso desempenho linguístico oral e, por conseguinte, melhor usarmos a língua, de acordo com os diversos contextos nos quais nos inserimos. Fazer uso eficiente da oralidade nos ajuda a compreender o outro e nos faz sermos compreendidos.

Nessa perspectiva, é necessário o trabalho com o texto oral, nas aulas de língua, para favorecer uma reflexão sobre as condições de produção desses

⁵ Nesta dissertação, não é de interesse o aprofundamento das diferenças entre a língua oral e a escrita. Para uma discussão sobre elas, cf., por exemplo, Koch (2010).

textos, além de desenvolver nos discentes suas próprias habilidades quanto à oralidade. Dessa forma, concordo com Bortoni-Ricardo (2004), quando afirma que a escola precisa facilitar o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos alunos, já que elas contribuem para o bom desempenho dos estudantes nos diversos contextos de participação social que envolvam o uso da modalidade oral da língua. Essa ideia também se coaduna com o que apregoam os PCN:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (BRASIL, 1998, p. 67).

Os PCN, coerentes com a concepção de linguagem como forma de interação, vêm impulsionando, nas últimas décadas, um novo olhar para o ensino da oralidade em sala de aula. Atualmente, a BNCC (BRASIL, 2018) contempla orientações já expostas nos PCN, compreendendo a linguagem como processo de interação entre sujeitos posicionados socialmente, um processo que ocorre com finalidades específicas nas mais diversas situações e práticas sociais.

Diante do exposto, saliento que o trabalho com a oralidade na sala de aula é de fundamental importância para a formação dos alunos enquanto falantes plenos de português e como cidadãos de uma sociedade em que serão protagonistas.

Tendo apresentado os principais pressupostos que embasam esta pesquisa, no próximo capítulo, descrevo os procedimentos metodológicos aqui adotados.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresento os percursos metodológicos desta investigação. Ela se enquadra no âmbito da pesquisa qualitativa, sob o enfoque da pesquisa-ação, pois nela pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 2011).

Na seção 4.1, apresento a escola e os estudantes que participaram da pesquisa e, na seção 4.2, explano as etapas deste estudo.

4.1 CONTEXTO DE PESQUISA – A ESCOLA E OS PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em uma escola localizada no município de Rio Novo do Sul – ES, cidade com população de 11.630 habitantes, segundo estimativas do IBGE de 2021. Pouco mais da metade dessas pessoas vive na sede do município, que é formado, atualmente, por descendentes de escravizados africanos e de imigrantes alemães, austríacos, belgas, chineses, franceses, holandeses, italianos, portugueses e suíços. Dessa forma, a diversidade étnica e cultural está presente na vida e no cotidiano dos alunos.

Os sujeitos da pesquisa são 42 alunos⁶ de duas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, sendo 22 meninas e 20 meninos, com idades entre treze e quatorze anos, pertencentes à classe média baixa. Muitos estudantes são filhos de agricultores, trabalhadores do comércio, funcionários públicos e empregados das empresas de mármore e granito, que são abundantes no município e nas redondezas.

Os alunos atendidos pela unidade escolar são moradores da Sede e também das comunidades em redor: Cachoeirinha, Capim Angola, Couro dos Monos, Itataíba, Mundo Novo, Pau D’alho, Quarteirão, Santa Cruz, Santo Antônio, São Caetano, São Domingos, São Francisco, São José, Santa Rita e São Vicente. Há também estudantes de comunidades de municípios vizinhos, como Itapemirim e Vargem Alta.

⁶ As duas turmas contam com 45 alunos, mas três deles não se dispuseram a participar do estudo, ficando a pesquisa, portanto, com 42 participantes.

Observo na escola muitos problemas de ordem social e familiar, fato que repercute na convivência escolar e na aprendizagem: há alunos com defasagem idade/série, com problemas de socialização e de disciplina durante as aulas.

A escola também atende alunos especiais, com surdez, transtorno do espectro autista, deficiência intelectual, deficiência física, Síndrome de Down e esquizofrenia, que estão inseridos em sala de aula e que, na maioria dos casos, não são alfabetizados, requerendo uma atenção diferenciada quanto ao conteúdo aplicado em sala.

Após a identificação do *locus* e dos sujeitos da pesquisa, dou continuidade, na seção seguinte, à explanação das etapas da pesquisa.

4.2 AS ETAPAS DA PESQUISA

Lecionando há mais de quinze anos nos ensinos fundamental e médio, vivencio diariamente muitos desafios em relação ao ensino da Língua Portuguesa. Entre eles, destaco o trabalho com a oralidade, uma vez que, embora os documentos oficiais, como os PCN e a BNCC frisem esse ensino, os suportes didáticos não oferecem um bom trabalho porque a escrita tem sempre a primazia nesses materiais.

Além disso, uma grande parte dos alunos da escola manifesta dificuldades em adequar sua linguagem a diferentes circunstâncias comunicativas, especialmente àquelas que exigem maior formalidade, com a utilização da variedade culta da língua. Desse modo, pensei em uma proposta pedagógica que aprimorasse a competência comunicativa dos alunos.

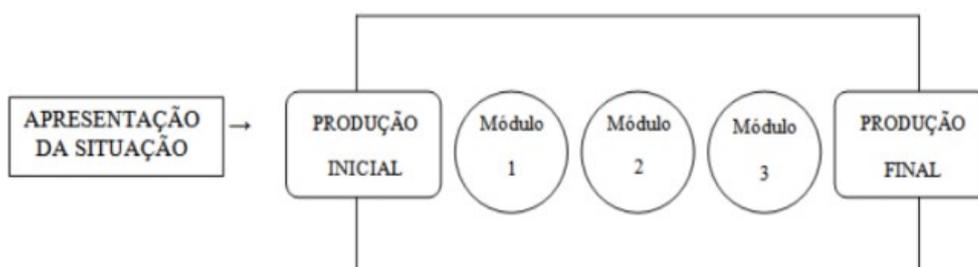
Como instrumentos para a geração de dados, foi aplicado, primeiramente, um questionário socioeconômico e cultural aos alunos. Esses dados servem de base para uma melhor compreensão do contexto sociocultural e linguístico dos educandos e das respectivas famílias. Após esse levantamento, com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), foi elaborada uma sequência didática para o ensino do gênero textual *entrevista*, com o propósito de levar os alunos à compreensão de tal gênero, bem como das variações da língua.

A proposta interventiva vai ao encontro do que propõe Bortoni-Ricardo (2005), quando menciona que é importante trabalhar com os discentes a habilidade linguística de adequação da linguagem por monitoramento da fala:

[...] a tarefa da escola está justamente em facilitar a incorporação ao repertório linguístico dos alunos de recursos comunicativos que lhes permitam empregar com segurança os estilos monitorados da língua que exigem mais atenção e maior grau de planejamento (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 131).

Para o desenvolvimento da prática educativa, abordei os conteúdos de variantes linguísticas e do gênero textual *entrevista* que constam nas orientações curriculares do primeiro trimestre do oitavo ano. Foram realizadas atividades individuais e em grupos, com enfoque no desenvolvimento das capacidades linguísticas e comunicativas dos estudantes. O foco é um trabalho voltado à reflexão do aluno sobre a própria língua e as variações inerentes a ela. Para a organização das atividades realizadas durante a aplicação da proposta de intervenção, utilizei a sequência didática para o ensino de gêneros textuais proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Sequência didática, de acordo com esses autores, “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Dessa forma, uma sequência didática objetiva ajudar os alunos a se apropriarem de um determinado gênero textual. Ela pode ser representada conforme o seguinte esquema:



Fonte: Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 97.

Para a realização das etapas da proposta de intervenção, foram necessários xerografados, notebook e datashow. A proposta pedagógica foi assim distribuída:

Apresentação da situação: nesta etapa, ocorre a introdução do que se quer trabalhar com os discentes. No caso desta pesquisa, transmiti partes de entrevistas em datashow, seguidas por uma roda de conversa para explorar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema e para identificar as características do gênero *entrevista*. A situação inicial foi propícia para eu explicitar um pouco da teoria sobre esse gênero, a (in)formalidade dos contextos situacionais e a importância tanto da oralidade quanto da escrita nas entrevistas. A duração desta etapa foi de três aulas.

Produção inicial – A produção inicial, como o nome já informa, é o primeiro resultado da intervenção do professor com o grupo de alunos, que deverá ser trabalhado e melhorado no decorrer das aulas. A produção inicial deste estudo consistiu na retomada da discussão anterior sobre o gênero *entrevista*, lembrando definições sobre o tema. Com base nesse material, posteriormente os estudantes realizaram entrevistas em duplas, utilizando como contexto a gestão de uma padaria de sucesso na cidade. A duração desta etapa foi de duas aulas.

Nos módulos subsequentes à produção inicial, ocorrem as etapas necessárias ao desenvolvimento e conclusão de toda a proposta.

Módulo 1 – no caso deste estudo, no módulo 1 ocorreram as apresentações das entrevistas elaboradas pelos estudantes anteriormente, atentando-se para a adequação da linguagem ao contexto, as posturas mais adequadas ao entrevistador e ao entrevistado etc. Este módulo teve a duração de duas aulas.

Módulo 2 – este módulo foi destinado à preparação e gravação de entrevistas reais dos estudantes com profissionais que residem no município de Rio Novo do Sul. O módulo 2 teve a duração de três aulas.

Módulo 3 – este módulo se destinou à apresentação dos vídeos das entrevistas realizadas, com uma nova roda de conversa para troca de experiências e análises das diferentes linguagens utilizadas durante as entrevistas. Sua duração foi de duas aulas.

Módulo 4 – neste módulo, fizemos a análise de entrevistas reais com diferentes objetivos e públicos, como políticos, cantores, adolescentes, crianças, escritores e artistas. O intuito era que os estudantes percebessem as diferenças entre a linguagem empregada em cada uma dessas situações. Sua duração foi de duas aulas.

Módulo 5 – o módulo 5 destinou-se à avaliação da consolidação das informações sobre adequação linguística à situação de comunicação, com a elaboração e gravação de mais entrevistas, em duplas de estudantes. A duração deste módulo foi de duas aulas.

Módulo 6 – Neste módulo, foram exibidas, discutidas e avaliadas as gravações das entrevistas produzidas no módulo 5. Ao final das apresentações os discentes atribuíram uma nota, levando em consideração todos os aspectos estudados sobre o gênero *entrevista* e a adequação da linguagem utilizada. Sua duração foi de duas aulas.

Produção final – Para alcançar o objetivo último desta pesquisa, que é levar os estudantes à adequação da linguagem, em uma entrevista, a proposta foi de eles entrevistarem um escritor conhecido diante de uma plateia de alunos do terceiro ano de uma escola municipal. O entrevistado foi o escritor Aécio De Bruim, reconhecido por suas publicações para crianças e adolescentes. Cada dupla de alunos elaborou uma pergunta, e cada uma das duas turmas selecionou dois entrevistadores. Dessa forma, os discentes do oitavo ano tiveram que considerar a audiência infantil ao formular suas perguntas, consolidando assim os conhecimentos adquiridos sobre variação linguística e adequação contextual. A duração da produção final foi de duas aulas.

As observações feitas durante toda a sequência foi de que a fala, assim como a escrita, ocorre sempre em contextos situacionais. Cada situação comunicativa exige um comportamento linguístico diferente, e o emprego da língua falada ou escrita depende dos objetivos comunicativos, dos interlocutores e do contexto. Dessa forma, o uso de sequências didáticas na sala de aula pretende despertar no aluno a observação da variedade de usos da língua nos diferentes contextos de interação. É preciso também desconstruir a ideia de que há apenas uma língua(gem) boa, correta, para ser usada. Pautada nesses aspectos, apresento mais detalhadamente, no próximo capítulo, nossa proposta didática e seus resultados.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresento e discuto os resultados das atividades propostas, iniciando pelo questionário socioeconômico. Este indicou que a composição familiar da maioria dos estudantes que participam da pesquisa é de quatro membros, e a renda familiar é de até três salários mínimos. Os alunos vivem em casa própria ou residem sem a despesa de aluguel; as famílias possuem os utensílios básicos, com pelo menos um smartphone e acesso à internet, e poucos possuem microcomputador. Metade dos estudantes vive na zona rural e a outra metade, na zona urbana. A maioria dos pais tem baixa escolaridade: poucos concluíram o Ensino Médio e um número seletivo, o Ensino Técnico ou Ensino Superior. No que diz respeito a lazer, a maioria joga no smartphone, vai à igreja e pratica esportes como vôlei e futebol.

Tais informações auxiliaram na compreensão de que as melhores produções textuais vieram de alunos que gostam de ler e cujos pais – ou ao menos um deles –, têm Ensino Superior e uma renda de até cinco salários, o que faz supor que proporcionam aos filhos melhores condições de vida e outras oportunidades de lazer, como cinema, viagens de férias etc.

Com relação às etapas da proposta de intervenção, elas ocorreram entre os meses de maio e julho de 2023⁷. Destaco que todas as produções orais dos alunos fazem parte do corpus desta pesquisa. Elas foram gravadas em vídeo e registradas em um diário. Os módulos da sequência didática viabilizaram as condições favoráveis para que os participantes adquirissem conhecimentos teóricos e práticos a respeito do gênero *entrevista*, a partir da articulação entre ação e reflexão.

A sequência obteve excelentes resultados, pois todos os alunos, de alguma forma, participaram e apresentaram melhorias em seu desempenho. À medida que fomos avançando, maior foi o envolvimento dos estudantes nas atividades. Apresento agora uma análise geral dos dados obtidos e, em sequência, detalharei algumas descrições das entrevistas realizadas nos módulos. A seleção das apresentações para as descrições das entrevistas seguiu estes critérios: i)

⁷ Os links das entrevistas utilizadas nesta proposta, assim como os exercícios xerografados aplicados, estão nos Anexos desta pesquisa.

participação da dupla em todos os módulos; ii) escolha de duas duplas para cada turma, selecionadas de acordo com seu progresso não apenas quanto aos conhecimentos sobre o gênero *entrevista oral*, mas também quanto à habilidade de se expressar de forma mais adequada e fluente durante as entrevistas. Para a identificação das duplas, usei os seguintes códigos:

- TAD1 (turma A, dupla 1);
- TAD2 (turma A, dupla 2);
- TBD1 (turma B, dupla 1);
- TBD2 (turma B, dupla 2).

A sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97), conforme apresentei no capítulo anterior, constam de: apresentação inicial, produção inicial, módulos 1, 2, 3... n e produção final. A seguir, detalho cada uma delas.

1) Apresentação da situação: para iniciar os trabalhos com a sequência didática, transmiti em Datashow partes de entrevistas do tipo ping pong⁸ e mesacasts⁹. Em seguida, fizemos uma roda de conversa para levantar conhecimentos prévios dos alunos acerca do gênero *entrevista*. Após iniciar uma roda de conversa, percebi que os alunos estavam inteirados do assunto e com vontade de obter mais informações sobre o tema.

Na sequência, foi aplicado um exercício que propunha a identificação das características do referido gênero. Mais uma vez foi possível constatar que os estudantes compreenderam que a entrevista é um gênero marcado por perguntas e respostas, em que há um entrevistado e um entrevistador, conforme relato de FF14A¹⁰: “A entrevista é um tipo de texto em que aparece uma pessoa que faz as perguntas e outra que responde”.

⁸ O site *Academia do Jornalismo* define como entrevista *ping pong* as conversas face a face entre o jornalista e determinado entrevistado. Neste tipo de narrativa jornalística, há uma sequência de perguntas abertas, intercaladas com respostas do entrevistado em questão. Este modelo de entrevista tem o intuito de elaborar um olhar sobre o indivíduo que está sendo entrevistado.

⁹ Segundo o site *Isso aí, mesacast* (ou *videocast*) é uma mesa de debate filmada para o Youtube. Trata-se de entrevistas mais longas e aprofundadas.

¹⁰ A sigla do relato segue a seguinte ordem: abreviação inicial do primeiro nome, sexo do aluno, idade e turma.

Os alunos também mencionaram que existem entrevistas tanto escritas quanto orais, porém as que foram apresentadas na aula em questão eram orais. Relato de JM14B: “Eu já vi entrevista na internet. Ela era escrita, era desse jeito, um perguntando e outro respondendo. Essas que foi passada é falada, né?”.

Aproveitando o contexto, expliquei-lhes que a oralidade é tão importante quanto a escrita e que o gênero em estudo é muito relevante para os mais variados contextos de comunicação. Enfatizei aos alunos que, antes de qualquer comunicação, o orador deve primeiro avaliar os elementos do contexto, para assim melhor conduzir sua fala.

Os exercícios propostos também pediam que os alunos pesquisassem sobre os tipos de entrevistas que existem; entretanto, muitos estudantes apenas copiaram quais eram elas, e poucos realmente entenderam os tipos de entrevistas existentes. Esse foi um momento de longas explicações, mas também de muito aprendizado. Alguns alunos relataram conhecer familiares que recentemente passaram por entrevista de emprego. Outros relataram terem assistido às entrevistas dos candidatos às eleições no ano anterior: “Professora, meu pai não perdeu uma entrevista de candidatos para ser Presidente” (MF14A)

Também houve diálogos a respeito da (in)formalidade mais indicada a cada tipo de entrevista. Os educandos demonstraram entender cada uma delas, mas boa parte divergiu sobre o que é mais adequado para cada contexto.

2) Produção Inicial: primeiramente, retomei a discussão feita durante a apresentação da situação: relembramos as definições e os exercícios que pediam a identificação das características do gênero *entrevista*. Em seguida, iniciamos a apresentação das pesquisas feitas pelos alunos sobre a definição, características, tipos e importância social das entrevistas. Embora seja basicamente uma repetição da “Apresentação da Situação”, a produção inicial serviu para constatar a consolidação das informações que auxiliariam as próximas produções. Nessa continuidade, exibi slides com todos os aspectos solicitados e, para o fechamento, entreguei a cada aluno uma cópia impressa das principais informações sobre o gênero *entrevista*.

Por fim, lancei uma proposta para que os alunos refletissem sobre tudo o que havíamos estudado sobre o gênero *entrevista* e, em seguida, realizassem em duplas uma entrevista, em que um dos alunos seria o entrevistador e o outro, o

entrevistado. Para essa proposta, sugeri que o entrevistado fosse o dono de uma padaria de muito sucesso na cidade. Deixei-os à vontade quanto ao tipo de linguagem a ser empregada. Nesse momento, os alunos demonstraram medo, pois informaram que sempre ficam nervosos quando precisam falar em público.

3) Módulo 1: neste módulo, ocorreram as apresentações das entrevistas elaboradas pelos alunos na produção inicial. Antes de eles iniciarem, solicitei-lhes que observassem a adequação da linguagem empregada ao contexto. Solicitei também que observassem a postura requerida para o entrevistado e o entrevistador e que analisassem as perguntas feitas.

Como, durante as apresentações, os alunos falaram muitas gírias, aproveitei a oportunidade para esclarecer que a gíria costuma ser temporária e utilizada por um grupo específico, enquanto as expressões regionais têm uma tendência maior de perdurar ao longo das gerações. Isso ocorre porque as gírias estão ligadas ao contexto e à moda, enquanto as expressões regionais refletem a cultura e a identidade de determinada região.

A seguir, apresento as entrevistas elaboradas pelas duplas das duas turmas. A sigla informa a Turma (A ou B) e a Dupla (1 ou 2). As transcrições foram feitas por mim, após a finalização de toda a Sequência Didática, nas duas turmas. As frases proferidas pelo entrevistador estão em negrito, ao passo que as respostas estão sem negrito.

TAD1

- **Olá, muito bom dia!**

- Bom dia!

- **Sou a Elizabeth e hoje estou aqui com o Rogério, o dono da padaria Fino Sabor, a padaria mais famosa de São Paulo. Então, hoje vim aqui para saber como é isso para você, como tudo começou, quem foi a sua inspiração para começar o negócio.**

- Minha maior inspiração foi minha avó, que sempre me apoiou e desde pequeno me incentivava a fazer receitas junto com ela.

- **Com quantos anos você entrou no mercado de trabalho?**

- Eu comecei aos dezessete anos.

- **E como foi no começo? Como você entrou no mercado de trabalho?**

- Bem, depois que minha avó faleceu, aos oitenta e três anos, eu comecei o meu pequeno empreendimento. No começo foi muito difícil, eu vendia bolo de pote e minha mãe me ajudava e me dava apoio.

- Como você vendia os seus bolos de pote?

- Eu preparava na cozinha da casa dos meus pais. Eles me ajudaram com os ingredientes e eu vendia nas ruas. As pessoas praticamente nunca paravam, mas mesmo assim conseguia juntar algum dinheiro.

- Quando foi que você começou a crescer e se destacar?

- Quando juntei o dinheiro das vendas, aluguei um pequeno espaço onde comecei a minha padaria. Vendia pães, salgados e bolos. Foi lá que comecei a ter lucro. Depois de um tempo decidi construir a minha própria padaria no centro da cidade.

- Há quantos anos você tem a sua padaria?

- Eu tenho essa padaria faz mais de sete anos.

- Como são as suas vendas em relação às de antes, no início dos seus trabalhos?

- Hoje em dia estou lucrando muito mais, tenho vários funcionários. Chegou a faturar treze mil por mês, sendo que antes não chegava nem a mil reais.

- Conte como foi o processo de contratação dos seus funcionários.

- No começo eu chamava familiares para me ajudar. Depois comecei a contratar funcionários e remunerá-los.

- Algum cliente já te destratou?

- Para falar a verdade, sim, uma vez uma mulher me xingou só por eu ter entregue um bolo trocado. Eu fiquei um pouco abalado, mas hoje em dia eu não me importo com esse tipo de coisa.

- Você indicaria esse ramo de negócios a outras pessoas?

- Recomendaria. No começo pode parecer difícil, mas é importante nunca desistir dos seus sonhos e seguir em frente.

- Muito interessante a sua história de superação e como chegou até aqui. Foi um prazer te receber hoje! Muito obrigada pela sua presença!

- Eu que agradeço!

TAD2

- Há quantos anos você tem essa padaria?

- 10 anos.

- De onde você teve a ideia de ter uma padaria?

- Sempre foi meu sonho ter uma padaria.

- O senhor pretende expandir o seu comércio para outros lugares?

- No momento não.

- É só o senhor que trabalha na padaria ou mais alguém da sua família?

- Sim, da minha família só eu que trabalho aqui.

- O senhor tem algum filho?

- Não.

Pretende ter, para assumir o seu negócio na padaria?

- Não pretendo. Estou bem assim.

- O movimento aqui é grande? Quantas mais ou menos, quantas pessoas por dia compram aqui?

- O movimento é muito grande, atendendo cerca de 1000 pessoas por dia.

- Quantos funcionários o senhor tem?

- Tenho onze funcionários.

- Qual é o produto mais famoso da sua padaria?

- O bolo de pote sabor bem-casado. É uma delícia.

- Quanto o senhor lucra por ano em média?

- Meu lucro é de, em média, setecentos mil por ano.

- Qual é a média de salário dos seus funcionários?

- O salário é de mais ou menos três mil e quinhentos reais, mas pode chegar a mais, dependendo da produção.

- Muito obrigada por tudo e desculpe qualquer coisa.

- Nada, foi um prazer!

- Tchau, senhor Antônio!

- Falou!

TBD1

- Bom dia! Hoje no programa eu venho trazer a senhora Amanda Louzada, dona de uma das maiores padarias, a padaria Império da Confeitaria. Bom, vamos começar com a seguinte pergunta: Como surgiu a ideia da senhora abrir uma padaria?

- Assim, desde pequena eu sempre gostei muito da parte de confeitaria. Comecei vendendo bolos e doces na rua e daí consegui um bom dinheiro e abri uma lojinha e, como estava lucrando bastante, me surgiu a ideia de abrir uma padaria.

- Qual foi sua iniciativa de colocar Império da Confeitaria como nome da padaria?

- Como já tinha a loja referente à confeitaria, resolvi de colocar esse nome em homenagem à minha antiga confeitaria, que foi o começo de tudo.

- Linda homenagem! E a pergunta que o público quer saber: qual o segredo de ter uma padaria bem-sucedida?

- Mas na verdade não tem segredos, temos sempre que investir mais nas qualidades dos produtos e um preço acessível para todos os públicos e ótimo atendimento.

- Muito interessante! Sendo assim, qual a melhor maneira que a senhora procura para se destacar diante dos concorrentes?

- Bom, procuro sempre fazer diversas variedades de produtos para atender os gostos de cada público. As embalagens são de qualidade e o atendimento é atencioso.

- Sendo assim, quanto a senhora gasta por mês?

- Costumo gastar em média onze mil por mês.

- E qual o lucro mensal que a senhora tem com a padaria?

- Em média tem o lucro de cinquenta a sessenta mil por mês.

- Entrando em outro assunto: em que ano a senhora abriu a padaria?

- Abri em 2008.

- Em que ano a padaria começou a fazer sucesso?

- A padaria começou a fazer sucesso em 2017.

Em média quantos funcionários trabalha?

- São em média 6 funcionários.

- Qual é o gasto mensal com os funcionários?

- Tenho gasto em média de oito mil.

TBD2

- Boa tarde a todos e a todas! Hoje iremos entrevistar o senhor João, do Rio de Janeiro.

- Olá, boa tarde, senhor João!

- Boa tarde!
- **Qual é o nome da sua padaria?**
- Padaria do Sonho.
- **Como o senhor teve a ideia de ter a sua padaria?**
- Bom, eu comecei a pensar em ter meu negócio próprio. Eu fiz um curso de padeiro, daí terminei o curso e construí minha padaria.
- **Quantos reais o senhor faz por mês?**
- De setenta a oitenta mil por mês
- **Quanto o senhor paga aos seus funcionários?**
- Bom, depende de cada funcionário. Se é o da limpeza, o que ajuda a fazer pão, bolo e outras coisas.
- **E também quantos reais o senhor dá aos seus ajudantes por mês?**
- Recebe cinco.
- **E o pessoal da limpeza recebe quantos por mês?**
- Recebe dois.
- **E o senhor tem filhos?**
- Sim, tenho dois filhos.
- Qual o nome deles?**
- Sérgio e Roberta.
- **Era seu sonho ter sua padaria?**
- Sim, mas fiz meu curso e terminei e fiz minha própria padaria.
- **Como o senhor se sente ao ter a padaria mais famosa da cidade?**
- Muito orgulhoso de mim!

Ao analisar as entrevistas realizadas pelos alunos, percebi que há algumas inconsistências e lacunas que podem ser abordadas para melhorar a qualidade das perguntas. Em primeiro lugar, é importante notar que as entrevistas deveriam se concentrar em um empresário, dono de um estabelecimento bem conceituado, o que requer perguntas pertinentes ao contexto empresarial e ao sucesso do negócio. No entanto, em algumas entrevistas, foram feitas perguntas pessoais que não contribuíam diretamente para esse objetivo.

No TAD1, por exemplo, há uma série de perguntas sobre a trajetória pessoal do entrevistado, como idade de entrada no mercado de trabalho, inspiração para começar o negócio e experiências pessoais de superação.

Embora essas informações possam ser interessantes, elas não estão diretamente relacionadas ao funcionamento e ao sucesso da padaria, que deveria ser o foco da entrevista. Além disso, falta uma introdução adequada que estabeleça o contexto da entrevista e apresente o entrevistado de maneira mais formal.

No TAD2, as perguntas seguem um padrão mais próximo do esperado, abordando aspectos como tempo de existência da padaria, número de funcionários, lucro médio e produtos mais vendidos. No entanto, algumas perguntas foram vagas e não fornecem informações detalhadas que poderiam enriquecer a análise, como estratégias de marketing, investimentos realizados na padaria ou desafios enfrentados pelo entrevistado ao longo do tempo.

No TBD1 e TBD2, por sua vez, há uma melhoria na formulação das perguntas, com foco em aspectos relevantes do negócio, como origem da ideia da padaria, estratégias para se destacar no mercado, gastos mensais e lucro médio. No entanto, algumas respostas do entrevistado no TBD2 parecem superficiais e poderiam ser exploradas com mais profundidade, para obter *insights* mais significativos sobre a gestão de seu negócio e os desafios enfrentados pelo empresário.

Em síntese, as entrevistas realizadas pelos estudantes mostraram uma tentativa inicial de explorar o universo empresarial por meio dos diálogos com proprietários de padarias. Embora haja espaço para aprimoramentos, como o foco mais direcionado nas perguntas e uma introdução mais formal, foi admirável o esforço dos alunos em abordar questões relevantes sobre o funcionamento e o sucesso dos negócios.

4) Módulo 2: iniciei o módulo 2 com a apresentação de slides com orientações para a preparação de uma entrevista, que também constavam de um texto xerografado que foi distribuído em seguida. Depois das discussões sobre o conteúdo, organizei cada uma das turmas novamente em duplas e lancei a proposta de uma entrevista real com uma pessoa de algumas das profissões existentes no município de Rio Novo do Sul: comerciante local, empresário(a) do setor de rochas, artesão(ã), agricultor(a) ou pecuarista, funcionário(a) público(a), profissional da área da saúde, caminhoneiro, médico(a) e dentista.

Os alunos ficaram um pouco resistentes quanto à proposta pelo fato de a maioria morar distante do centro da cidade e por eles não terem intimidade com

essas pessoas, para fazerem a entrevista gravada. Para motivá-los e para que não houvesse repetições de profissões, pedi que pensassem em alguma delas dentro da esfera familiar ou de amigos e, com essa pequena adequação, os estudantes ficaram mais confiantes e motivados.

Com isso, houve muita participação, interação e entusiasmo dos alunos, o que se refletiu no conteúdo da produção do texto e nos comentários feitos após a aplicação do módulo. Realmente, os alunos conseguiram demonstrar que entenderam o que foi trabalhado com eles durante a aplicação da sequência. A comprovação está na seção mais abaixo, que traz a avaliação realizada pelos alunos após o encerramento dos módulos.

A participação dos alunos não só fortaleceu, como também expandiu a sua compreensão sobre questões como adequação e inadequação linguística, preconceitos linguísticos e competência comunicativa. Neste módulo, as duplas organizaram seu roteiro de perguntas e fizeram e gravaram em vídeo as entrevistas fora da escola.

5) Módulo 3: nesta etapa, foi criado pelos alunos um roteiro com perguntas para os entrevistados, que foram profissionais de diferentes instâncias de Rio Novo do Sul. Logo após as apresentações dos vídeos das entrevistas, fizemos uma nova roda de conversa para troca de experiências e análises das diferentes linguagens praticadas durante as entrevistas. Nesse momento, salientei aos estudantes o fato de que as entrevistas devem ser atrativas e enfocadas no público.

A seguir aparecem as transcrições que fiz das entrevistas gravadas das duplas das turmas A e B. As falas do entrevistador estão em negrito e as respostas estão sem qualquer destaque.

TAD1

- Olá, boa noite a todos! Estou aqui com a senhora Suellen Silva Riedel. Ela trabalha com estética há 12 anos no município de Rio Novo do Sul. Suelen é uma pessoa muito querida pela comunidade.

- Boa noite, Suelen! Vamos iniciar a nossa entrevista? No ramo da estética existe várias áreas, em qual área você atua?

- Então, eu sou esteticista, né? Estou formada há 10 anos.

- Conte-me como foi o começo da sua carreira.

- Começou há... Como eu... havia dito, né? Há 10 anos atrás eu comecei como design de sobrancelhas e maquiadora. Me especializei mais e hoje eu sou esteticista.

- Você sonhava em ser esteticista quando criança?

- Na verdade, não, eu não sonhava em trabalhar nessa área. Eu, na verdade, sonhava em ser professora.

- Por que razão não seguiu a carreira dos seus sonhos?

- Minha vida foi tomando rumos diferentes por conta da minha necessidade de trabalhar.

- Você gosta do que faz? Se sente bem em seu ambiente de trabalho?

- Gosto, é um trabalho assim muito gratificante. Eu amo essa área de estética.

- Você já pensou em desistir de sua profissão?

- Não, jamais. Eu pretendo me atualizar cada vez mais nessa área, mas, desistir, jamais.

- Você está satisfeita com sua renda mensal?

- Graças a Deus! Mas tem que ralar bastante.

- Explique como foi trabalhar com estética durante a pandemia.

- Então, na pandemia a gente teve que ter muita cautela, né? Muitos cuidados com a saúde dos meus clientes.

- Em seu trabalho já aconteceu algum fato marcante?

- Nossa, já! Já aconteceu bastante coisas maravilhosas, só que uma que me marcou muito, até hoje eu tenho uma cliente assim, sabe, uma gracinha de pessoa. Já está com seus quase 90 anos, mas que sempre está aqui, toda vez tem uma novidade.

- Como você vê a profissão de esteticista no futuro?

- Uma profissão que a cada ano está expandindo mais. Com essa tendência, o mercado tende a ser ainda mais vantajoso.

- Suelen, foi um prazer conversar com você! Muito abrigada por conceder esta entrevista!”

- Eu que agradeço! Gostei muito de falar sobre minha profissão com você.

TAD2

- **Boa noite! A nossa entrevistada de hoje é a senhora Regiane Aparecida de Almeida, que trabalha há mais de 12 anos como atendente de caixa na Casa Rhor.**

- **Vamos falar um pouco melhor da sua carreira?**

- Vamos sim, vamos falar um pouquinho dessa longa história, longa caminhada.

- **Qual a sua relação com os clientes?**

- Ótimo, muito bom trabalhar com as pessoas! O contato do dia a dia, a troca de conhecimento, ser reconhecida, conhecer as pessoas. É muito bom, muito gratificante!

- **Com quantos anos você iniciou sua carreira?**

- Vixe, trabalho desde nova, mas na Casa Rhor eu comecei em 2007.

- **O que te levou a trabalhar nessa profissão?**

- A gente precisa trabalhar. Não podemos viver sem serviço. Mas escolher trabalhar com o público é uma questão de gostar, lidar com as pessoas. É o que eu falei no começo, a gente conhece muitas coisas, aprende muitas coisas, ensina. Então essa troca de conhecimento e lidar com as pessoas é muito bom. Às vezes é difícil, mas... É muito bom mesmo, a gente aprende muito. E o calor humano é bom, né?

- **Quantas horas por dia você trabalha?**

- Mais de oito horas.

- **Você considera o seu salário bom? Com ele você consegue sustentar sua família?**

- Bom não é, mas é o que é pago, né?, que é o salário de comércio. Mas falar que dá pra viver, manter uma família, não dá não. A gente precisa de ajuda. Graças a Deus, tem o marido pra ajudar porque, senão, não dá não, porque muita coisa a gente tem pra pagar. As coisas estão muito caras. Mas eles pagam justo. O que prometem, pagam.

- **Quantas pessoas você atende por dia?**

- Nossa, é muito difícil calcular, tá?, porque é o dia todo o movimento. Claro que tem aquela época que tem menos movimento. Falar especificamente quantas pessoas... Eu falo que, quando é dia de movimento, acho que passa centenas de pessoas. Porque é muita gente, não para.

- **Você pretende mudar de profissão um dia?**

- Vou mudar, se Deus quiser. Em breve de local de serviço, mas vai continuar o mesmo ramo. Se Deus quiser, pretendo trabalhar por conta própria.

- **Obrigado!**

- De nada!

TBD1

- **Bom dia! Hoje a nossa entrevistada será a senhora Rogéria Togneri. Ela tem 34 anos e começou a trabalhar este ano como cuidadora de crianças especiais. Ela também é estudante de Pedagogia no município de Rio Novo do Sul.**

- **Como é cuidar de crianças especiais?**

- É um desafio e ao mesmo tempo uma aprendizagem muito boa!

- **Você gosta do seu trabalho?**

- Gosto muito, porque cada dia a gente aprende coisas novas.

- **Conte-me como que é ser cuidadora. O que precisa ser feito para ser uma excelente cuidadora?**

- É, cuidar do aluno que ela está... ajudar ele nas necessidades básicas dentro da escola e sempre estar atento para que nada de ruim aconteça com ele.

- **Você considera bom o seu ambiente de trabalho?**

- Meu ambiente de trabalho é muito aconchegante! Aqui eu conheço pessoas mais novas e eu gosto muito de trabalhar aqui!

- **Qual a duração da sua jornada de trabalho?**

- Eu pego sete da manhã e saio três da tarde. A gente faz uma carga horária de 40 horas por semana.

- **Seu salário é satisfatório?**

- Sim, sem dúvida! Não posso se reclamar, não. Ninguém pode, né?

- **Além do seu trabalho de cuidadora, você exerce outra profissão?**

- Não, eu faço a faculdade à noite e também residência, que é um outro estágio na minha área de Pedagogia.

- **Você é estudante de Pedagogia, certo? Por que escolheu cursar Pedagogia?**

- Na verdade, eu não escolhi fazer Pedagogia, eu fui incentivada pela minha mãe e meu irmão. E eu nunca me imaginei professora, mas graças a ela, a ela, à luz,

hoje eu estou me sentindo realizada. É uma área que eu estou gostando muito de atuar!

- Depois de concluir sua faculdade, quais são os seus planos?

- Meus planos depois de concluir a faculdade é fazer minha Pós, me especializar em várias áreas e trabalhar na profissão mesmo como professora de educação infantil.

- Aqui eu encerro. Boa sorte para você na sua profissão e nos seus estudos! Muito obrigada por ter concedido essa entrevista”!

- Foi um prazer!”

TBD2

- Boa tarde! Hoje estamos aqui com o senhor Rafael. Ele é trabalhador do ramo de mármore e granitos. Exerce a função de resinador há 15 anos e atualmente trabalha na empresa Decolores.

- Explique o que um resinador faz.

- Resumindo, nós aplicamos a resina sobre a superfície da chapa.

- Existem riscos à saúde?

- Sim, existe o risco... que vai de silicose a um possível câncer pulmonar ou alguma doença respiratória.

- O senhor recomendaria esse serviço para quem está no mercado de trabalho?

- Sim, recomendaria sim.

- O senhor acha o salário satisfatório para esse tipo de setor?

- Devido aos riscos químicos que nós sofremos, eu acredito que poderia ser um pouco melhor, mas o salário é bom.

- O senhor já trabalhou em outro emprego antes relacionado ao seu setor atual?

- Sim. Iniciei neste ramo como serrador de mármore de granito.

- Gostaria de trabalhar em outro cargo?

- Gostaria, sim, de me tornar um gestor de produção.

- Nessa empresa que o senhor atua, o senhor trabalha somente como resinador ou ajuda outras funções?

- Sim, além da resinagem, eu também contribuo com o setor de polimento.

- Já pensou em administrar uma empresa?

- Sim, eu acredito que seria um desafio a ser alcançado.

- Como é o seu horário de trabalho?

- Eu trabalho por escala, 12 por 36. O meu horário de trabalho se inicia às 7h30 da manhã e finaliza às 7h30 da noite.

- Para encerrarmos nossa entrevista, gostaria de saber se o senhor está satisfeito com o seu trabalho.

- Sim, atualmente sim

- Obrigada, Senhor Rafael, por ter nos concedido esta entrevista!

- Por nada!

Ao analisarmos as entrevistas, é possível observar como os alunos incorporam elementos da oralidade para criar uma interação significativa com os entrevistados. Frases como "Vamos iniciar a nossa entrevista?" e "Nossa, já!" no TAD1, e "Vixe!" e "Nossa!", no TAD2, refletem a espontaneidade e a informalidade típicas de uma conversa oral. Essas expressões não apenas adicionam autenticidade às entrevistas, como também ajudam a estabelecer uma conexão mais próxima entre os interlocutores, criando um ambiente de confiança e camaradagem.

Além disso, no TBD1 e TBD2, expressões como "É um desafio" e "Sim, atualmente sim" demonstram uma preocupação em manter a naturalidade e a fluidez da conversa, mesmo dentro de um contexto mais formal. Essas expressões refletem a compreensão dos alunos sobre a importância de se criar uma atmosfera amigável e receptiva durante as entrevistas, o que facilita a comunicação e promove uma interação mais genuína.

A evolução notável na linguagem e na capacidade de comunicação dos alunos ao longo das entrevistas evidencia o progresso de sua expressão verbal e da articulação de suas ideias. Cada etapa demonstrou, por parte dos discentes, uma maior clareza da linguagem empregada e precisão do vocabulário utilizado, acompanhado pelo desenvolvimento de respostas mais elaboradas e uma maior adaptação ao contexto e aos interlocutores. Essa evolução reflete não apenas uma melhoria na habilidade linguística dos discentes, mas também uma maior conscientização sobre sua própria comunicação e uma compreensão mais profunda dos princípios comunicativos subjacentes à interação verbal.

6) Módulo 4: Após a análise das entrevistas do módulo 3, foi apresentado aos alunos trechos de entrevistas reais com diferentes objetivos e públicos, tais como políticos, cantores, adolescentes, crianças, escritores e artistas. Os vídeos, cujos links estão disponíveis nos Anexos desta dissertação, tinham como objetivo reforçar os aspectos trabalhados no módulo anterior, relacionados à produção de um texto oral e sua adequação à situação de comunicação. Durante a aula, promovi debates e explicações orais em que os alunos puderam realizar uma análise crítica dos trechos das entrevistas, identificando as diferenças no discurso de acordo com os públicos e objetivos específicos. Isso proporcionou um ambiente de discussão enriquecedor em que os alunos puderam compartilhar suas percepções e aprendizados com os colegas.

7) Módulo 5: Durante este módulo, ocorreu o momento de avaliar a consolidação das informações sobre a adequação linguística à situação de comunicação. Nesse contexto, uma nova proposta de atividade foi apresentada: os alunos foram divididos em duplas e instruídos a simular uma entrevista voltada para os adolescentes, com temas e perguntas atrativos para esse público-alvo. Ao longo da aula, os alunos tiveram a oportunidade de preparar as perguntas e respostas, restando apenas as gravações, que seriam realizadas fora do horário das aulas. O módulo teve a duração total de duas aulas.

8) Módulo 6: neste módulo, foram exibidas as gravações das entrevistas realizadas pelas duplas das duas turmas, no módulo 5. Em princípio, havíamos combinado que a melhor dupla apresentaria sua entrevista na rádio da escola, porém tivemos problemas com o equipamento e, por essa razão, não foi possível a transmissão.

Com esse imprevisto, para a escolha da melhor dupla solicitei às turmas que, ao final das apresentações, atribuíssem uma nota e que esta levasse em consideração todos os aspectos estudados sobre o gênero *entrevista* e a adequação da linguagem utilizada. Essa iniciativa auxiliou os alunos na reflexão sobre as escolhas que fizeram, ao produzirem suas perguntas. A duração deste módulo foi de duas aulas.

A seguir, estão as entrevistas produzidas pelas duplas. As falas dos entrevistadores estão em negrito e, sem qualquer destaque, aparecem as respostas dos entrevistados.

TAD1

- Hoje eu estou aqui com uma convidada muito esperada por nossos seguidores. Ela é uma Youtuber muito famosa e grava o conteúdo de jogos, principalmente *Minecraft*.¹¹ Ela é Raposinha *gamer*, conhecida por Nick. Tudo bem?

- Tudo!

- Então, Nick, como você conseguiu tantos inscritos? São mais de dez milhões.

- Então, pra isso eu batalhei bastante, para sempre dar o melhor conteúdo para meus inscritos. Eu vario também. Mudo o tópico dos vídeos e sempre tento deixar os meus inscritos o mais felizes possível.

- Certo, e como são os seus vídeos?

- Então, os meus vídeos geralmente são algumas séries de *Minecraft* ou jogos com meus seguidores, com meus amigos. Eu sempre jogo com alguém.

- Certo, você já fez *Collab*¹² com alguém?

- Sim, os vídeos geralmente são feitos com meus melhores amigos: o Cellbit e a Moonkase, e a gente também vive jogando algumas coisas que nossos inscritos pedem. A gente sempre tenta variar.

- Tipo alguns desafios?

- Isso!

- Agora vamos para nossa última pergunta: o público quer saber sobre os boatos que estão rolando na internet. É verdade que você e a Moonkase brigaram?

- Não, a gente raramente briga. Às vezes acontecem alguns desentendimentos, mas nada sério.

¹¹ Segundo a *Wikipédia*, *Minecraft* é um jogo eletrônico *sandbox* de sobrevivência criado pelo desenvolvedor sueco Markus "Notch" Persson e posteriormente desenvolvido e publicado pela Mojang Studios, cuja propriedade intelectual foi obtida pela Microsoft em 2014.

¹² O site *Yuool* esclarece que *Collab* vem do inglês "collaboration", que significa "colaboração", traduzido para o português. A palavra é usada para se referir a duas ou mais pessoas ou empresas que se unem para atingir um objetivo em comum.

- **É importante você esclarecer porque o nosso canal só trabalha com a verdade. Olha, foi um prazer te receber aqui no nosso programa!**

- O prazer foi todo meu! E, galera, quem ainda não me segue, acesse agora o meu canal @raposinhagamer.

- **É isso aí e até a próxima!**

TAD2

- **Hoje estamos aqui para falar com um grande youtuber, um que trabalhou na era de ouro do YouTube, hoje contendo mais de 3 mil inscritos. Vamos entrevistar o nosso querido Alanzoka.**

- **Alanzoka, nos diga, como é fazer parte da era de ouro do YouTube?**

- É uma grande honra saber que faço parte da era de ouro e fui influente para muitos. Trabalhei muito para isso. Foi difícil, mas sou grato a todos que me ajudaram a chegar onde estou.

- **Muito bacana isso! Agora nos diga, como se sente sabendo que é alguém tão influente para os jovens, mesmo depois de anos?**

- Fico feliz em saber que muitos se espelham em mim para, por exemplo, começar a trabalhar com vídeos e *lives*, mas não acho legal quando as pessoas tentam mudar sua personalidade pra se parecer comigo. Acho que, tipo, você deve ser você mesmo e não imitar alguém que você gosta.

- **Entendo, realmente é chato quando mudam de personalidade pra se parecer com alguém. Mas, então, Alanzoka, uma coisa que acho que muitos querem saber é sobre sua dicção. Ela chega a te atrapalhar muito?**

- Nossa! Atrapalha demais! Às vezes eu falando com a minha namorada uma coisa séria e eu não consigo dizer uma frase certa. Sai tudo errado e não dá pra entender nada. Mas isso sempre gera momentos engraçados.

- **Deve ser realmente ruim. Já pensou em fazer fonoaudiologia? Às vezes isso te ajuda na sua dicção.**

- Já pensei, sim, mas acho que eu perderia uma coisa marcante sobre mim. Muitos me relacionam com a minha dicção péssima e eu até gosto disso. Pode ser chato, mas sempre gera coisas legais e que o pessoal gosta.

- **Legal você lidar bem com isso! Acho que muitas pessoas deveriam pensar assim.**

- Sim, também acho.

- **Você tem algum plano pros próximos anos?**

- No momento não, mas quem sabe eu não mude de ideia? As coisas mudam de uma hora pra outra e a gente nem nota.

- **E a Maitê? Pretende se casar com ela um dia?**

- Shiu, é segredo! Eu tô planejando casar com ela, mas ela não pode saber; é surpresa!

- **Desculpe! Acho que podemos encerrar a entrevista aqui.**

- Foi um prazer estar aqui! Muito obrigado por me convidar. Foi uma honra!

- **Eu que agradeço a sua participação! Foi um prazer imenso te entrevistar!**

- **Então é isso, gente. Até o próximo episódio! Tchau tchau!**

- Tchau, gente!”

TBD1

- **Oi, gente, tudo bem com vocês? Hoje eu vou entrevistar uma das maiores *influencers* digitais do Brasil; aliás, do mundo. Ela fez sucesso em pouco tempo. Com vocês, a jovem Valentina Menegardo!**

- **Boa noite, Valentina!**

- Boa noite!

- **Muito bom ter você aqui com a gente! Bom, vamos às perguntas?**

- Vamos!

Você ficou famosa muito rápido, Valentina. Você imaginava tanta repercussão em sua carreira?

- Com certeza, não. Achava que essa vida de *influencer* não iria muito longe.

- **Certo! De onde veio a ideia de criar uma conta nas redes sociais e falar sobre rotina e cuidados?**

- Eu sempre tive vontade de ter um canal, mas nunca tinha tido coragem para isso. Então comecei a ver muitos vídeos sobre rotina e sobre cuidados e aí eu pensei que poderia também contribuir com a minha experiência. Criei coragem e iniciei as gravações para ajudar outras pessoas.

- **Então, por que ser *influencer* de rotina e cuidados?**

- Porque posso ajudar muitas pessoas que têm problemas com rotinas e cuidados com a saúde. Sei que como *influencer* consigo impactar o comportamento e as decisões de muitos jovens.

- **Seu sonho sempre foi o de ser uma *influencer* ou você tinha outro sonho?**

- Gostaria de ter sido veterinária, mas eu cresci e percebi que esse não era mais meu sonho.

- **Quando você começou a perceber que estava ficando cada vez mais famosa e ganhando mais seguidores, qual foi sua reação?**

- Foi uma surpresa, um choque mesmo, afinal foi muito rápido e ninguém esperava essa repercussão.

- **Qual foi a primeira coisa que você pensou quando viu que estava ficando cada vez mais famosa e reconhecida?**

- Primeiro achei que fosse mentira, que estava sonhando, mas, quando vi que era verdade, chorei muito e agradei nas redes pelo reconhecimento ao meu trabalho.

- **Para finalizar, eu gostaria de saber qual a parte de ser famosa você mais gosta?**

- Com certeza é o carinho e amor dos fãs.

- **Bom, infelizmente nossa entrevista com a Valentina chegou ao fim. Foi muito bom ter você aqui! Muito obrigada por você ter aceitado o convite!**

- Eu que agradeço pela oportunidade de estar aqui!

- **Boa noite!**

- Boa noite!"

TBD2

- **Oi, gente! Hoje vamos entrevistar um ex-jogador profissional de *League of Legends*¹³. Ele esteve de cara com jogadores dos Estados Unidos, Coreia, Japão e China. Estamos falando do Felipe Gonçalves da Rocha, conhecido por brTT!**

- **Seja bem-vindo, brTT!**

- Fala, pessoal, como ceis tão?

- **Olá, brTT! É um prazer estar aqui com você hoje!**

- O prazer é todo meu de estar aqui hoje!

- **Então podemos começar as perguntas?**

- Claro!

¹³ Segundo o site *Wikipédia*, *League of Legends* (abreviado como LoL e comumente referido como *League*) é um jogo eletrônico do gênero multiplayer online battle arena (MOBA) desenvolvido e publicado pela Riot Games. Foi lançado em outubro de 2009 para Microsoft Windows e em março de 2013 para macOS. Inspirado em *Defense of the Ancients (DotA)*, uma modificação de *Warcraft III*, os fundadores da Riot buscaram desenvolver um jogo autônomo do mesmo gênero.

- Ok, vamos lá! brTT, como foi ser considerado um jogador profissional que jogou em vários campeonatos brasileiros e mundiais?

- Foi uma grande honra! Na realidade, é uma grande honra saber que muitos lembram de todo o caminho que eu fiz. Jogar nesses campeonatos foi um desafio bem grande, mas era incrível jogar com aqueles caras da Coreia e da China.

- Era muito difícil jogar contra eles?

- Às vezes sim, às vezes não. Mas era divertido, é completamente diferente jogar contra os caras da Coreia e da China. Eles são muito mais profissionais do que nós, brasileiros.

- Fiquei sabendo que você quer voltar para as competições. Por que isso do nada?

- Sinto falta das competições, dos desafios. Era estressante e tinha muita pressão em cima da galera. Se eu voltar, terei mais desvantagens do que vantagens, mas acho que vale a pena passar pelas desvantagens só pra poder acabar com os outros times brasileiros e ir pra fora jogar contra os coreanos de novo.

- Entendi! E como foi começar no mundo dos campeonatos?

- Foi bem difícil no começo, mas ganhar o CBLOL¹⁴ e poder jogar a MD5¹⁵ lá fora valia todo o esforço.

- E como que é ser considerado um dos melhores jogadores de LOL¹⁶ brasileiro?

- É engraçado. Eu divido esse posto com outras pessoas, como o Kami¹⁷, mas acho que posso melhorar. Na verdade, tô meio enferrujado.

- Bom, acho que podemos encerrar por hoje. brTT, muito obrigado por ter vindo aqui hoje.

- Eu que agradeço, cara! Se quiser, pode me chamar mais vezes que eu venho com o maior prazer!

Bom, é isso, galera! Muito obrigado por assistirem esse episódio. Vejo vocês no próximo episódio. Tchau!

¹⁴ Sigla de Campeonato Brasileiro de League of Legends.

¹⁵ Sigla de Melhor de 5.

¹⁶ Sigla de League of Legends.

¹⁷ Gabriel Bohm Santos (Pelotas, 2 de abril de 1996), mais conhecido como Kami, é um ex-jogador profissional de League of Legends brasileiro que atuava pela equipe da paiN Gaming. (*Wikipédia*).

Nas entrevistas, diferentes estilos de linguagem se adaptaram aos contextos e aos interlocutores envolvidos. No TAD1, a linguagem é mais informal e direta, adequada ao público jovem familiarizado com o universo dos jogos e das redes sociais. Foi utilizada uma abordagem descontraída, com perguntas simples e diretas, enquanto a entrevistada responde de forma acessível e descontraída, utilizando gírias e expressões comuns entre os gamers.

No TAD2, a linguagem é mais formal e reflexiva, típica de entrevistas tradicionais, embora também haja momentos descontraídos e pessoais. Uma postura mais séria e ponderada foi adotada, enquanto o entrevistado responde de maneira mais reflexiva e detalhada, compartilhando suas experiências e opiniões de forma mais profunda. Ambas as entrevistas demonstram uma adaptação eficaz da linguagem ao contexto e aos objetivos específicos de cada interação verbal.

Ao analisar as entrevistas à luz da teoria da variação estilística de Bortoni-Ricardo (2005), observo como os entrevistadores e entrevistados ajustam suas falas de acordo com o contexto e os interlocutores. A autora argumenta que a escolha do grau de formalidade na fala depende do papel social do falante em cada situação de interação verbal e há aqui uma variação na formalidade da linguagem utilizada, refletindo a adaptação dos falantes ao contexto da entrevista.

Enquanto nas entrevistas com os youtubers a linguagem é mais informal e próxima do público jovem, na entrevista com o ex-jogador de League of Legends, a linguagem é mais técnica e formal, adequada ao contexto da entrevista. Isso evidencia como os falantes ajustam sua linguagem de acordo com as demandas comunicativas do contexto específico, corroborando com a teoria de Bortoni-Ricardo (2005) sobre a variação estilística na fala.

9) Produção Final: partindo para alcançar um dos principais objetivos desta pesquisa, que é a adequação da linguagem às diferentes situações de comunicação, lancei uma proposta um pouco mais desafiadora para a produção final dos alunos: entrevistar um escritor conhecido com uma audiência real.

Por meio de uma parceria com uma escola do município, organizei uma plateia composta por alunos da escola municipal da Sede de Rio Novo do Sul. Assim, cada turma participante desta pesquisa recebeu uma turma de terceiro ano da escola municipal. O entrevistado, senhor Aécio De Bruim, é um escritor cachoeirense com várias publicações, principalmente para crianças e

adolescentes. Cada dupla de alunos das duas turmas elaborou uma pergunta ao entrevistado e, para o dia da entrevista, cada turma elegeu dois colegas – um do sexo feminino e outro do masculino – como entrevistadores.

Antes da produção final, porém, apresentei a biografia do escritor por meio de slides, para que os alunos pudessem estruturar melhor suas perguntas. Enquanto eu fazia este trabalho, a professora de Língua Portuguesa da escola municipal trabalhou uma obra do escritor, para que a *plateia*, que tem em média oito ou nove anos, pudesse compreender melhor a entrevista e o entrevistado. Em síntese, os oitavos anos precisariam pensar em uma entrevista a um escritor, tendo um público infantil como espectadores. A duração desta etapa foi de duas aulas.

Apresentação da Produção: no dia da entrevista, em 26 de julho de 2023, tanto os pequenos espectadores quanto os alunos que organizaram a apresentação estavam muito ansiosos com o que iria acontecer. Para o evento, foi utilizado o auditório da escola. Em um canto do local estavam todas as publicações do escritor Aécio De Bruim. Ao centro, na parte da frente do auditório, estava um casal de alunos apresentadores e o escritor. Cada turma utilizou uma aula para a entrevista.

O autor gentilmente doou exemplares de dois títulos seus aos estudantes: cada aluno dos oitavos anos recebeu um exemplar de “Duda e o pedagogo” e de “A águia e o forasteiro e outras histórias em versos de cordel”; e cada aluno dos terceiros anos recebeu um exemplar desta última obra.

Nesta produção final, percebi de forma mais especial que meus alunos se mostraram abertos, envolvidos e entusiasmados com as respostas às suas perguntas.

O que também chamou a atenção foi o fato de esses entrevistadores representantes das turmas serem alunos um pouco indisciplinados e bem resistentes a cumprirem com atividades propostas pelos professores. Em outra turma, tive a surpresa de uma entrevistadora ser uma aluna que não era participante *oficial* da pesquisa, mas que participou brilhantemente de todos os módulos.

A referida aluna não havia entregado ao responsável o Termo de Assentimento e, portanto, não participaria da pesquisa. Porém, quando as

atividades se iniciaram, ela foi se envolvendo e demonstrando seu talento. A cada apresentação, eu elogiava todos os alunos, mas sempre chamava separadamente o público mais resistente com o objetivo de atraí-los para minha pesquisa. Esse trabalho trouxe uma maior aproximação dos alunos, que se sentiram valorizados.

A seguir estão as entrevistas das duas turmas ao escritor¹⁸. As falas dos entrevistadores estão em negrito; as do entrevistado, sem nenhum destaque.

Turma A

- Ele nasceu em Cachoeiro de Itapemirim nos anos 50. Seu pai era descendente de belga e sua mãe, afrodescendente. Aos três anos, mudou-se para Vargem Alta e, em seguida, para Itapemirim, onde permaneceu até a fase adulta. Na capital, Vitória, tornou-se¹⁹ professor e iniciou suas primeiras obras, que hoje já ultrapassam mais de 20 publicações, incluindo livros para o público adulto e também para o público infantil. É com prazer que o 8º XXXX recebe o professor aposentado e escritor Aécio De Bruim.

- Senhor Aécio, bom dia! Conte-nos como foi a trajetória de estudos do senhor antes de se tornar um escritor.

- A minha trajetória antes de me tornar escritor era de uma pessoa comum, que precisava trabalhar, mas tinha o estudo como seu foco, seu objetivo. Eu morava muito longe, eu vinha de bicicleta todo dia para estudar aqui em Rio Novo do Sul. Eu morava na Usina Paineiras. De lá eu vinha todo dia de bicicleta e voltava, eu e mais seis amigos. Assim que nós terminamos aqui em Rio Novo do Sul, nós estudamos aqui o Fundamental e o Ensino Médio. Quando nós terminamos o Ensino Médio, aí nós falamos, agora é só a faculdade, acabou. Aí que eu pensei assim: faculdade só se for na Universidade Federal, porque particular não podia pagar. E foi aí que eu fui para Vitória, trabalhei em empresas, trabalhei nas fábricas, até consegui entrar na universidade para estudar. Na universidade a gente convive com escritores, com pessoas que gostam da literatura e esse convívio fez com que eu começasse a escrever minhas primeiras obras. Depois de formado, comecei atuar como professor.

¹⁸ Nas entrevistas, constam as respostas do escritor na íntegra.

¹⁹ Vale ressaltar que, embora a ênclise não seja comumente associada à linguagem adolescente ou à fala coloquial, foi essa a colocação pronominal do grupo. Como disse, as falas, nas entrevistas, estão transcritas exatamente como foram proferidas.

- Como foi para o senhor o despertar do gosto pela escrita de livros? Conte-nos como foi o início de sua carreira.

- No curso de Letras da Universidade convivemos com importantes pessoas. Eu acabei de falar aqui, mas vou repetir porque a sua pergunta é muito boa, para a gente explicar. Eu convivi com poetas, com escritores, com pessoas que amam a literatura. Como eu já morei aqui no Itapemirim, com muita gente com histórias impressionantes para escrever, resolvi colocar essas histórias no papel. Então publiquei meu primeiro livro, depois meu segundo, e aí foi tudo bem. Hoje eu sou aposentado e minha vida é escrever. Escrever e distribuir livros.

- No início, o senhor produzia livros direcionados ao público adulto. Com o tempo, passou a produzir para o público infantil. De onde surgiu a ideia de criar obras para esse público?

- Opa! Pergunta boa, né, menina? Olha só. Eu... você falou assim... que eu produzia livros para o público adulto? Mas a palavra adulto... quer dizer que era um livro específico para todos, aquilo não era direcionado para a criança, porque há literatura específica para a criança mesmo, como esses que eu escrevo aqui, que eu distribuo. O meu primeiro livro de contos era para o público destinado à faculdade, ele discutia personagem, a função do narrador, do leitor, cenário. Aí, o que aconteceu? As escolas me chamavam para falar sobre literatura com as crianças. Eu percebi que meu livro não era direcionado para o público infantil. Eu pensei, "Poxa vida!". Vi que faltava aquela fantasia infantil, aquela pegada infantil. Então eu comecei a escrever para esse público e foi a melhor coisa que eu fiz.

- Durante seu processo de criação, o senhor se inspira em algum outro escritor?

- Se eu me inspiro em algum outro escritor? A gente tem... vocês vão, vocês são estudantes, né? Vocês vão ver, vocês vão conhecer outros escritores, vocês vão conhecer poetas, contistas, romancistas. Eu não tenho um escritor que eu me baseio nele. Eu tenho vários, um deles é Machado de Assis, que vocês vão ouvir falar. Ele é o maior escritor da nossa literatura brasileira. Era um menino pobre, nasceu em um bairro pobre e se tornou o maior escritor da nossa literatura brasileira. Machado de Assis não tem um livro dirigido para crianças, mas crianças podem ler, não tem nada demais. Tem também o poeta, Manuel Bandeira, não deixem de ler o Manuel Bandeira! É um sensacional! Tem o livro Meninos Carvoeiros. Além desse, gosto também de Lima Barreto, Jorge Amado e

mulheres como Cecília Meireles, Cora Coralina e Ligia Fagundes Telles, entendeu? Ah! E tem os escritores capixabas como Rubem Braga, Newton Braga, Francisco Aurélio Ribeiro e Marilena Soneghet.

- Existem dificuldades para ser um escritor? O senhor tem algum assunto preferido para escrever suas obras?

- Se existem dificuldades para ser um escritor? Não tem dificuldades para quem tem vontade de escrever. Às vezes você vê uma cena..., mas se quer transformar aquilo em uma história, aí você não vai fazer igual o jornalista, escrever aquilo, como aconteceu aí. Você acrescenta, porque literatura não é jornalismo, literatura não é qualquer coisa. Você acrescenta mais e depois corrige. Um dia depois volta a ler, aí você melhora mais um pouquinho, sabe? Quanto ao assunto, eu não tenho nenhum assunto preferido. Eu tenho a área, a minha escrita que nasce de uma coisa que eu vejo, de uma coisa que eu sinto, que eu percebo, que eu tenho necessidade de escrever. Agora não tem uma coisa só. Agora, faço questão de dizer que na minha literatura tem a metalinguagem. Aí, os alunos do oitavo ano e os alunos do Bodart Júnior, eu pergunto: vocês sabem o que é metalinguagem? É a poesia falando da poesia, vocês vão perceber isso. A própria poesia falando da poesia é o tema que eu gosto muito.

- Quais são os principais desafios em ser um escritor aqui no Brasil?

- Os principais desafios para um escritor é publicar o livro. Depois que você escreve, pensa assim: como é que eu vou publicar? Entendeu? E é como subir escadas, um degrau de cada vez. Depois tem o desafio de divulgar, convidar pessoas para o lançamento e muita expectativa para saber se o livro está agradando o público.

- O senhor já escreveu mais de 20 livros. Dentre eles, há algum de sua preferência? Por quê?

- Eu digo que livro é um filho. Quando você pergunta a um pai, a uma mãe que têm vários filhos, qual é o filho que ele gosta mais, eles vão responder que não tem preferência. Eu amo meus livros da mesma forma. Todos são especiais para mim.

- Dos livros publicados, qual foi o mais difícil de escrever e por quê?

- Olha, é... difícil de escrever não tem não, sabe? O que existe é o seguinte: a gente escreve um livro, escreve um texto, deixa no computador uma semana depois você volta. Uma vez, escrevi uma poesia que eu deixei lá. Depois eu voltei

e disse: Nossa mãe! Eu escrevi isso. Já devia ter lido, é surpreendente, mas escrevi um conto. Vocês devem estar perguntando: por que isso acontece? Porque o momento da criação é único. Vocês que gostam de escrever, vocês que estão aqui. O momento da criação é o momento... é diferente, é um momento diferente de quando você está batendo um papo, de quando você está jogando bola, de quando está brincando. Escrevendo você está concentrado, com a sua inspiração, com a sua criatividade, com a sua imaginação, que é diferente quando você está brincando, né?

- Os personagens criados nas suas obras têm alguma semelhança com o senhor ou com outras pessoas conhecidas?

- Comigo, não. No primeiro livro que eu escrevi, vou até mostrar [exibiu a obra "Alguns Contos", de 1986]. Este livro aqui tem quase 40 anos que eu escrevi. O primeiro texto, que se chama "O Feijão e o beijo", o Feijão era um jogador de futebol; gostava muito de jogar bola. Um dia viu uma menina e se encantou por ela. Na minha adolescência, eu jogava futebol e tinha o apelido de Feijão. Então, este aqui tem alguma coisa a ver comigo, o apelido. Na poesia é o seguinte: em cada verso, cada poesia, há uma gota de lágrima, de inspiração. Há uma gota de sangue em cada verso, como dizia o Mário de Andrade. Então, cada um tem um pouco da gente. Você não pode se desligar de si mesmo para escrever. Não pode.

- Por que eles chamavam o senhor de 'Feijão'?

- Eu acho que é porque eu sou meio queimadinho, sabe? Era uma brincadeira saudável. Nunca levamos isso pelo lado do racismo. Inclusive, veja bem, eu estudava na Igreja Batista e tinha aqui a escola estadual. Elas eram rivais. Um dia nós trouxemos um time para jogar aqui, o time era de Paineiras. E os colegas todos me chamaram: "Vem Feijão! Vem Feijão!". Era assim, amigável, a brincadeira, nunca levei isso pelo lado do racismo, mas pela amizade. Há cinquenta anos, uns tinham apelidos de Cabeção, Pezão, Futrica, Moreia, Pororoca, Boseira. Não havia *bullying*, era assim numa boa.

- Em média, quanto tempo o senhor passa escrevendo um livro?

- Olha... É... Às vezes leva um mês, às vezes uma semana. Mas assim... Não se pode escrever um livrinho, de repente. Um dia você escreve um livro, pode até escrever uma história do livro. Um dia, sabe? Depois você tem que rever, tem que

acertar, acrescenta, tira, modifica. Às vezes demora, né? Às vezes demora até um mês. Tem gente que escreve um livro em um ano.

- Dos livros que o senhor já publicou, qual foi o mais vendido? Sobre o que fala essa obra?

- Eu acho que foi esse aqui mesmo. O primeiro. Foram mais de mil livros. Todos esses outros eu vendi um pouco, mas eu quero dizer para vocês que eu não vivo da venda de livros. Minha ocupação não é essa. Vendo muitos pela internet, mando para vários lugares do Brasil, mas o que eu realmente gosto é de publicar e conviver com alunos da escola pública.

- Como o senhor se sente quando conclui uma obra?

- Eu fico doido para publicar. Procuro a editora para fazer a diagramação, depois. Antes eu não fazia isso não. Agora faço o registro na Biblioteca Nacional. Se é registrada na Biblioteca Nacional, ninguém pode copiar. Você está protegido por lei. Os últimos livros meus estão todos registrados. Antes eu fazia assim, escrevia o livro, ia na gráfica. Se alguém pegasse esse livro e registrasse, o livro seria de autoria dele. Entendeu? Então, o que eu faço agora? Eu registro, inclusive, os anteriores também, estou registrando também na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Para vocês entenderem melhor: Cachoeiro de Itapemirim teve um período que encheu tudo, todas as ruas, uma professora publicou um livro, como se o rio estivesse desculpando o contexto. Era uma poesia. “Desculpa gente, eu estou passando”. Então essa poesia viralizou. Uma pessoa de Goiás pegou e tentou registrar em nome dela. Se ela tivesse feito isso, a autora seria a outra que tentou se apoderar da obra.

- Como surgiu a ideia de fazer a distribuição gratuita dos seus livros?

- Adolescentes em recuperação. Adolescentes que cometeram crimes. Então eu fui lá, fiz palestra com eles, levei o livro para eles. Eu sempre me pergunto isso também: “por que você distribui o livro aí para o pessoal, para todo mundo, por que você faz isso?” É porque nós acreditamos em vocês. Nós acreditamos que vocês vão formar famílias melhores, nós acreditamos que vocês vão formar... pessoas melhores, então nós acreditamos na melhor da sociedade, nós fazemos isso porque, porque nós queremos um país melhor, uma família melhor, nós queremos isso, nós acreditamos, fazemos tudo para que a gente veja outra coisa também. Adolescentes, crianças, adolescentes, gostam de ler? Então a escola é esperança, a escola nunca foi tão importante como agora é. A educação vive em

uma luta constante com a tecnologia. Na escola você tem o livro, na escola você vê. Você faz interpretação, você faz pesquisa. Aí você aprende a gostar do livro. Aprendi a importância que tem o livro. E aí você cresce. Quando você vê, você cresce igual a pessoa, como gente. Cresce a esperança. O livro tira a esperança e você vence a dificuldade. Por que você distribui o livro para a escola pública? Porque é o seguinte também: se eu chegar aqui para vender, alguns vão comprar, não sei. Nem todo mundo de escola pública é carente, alguns poderão comprar. Mas, se a gente distribuir, o que acontece? Todo mundo lê. Todo mundo vê, todo mundo tem, todo mundo participa. Lê. É isso aí.

- O senhor tem algum recado para deixar a todos nós, que somos estudantes?

- Tem, tem um recado sim. Só um minutinho que eu escrevi. Pensam que eu vim para cá e não escrevi nada para vocês? Não! Lógico que eu escrevi, né? É uma poesia em verso de Cordel.

“Bom dia, escola Waldemiro Hemerly! Bom dia, escola Bodart Júnior! Bom dia, querida escola! Estar vivo com vocês é mesmo um show de bola! Permita-me apresentar, eu sou o Aécio De Bruim. Nasci na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Outra coisa que eu quero dizer é que estou muito feliz. Vir aqui a esta escola é o que eu sempre quis. O que venho aqui fazer é incentivar a literatura. Para vencer os obstáculos é preciso boa leitura. Trouxe vários livros, que os deixo com vocês. São histórias e poesias traçadas no bom português. Estudante é um sonhador, mas uma coisa muito importante, tentar realizar seu sonho. É a cima de todo estudante. Hoje eu ando pelas escolas, espalho livros com prazer, pois sei que a leitura enriquece quem tem a sede do saber. Hoje, com meus 72 anos, com alegria aqui venho. Desejo que vocês ultrapassem, quer dizer, vivam muito mais do que esta idade que eu tenho. Mas para isso, é preciso nutrir bons pensamentos, ter sempre boas amizades, e ter cuidado com o alimento. Nem tudo que é gostoso, nem tudo que é agradável faz bem à saúde, vocês sabem disso. O aluno tem a vontade de que estudando haverá de vencer. Sente-se cada vez mais encantado com o mundo do saber. Respeite os professores, professoras, coordenadores, colegas, funcionários. Eles estão aqui para nos ajudar. Olhando sempre para frente, ninguém vai nos derrotar. Hoje estou muito feliz por estar aqui neste belo ambiente. Sinto-me mais rejuvenescido com esta meninada inteligente”.

– Agradecemos a mensagem e também a presença do senhor.

- Obrigado! Eu que agradeço por estar aqui com vocês! Espero voltar, sabe, professora, outras vezes. Vocês são adolescentes lindos e simpáticos!

Turma B

“Nascido em Cachoeiro de Itapemirim, a terra do Rei Roberto Carlos, seu pai era descendente de belga e sua mãe, afrodescendente. Ainda bem pequeno mudou-se para Vargem Alta e, em seguida, para Itapemirim, onde permaneceu até a fase adulta. Na década de 80, vivendo na capital, Vitória, tornou-se professor. Naquela época, ainda estudante, escreveu sua primeira obra. Ele tem uma bonita trajetória de mais de 20 publicações de livros, tanto para o público adulto quanto para o público infantil. Agora, recebemos com muito carinho o escritor Aécio De Bruim.

- Bom dia, senhor Aécio!

- Bom dia! Muito obrigado! Depois de uma apresentação dessa eu me sinto outra pessoa.

- Vamos então à nossa entrevista. Soube que, quando o senhor começou a estudar, tinha que se deslocar de Paineiras²⁰ até Rio Novo do Sul de bicicleta. Quais foram os outros obstáculos, além da distância, que o senhor teve que enfrentar no caminho de ida e volta da escola?

- Para estudar nós vínhamos de lá para cá. Vou explicar para vocês por quê. Isso aconteceu na década de 60, 1967, que eu comecei a estudar aqui. Então, já são mais de 60 anos, né? Então, lá onde eu morava, em Paineiras, não tinha escola além do quarto ano primário. E a gente que cresceu, precisava estudar. Meu pai me aconselhava: “Você precisa estudar! Se você não estudar, você não vai ser nada! Você vai ficar aqui cortando cana! Você tem que estudar!”. Então, meus amigos e eu viemos de Paineiras para estudar aqui em Rio Novo do Sul. Na igreja Batista funcionava uma escola particular. Tinha também a escola estadual que hoje é a escola Waldemiro Hemerly. Nós estudávamos lá na igreja Batista porque meus amigos e eu tínhamos bolsa. A minha bolsa era porque meu pai era funcionário da ESCELSA e a bolsa dos meus amigos era porque os pais dos

²⁰ Segundo o site <https://incaper.es.gov.br/media/incaper/proater/municipios/Itapemirim.pdf>, Paineiras é uma comunidade do Distrito Rio Muqui, que pertence à cidade de Itapemirim – ES. A distância entre essa localidade e a cidade de Rio Novo do Sul é de aproximadamente 13km.

meninos eram funcionários da Usina Paineiras. O nome da escola era Colégio Sul Americano e nós todos fomos para lá. Mas sobre o nosso obstáculo, o problema era quando chovia. Chovia, o pneu da bicicleta enchia de barro. Eu tinha que carregar a bicicleta nas costas. Isso, né? Nós chegávamos todo molhado e era preciso arrumar um local para colocar o uniforme, que era bem tradicional, camisa branca com gravata azul, calça comprida azul, sapato social e meia. Mesmo com os obstáculos, era muito bom!

- Saudade, né?

- Muitas!

- De onde vêm as ideias para escrever seus livros?

- Quando eu fui para Vitória, logo que eu entrei na universidade, que eu comecei a fazer muitas leituras. Quem estuda Letras da universidade tem que ler. Tem que ler romance, conto, poesia. E quando eu comecei a ler, eu vi que uns escritores escreviam coisas que eu já havia visto em Paineiras. Vi semelhanças em personagens. O que eu lia sobre Jorge Amado, Machado de Assis e tantos outros eram histórias parecidíssimas com muitas que eu conhecia. Não teve jeito, eu tive que escrever, tive que colocar no papel muitas coisas que havia presenciado.

- O senhor sempre sonhou em ser escritor?

- Não, eu sonhava em ser jogador de futebol. Eu, quando estudava aqui em Rio Novo Sul, eu jogava futebol também. Aqui tinha um timaço e eu jogava nele, mas eu não morava aqui. Inclusive um dia aconteceu um fato interessante: eu comprei um ingresso para assistir a um jogo. Ocorreu um problema com um jogador e outros jogadores que me conheciam me viram na arquibancada e chamaram: "Aécio! Aécio! Vem cá! Está faltando um jogador, vem jogar!". Quando terminou o primeiro tempo, o camarada da bilheteria foi lá no campo falar comigo: "Aécio, você pagou para assistir ao jogo e agora está jogando! Toma seu dinheiro de volta!". A vida tem essas coisas assim, viu?

- Sua inspiração para ser escritor veio de alguém ou de algum livro?

- A minha inspiração, como eu falei, quando você vê que os escritores escrevem muita coisa que você conhece e principalmente quando você começa a ler. Se você lê, por exemplo, as poesias de Manuel Bandeira, eu recomendo para vocês as poesias de Manuel Bandeira, principalmente a poesia dele que tem o título de "Meninos Carvoeiros". Uma poesia tão simples! O que ele escreve sobre Brasil, todas as histórias, a maneira como ele escreve... Tem também Machado de

Assis. Ele escreve como se estivesse conversando com você! Eu também convivi, lá em Vitória, com diversas pessoas que gostavam de escrever e que também me inspiraram. Mas não tem jeito não, a gente tem que soltar a palavra.

- O senhor faz distribuições gratuitas dos seus livros e isso não deve ser barato. Tem alguém que ajuda financeiramente nas publicações das suas obras?

- Tem, minha família, meus amigos. Eles me ajudam. Eu tenho um filho que mora na Alemanha. Está lá há mais de 20 anos. Inclusive, foi aluno do Bodart Júnior. Meu filho, o Altair, outro dia ligou para mim: “Eu sei que tem muitos alunos nas escolas. Quer que eu mande algum dinheiro? Não é muito não, mas eu mando”. Eu respondi: “Não, por enquanto não precisa, não. Se precisar eu falo, né?”. Meus ex-alunos também ajudam. Eu tenho ex-aluno médico, policial rodoviário federal, engenheiro. Tem meus parentes, os professores que trabalharam comigo lá em Vitória. É assim, entendeu?

- Então quer dizer que eles são bem-sucedidos, né?

- É! Então, eles sabem do meu trabalho. Minha preocupação não é vender livros, é conviver com a literatura.

- O senhor vai lançar alguma obra este ano? E ela vai falar sobre o quê?

- Vou sim, sabe, professora. Inclusive eu quero depois mandar para os alunos do Bodart Júnior porque eu noto que na literatura infantil falta o apólogo. O que é apólogo? Apólogo é igual a fábula? Fábula é uma história de bichos que agem como se fossem pessoas, sempre com fundo moral. É difícil eu ver um apólogo na literatura. Apólogos são objetos que conversam como se fossem pessoas. Por exemplo, a caneta, o lápis, a borracha. O lápis reclamando com a borracha: “Por que você só vive me apagando?”. Então, o apólogo mais conhecido da nossa literatura quem escreveu foi Machado de Assis. O nome do texto é “Um apólogo”. Nele a agulha conversa com a linha dizendo que ela vai na frente, que abre caminho, e você vem atrás. “No final das contas, eu volto para a caixinha e quem vai para a festa você, né?” Sobre a obra que eu vou lançar será sobre a caneta, o lápis e a borracha conversando sobre o trabalho deles. Um reclama que o lápis escreve e a borracha apaga. Depois vem a caneta, conversa também, reclama, fala que ela escreve daqui, escreve dali, mas o corretivo que apareceu depois, ele apaga também. O corretivo diz “Não, eu só apago o que está errado”. E depois a

caneta fala a história dela, que ela apareceu muito antes porque as pessoas escreviam com pena de aves. Então tem essa história toda assim.

- Se alguém quiser adquirir seu livro, onde poderá encontrar para comprar?

- Eu não ponho em livraria, não. Eu vendo no Facebook, mandam mensagens pelo Messenger, entendeu? Eu tenho Instagram também, mas não acostumei com ele, não. Alguns são pelo WhatsApp também. O pessoal manda para mim e tal. “É, manda tantos livros aí para mim. Mas é quanto? Quero tantos reais”. “Primeiro você espera receber, depois de receber você me paga”. Não me preocupo, são todos conhecidos, nunca tomei prejuízo.

- Então não tem em livraria, bibliotecas?

- Se eu me tornar famoso, eu coloco o livro lá. Aí todo mundo vai comprar. Mas se você chegar lá, vai ver um monte de livro, mas ninguém te conhece, não compra nenhum. Então quem compra meu livro? Eu falei quem me ajuda? São meus familiares, meus amigos, conhecidos, professores que trabalham comigo, são meus amigos. Então, se você quer vender seu livro, você tem que divulgar. E agora é o que eu faço. Vendo alguns e também distribuo em escolas públicas. E por que distribuo em escolas públicas? Porque, vamos supor, se eu quiser vender livro aqui, a escola pública é o seguinte: nem todo mundo que estuda escola pública é carente não. Tem muita gente com situação boa, mas tem gente que não pode comprar, não é? Então, se eu quiser vender livro aqui, alguém vai comprar, mas muitos não vão comprar. Uns vão ler, uns não vão ler. Não tem graça, né? Todo mundo tem que ler. Então eu distribuo para todo mundo, sem problema. Eu sou professor aposentado, entendeu? Eu não tenho grandes coisas, mas não dependo dos livros para sobreviver.

- Dentre todos os seus livros, qual o seu favorito? Por quê?

- Já respondi a uma pergunta dessa da seguinte forma: É igual você perguntar ao pai: “Qual dos seus filhos é mais importante? De qual você gosta mais?” O que o pai vai responder? Bem, todos são iguais, não tem preferência, né? Então os livros são filhos. Você dedicou um monte de tempo para você escrever, publicar, se inspirar... Então você diz, todos eles. Eu não tenho preferência, não.

- Como surgiu o seu interesse pela escrita?

- Surgiu estudando, lendo, vendo que o que os escritores fazem. É muita coisa que você conhece também. Você estuda. Você tem que conhecer a literatura. As nuances de um texto, né? Então você tem que escrever, escrever, escrever. Eu

tenho quase 40 anos escrevendo. Vocês estão me conhecendo agora, mas meu primeiro livro foi publicado em 1986. Daqui três anos, vai fazer 40 anos que este primeiro livro foi publicado [o autor apresenta o livro aos alunos]. Depois foi este aqui [o autor apresenta o segundo livro aos alunos]. Então, quer dizer, eu tenho quase 40 anos de estrada literária.

- O que o motiva a escrever?

- É viver a literatura. É sentir que a literatura está no sangue, está na alma, está na vida. Sentir que você tem esse ambiente que você chega aqui. Você chega, você conversa sobre literatura, sobre leitura. É meu escrever, é viver a literatura, é o que você gosta.

- O senhor escreve todos os dias?

- Não. Às vezes eu levo um mês sem escrever, né? Às vezes não. Mas quando é possível, pego firme, né? Sim, aí vai escrevendo, escreve uma coisa, escreve outra, escreve um texto e deixa lá. Aí eu mostro para as minhas filhas, mostro aos meus amigos, um grupinho cá, um grupinho lá. Eu sempre ouço as pessoas, quando sugerem que seja retirado algo que não ficou bom.

- Quando está escrevendo, quais são os temas de sua preferência?

- Eu gosto muito de retratar umas cenas, uma cena poética. Vamos supor, lá em Cachoeiro eu sempre vou à [Avenida] Beira Rio e vejo uma garça voando naquele leito do Rio Itapemirim em direção ao Itabira. Outra vez, eu sentei lá no ponto do ônibus e estou observando uma mulher varrendo a calçada. Ela funcionária da prefeitura. Um sujeito, idoso também, estava ao meu lado mexendo com ela. “Oh, tem um papel para trás aí!”. E a mulher disse que não iria varrer o papel “Vou deixar pra lá”. E o senhor continuava a implicar com a mulher. “Ei, você não quis casar, agora tem que varrer aí”. Aí a mulher disse: “Você não quis casar comigo!”. Eu percebi que eles eram conhecidos. Notei também que, enquanto conversavam, chegou um menino perto da senhora e pegou uma chave com ela e foi embora. E aí eu escrevi um texto sobre esse fato. Eu acrescentei que o moço conversou com a senhora: “Seu neto já está grande!”. E ela responde: “Sim, ele tem 14 anos, já tem 1,92m. Ele é goleiro, treina no Estrela. Ele quer ser goleiro profissional”. “Ah, ele quer ser goleiro?”. “É. E ele falou para mim que ele vai me dar uma casa, e ele vai me tirar do aluguel, vai me sustentar.” Depois disso ela começou a chorar. Então, quer dizer, isso não aconteceu, mas eu acrescentei à história que estava vendo.

- Você modificou?

- Modifiquei a cena, criei uma história da cena entendeu? Daquela cena ali eu criei uma história.

- O senhor já teve alguma dificuldade que fez querer desistir de ser escritor?

- Não é uma dificuldade. Sabe o que é? Eu vou explicar. É... às vezes quando você está escrevendo um livro, um texto, um conto que você está escrevendo. E depois você pergunta assim: "Que importância tem esse texto para alguém que vai ler?". Às vezes você está contando uma história que não tem sentido nenhum, por exemplo, de um casal que se conheceu, depois começou a brigar, a menina traiu rapaz, brigaram, ou se alguém foi atrás do outro. Isso tem importância para o quê? O texto que ser importante, gerar prazer, ler e aprender.

- Tem que ser importante?

- Sim, aproveitar a leitura, crescer com a leitura. A leitura deve existir para melhorar as pessoas, caso contrário não tem sentido nenhum.

- Que mensagem o senhor gostaria de deixar para nós, neste dia?

- Bem, eu preparei uma mensagem, só um minuto. Estão achando que eu vim pra cá com a cara e a coragem? Posso ler? "Bom dia, escola Waldemiro Hemerly! Bom dia, escola Bodart Júnior! Bom dia, querida escola! Estar vivo com vocês é mesmo um show de bola! Permita-me apresentar, eu sou o Aécio De Bruim. Nasci na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Outra coisa que eu quero dizer é que estou muito feliz. Vir aqui a esta escola é o que eu sempre quis. O que venho aqui fazer é incentivar a literatura. Para vencer os obstáculos é preciso boa leitura. Trouxe vários livros, que os deixo com vocês. São histórias e poesias traçadas no bom português. Estudante é um sonhador, mas uma coisa muito importante, tentar realizar seu sonho. É a cima de todo estudante. Hoje eu ando pelas escolas, espalho livros com prazer, pois sei que a leitura enriquece quem tem a sede do saber. Hoje, com meus 72 anos, com alegria aqui venho. Desejo que vocês ultrapassem, quer dizer, vivam muito mais do que esta idade que eu tenho. Mas para isso, é preciso nutrir bons pensamentos, ter sempre boas amizades, e ter cuidado com o alimento. Nem tudo que é gostoso, nem tudo que é agradável faz bem à saúde, vocês sabem disso. O aluno tem a vontade de que estudando haverá de vencer. Sente-se cada vez mais encantado com o mundo do saber. Respeite os professores, professoras, coordenadores, colegas, funcionários. Eles estão aqui para nos ajudar. Olhando sempre para frente,

ninguém vai nos derrotar. Hoje estou muito feliz por estar aqui neste belo ambiente. Sinto-me mais rejuvenescido com esta menina inteligente”.

- Em nome da turma, nós agradecemos a mensagem e também a disponibilidade do senhor para esta entrevista.

- Por nada! Foi um imenso prazer!”

Com a prática contínua e o feedback recebido, houve um progresso notável na capacidade de expressão e confiança verbal dos alunos. Eles passaram a expressar suas ideias de forma mais coesa e articulada, demonstrando um maior domínio dos conteúdos abordados. Além disso, ganharam confiança ao se expressarem verbalmente, mostrando-se mais desenvoltos e seguros ao abordar os temas das entrevistas. Isso contribuiu para uma comunicação mais fluente e eficaz. As atividades aplicadas durante a sequência de estudos ajudaram os alunos a compreender que a língua pode ser utilizada de diferentes maneiras, dependendo do contexto comunicativo. Esses resultados refletem não apenas o aprendizado do gênero *entrevista*, mas também a evolução da capacidade de expressão e da confiança verbal dos alunos.

Destaco ainda que a abordagem da Sociolinguística Educacional no ensino de Língua Portuguesa é extremamente relevante e eficaz, especialmente em comunidades rurais ou do interior, onde a linguagem oral desempenha um papel significativo na transmissão de conhecimento e na preservação da cultura local. Ao utilizar o gênero entrevista como uma ferramenta pedagógica, promovi a valorização das variedades linguísticas presentes em Rio Novo do Sul, ao mesmo tempo em que desenvolvi habilidades comunicativas próprias das variedades cultas do português. Dessa forma, satisfaz-se a um princípio básico da Sociolinguística Educacional, que é o ensino do português culto partindo-se da linguagem do aluno.

Por meio do estudo de entrevistas com membros da comunidade local, os alunos tiveram a oportunidade de explorar as diferentes formas de fala, os modos de expressão e as histórias de vida presentes em seu ambiente imediato. Isso não apenas enriquece seu repertório linguístico, mas também fortalece o vínculo entre a escola e a comunidade, promovendo um aprendizado mais contextualizado e significativo, o que é outra questão-chave da Sociolinguística Educacional.

Conforme Mollica (2021), a inclusão da Sociolinguística no ensino não só amplia a compreensão dos alunos sobre a diversidade linguística, mas também os ajuda a construir uma identidade cultural mais sólida e respeitosa em relação às diferentes formas de expressão linguística. Dessa forma, o ensino da variação por meio do gênero *entrevista*, sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional, não apenas promove o entendimento das diferentes formas de fala presentes na comunidade, mas também fortalece o senso de identidade cultural dos alunos e os prepara para interagir de forma mais consciente e respeitosa em contextos linguísticos diversos.

Concluída a apresentação da sequência didática elaborada, passo, a seguir, às análises das atividades propostas, iniciando pela entrevista com o escritor Aécio De Bruim. Creio que se pode dizer que as duas entrevistas foram um sucesso, tanto para os alunos quanto para o entrevistado. Este deu o seguinte depoimento escrito a respeito da experiência:

“O contato com os alunos é sempre super agradável. Posso dizer que foi um momento raro em minha peregrinação pelas escolas, depois de aposentado, falando da importância da leitura e distribuindo livros aos alunos.

A professora Marcella Pontes preparou bem seus alunos para as entrevistas, despertando neles a importância do ser questionador. É o aluno que questiona, que tem curiosidade, que quer saber mais alguns detalhes no mundo da literatura. Notei que havia muito interesse, não só dos alunos que questionavam, como também da plateia, que acompanhava com grande interesse os detalhes entre perguntas e respostas.

De início, as entrevistas foram mesmo com perguntas de praxe, como: qual o livro de que mais eu gosto? Qual minha grande emoção como escritor? Qual minha preferência literária: o conto, o romance, a crônica ou a poesia?

Depois, as perguntas foram crescendo as exigências, como, por exemplo, quando uma aluna me perguntou por que eu faço isso, distribuir livros aos alunos de escola pública gratuitamente. Neste momento, notei que o interesse da plateia se animou mais. Então pude falar com eles, que faço isso porque acredito neles. Nós, professores, acreditamos muito nos alunos e alunas. Que cada aluno e aluna são muito mais do que simples componentes em sala de aula. Nós aprendemos a amar cada aluno e cada aluna. E temos grande esperança de que

pessoas boas formam pessoas melhores, famílias melhores, um mundo melhor. É por isso que estamos nas escolas, aos 72 anos, depois de aposentados.

Outro aluno me perguntou por que não coloco meus livros numa livraria. Falei com ele que vende pouco, numa livraria. Quem vende muito livro são pessoas famosas. Às vezes, o leitor ou leitora não quer nem saber do conteúdo. Basta um nome famoso na capa e pronto... uma vendagem fabulosa. Em pouco tempo, milhões de livros. Já o escritor desconhecido nacionalmente pode ter ótimo conteúdo, que o livro fica lá. Então o que faço é conversar com os professores, com os pedagogos e direção da escola. Mando meus livros para que eles examinem, façam avaliação e, se quiserem, posso ir à escola e fazer este trabalho de debate com os alunos.

Outra pergunta que me chamou a atenção: um aluno quis saber se eu já escrevi algum texto sobre mim mesmo. Então eu explicava a ele que no primeiro livro, *ALGUNS CONTOS* (1986), o protagonista é um rapaz conhecido por Feijão. Então expliquei que, em minha adolescência, jogava futebol e era apelidado por Feijão. Depois das explicações, uma aluna me perguntou por que eu era apelidado de Feijão. Tive muito cuidado em responder, para não entrar na questão do racismo, porque poderia fugir do propósito da visita, que era bem amistoso, e aquele era um apelido costumeiro há cinquenta anos. Uns tinham apelidos de Cabeção, Pezão, Futrica, Moreia, Pororoca, Boseira. E não havia *bullying*, era assim, numa boa. Mas depois falei para ela, que também é porque tenho a pele um pouco queimada. E todos acharam engraçado. Parecia que eu estava há cinquenta anos, naquele clima de amizade, somente.

Posso dizer que foi uma visita sensacional, um convívio com alunos e alunas excelentes, que depois pediram autógrafos. A professora Marcella Pontes soube preparar muito bem suas turmas, e notei que todas turmas saem bem melhores para as séries seguintes, e que são adolescentes com os quais se tem prazer em conviver. Sempre que for convidado, terei grande prazer em voltar a este convívio maravilhoso.”

Ao término dos módulos, realizei uma avaliação com os alunos para verificar a eficácia da sequência didática aplicada. A avaliação foi aplicada no Google Forms aos alunos participantes da pesquisa. Havia dez perguntas relacionadas à minha intervenção, e os 42 alunos participantes responderam. As perguntas e respostas são apresentadas na sequência.

1- Qual era o seu conhecimento sobre o gênero textual entrevista antes da aplicação da sequência?

42 respostas

Eu já havia assistido entrevistas na tv e em canal do YouTube

Pouco sobre o assunto

Básico

Sabia um pouco

Não sabia nada

Não sabia nada.

Não conhecia muito, mas já ouvi falar

Já tinha visto outras entrevista, mas não sabia de todos os detalhes

Eu já vi entrevistas, mas não sabia todos os detalhes

Já tinha visto uma entrevista, mas não conhecia os detalhes

Conhecia algumas coisas sobre as entrevistas

Não entendia nada sobre a entrevista

Pouco, meu conhecimento era básico

Pouco, meu conhecimento era básico

Muito pouco, meu conhecimento era básico

Pouco

Metade, pois assisto muitos podcast

Eu achava que era um entrevistador fazendo perguntas para uma pessoa

Já tinha visto uma entrevista só não sabia muito coisa sobre o assunto.

Eu lembro que eu pensava que entrevista era só pergunta e resposta sobre determinado assunto

Eu não entendia como funcionava certos detalhes

Já tinha visto uma entrevista, mas não sabia muito sobre o assunto

Já tinha visto entrevistas, mas não sabia muito sobre o gênero em si.

Entendia um pouco sobre as entrevistas, mas não tudo, aprendi muitas coisas durante o tempo de aprendizado.

Que faziam perguntas e resposta eram dadas

Eu não conhecia muito bem, mas eu já tinha visto

Eu sabia o que era uma entrevista mais não sabia como era feita uma entrevista e quais era as "regras".

Eu só sabia que a função do entrevistador é fazer perguntas e do entrevistado responder elas.

Nada

Eu lembro que eu já tinha uma ideia do que era um gênero textual entrevista, eu achava muito legal, quando eu estudei mais, conheci mais o que é uma entrevista

Eu já sabia mais ou menos o que era

Que era só criar perguntas aleatórias e pergunta para a pessoa

A única coisa que eu sabia sobre esse gênero, era que em uma entrevistas tem perguntas e respostas

Sabia pouco

Tinha um certo conhecimento sobre o tal tema e a linguagem de ambas não deve ser 100% formal

Só sabia o que passava nos jornais na tv

Já conhecia um pouco por causa de alguns programas de televisão

Nada

Só sabia sobre de algumas linguagens de entrevista e como elas podiam ser encontradas

O básico, perguntas e respostas

Quase nada

Só via entrevistas na internet, mas não tinha nenhum conhecimento

As respostas dos alunos evidenciam que, antes da aplicação da sequência, eles tinham diferentes níveis de conhecimento sobre o gênero textual *entrevista*. Alguns já haviam assistido entrevistas na TV ou em canais do YouTube, mas tinham conhecimentos básicos sobre o gênero. Outros sabiam pouco ou nada sobre o assunto e não entendiam como funcionavam os detalhes das entrevistas. Alguns acharam que era apenas perguntas e respostas, enquanto outros tinham uma ideia geral, mas queriam aprender mais. Em resumo, havia uma variedade de níveis de conhecimento prévio sobre o gênero textual *entrevista*. Com a aplicação da sequência, esses conhecimentos foram ampliados, como mostram as respostas a seguir.

2- Que outros conhecimentos sobre o gênero textual entrevista foram adquiridos depois da aplicação da sequência?

42 respostas

Apreendi que devemos saber qual é o público que assistirá a entrevista para que ela seja um sucesso.

Adequação da fala, vocábulos, variação linguística

Que a entrevista tinha que ser bem estruturada e uma linguagem determinada para cada público

Apreendi que as entrevistas tem que ser agradáveis ao público que vai assistir

Que tem que prestar atenção nas linguagens

Que tem que prestar atenção na linguagem porque dependendo de quem você vai entrevistar precisa ter uma linguagem formal

Melhorou a minha linguagem e ficou mais formal e ganhei mais conhecimento sobre o assunto

Que devemos ter modos, tomar cuidado com a linguagem e também perguntas etc.

Bom, eu aprendi que devemos adaptar a entrevista dependendo do público alvo e sempre ser o mais agradável possível

Que a entrevista tem que ser apropriada para o público que irá assistir

Que a entrevista tem que ser bem estruturada para poder apresentar pro público

Com as atividades feitas em sala aprendi as formas de falar com o entrevistado dependendo do tipo que ele é

Apreendi a construir uma entrevista e aprendi que temos que fazer uma entrevista que o público goste

Que precisamos nos preocupar com a linguagem, também é preciso criar perguntas atrativas

Apreendi que em uma entrevista temos que ter calma e temos que fazer uma bela entrevista e etc...

Um conhecimento básico

Que você precisa usar linguagens diferentes para tipos diferentes de ocasião.

Como realmente é uma entrevista, etapa por etapa, como fazer uma entrevista.

Como ela acontece, as coisas que tem que ter, como produzir uma entrevista, a linguagem usada, a postura, o modo de falar, eu também aprendi a aprimorar as perguntas que seriam feitas

Que para cada público precisa de uma forma de linguagem que chame a atenção da pessoa que vai assistir

Eu consegui criar várias perguntas criativas, consegui entender e compreender como funcionava as entrevistas e também criar e responder uma entrevista.

Coisas que tem que ter na entrevista, como forma uma entrevista, entre outras coisas

Mudar a linguagem de acordo com quem está se referindo, fazer perguntas melhores, elaboradas, etc...

Apreendi as diferenças entre entrevistas, aprendi que a linguagem deve ser adequada às vezes mais formal ou menos formal, aprendi a conduzir a entrevista, ser entrevistado etc.

Apreendi que tem que ter uma certa forma de falar dependendo do entrevistado, tem que ter um tema, e um objetivo

O uso de linguagens (formal e informal), perguntas adequadas ao entrevistados, e entre outros

As características de uma entrevista, como formar uma entrevista do zero, a linguagem de como falar com o entrevistado e quais assuntos que chamam a atenção do público alvo.

Melhorei minha linguagem, soube do processo da preparação das perguntas e comecei a elaborar melhor minhas respostas e perguntas.

Eu aprendi como fazer uma entrevista, precisa ter criatividade, boa linguagem

Que precisa ser agradável para quem é entrevistado e também para quem está assistindo, que a linguagem tem que ser ideal

Que a entrevista é para fazermos perguntas que faz sentido como se estivéssemos conversando com a pessoa normalmente

Depois dos estudos sobre esse gênero eu aprendi: pesquisar sobre o assunto antes de elaborar perguntas para a entrevista, procurar uma pessoa que entende sobre o assunto da sua entrevista, adaptar a sua fala de acordo com o nível do grupo que está se comunicando

Que dependendo da entrevista tem que usar linguagem formal

Que na entrevista é preciso se preocupar com a postura, as perguntas serem bem elaboradas, com uma boa linguagem

Que existem diversos tipos de entrevista, a professora também [orientava-nos](#) de sempre adaptar nossa linguagem

Que a postura e a linguagem são importantes

Saber adaptar a linguagem dependendo do público

Como chamar a atenção do público, adaptação da linguagem de acordo com o momento, como são feitas as entrevistas e suas linguagens, como são compostas

Elaborar perguntas criativas, com uma boa linguagem, saber qual é a postura ideal durante a reportagem.

Adaptar as linguagens

Sobre saber entrevistar, sobre saber montar as perguntas para a entrevista

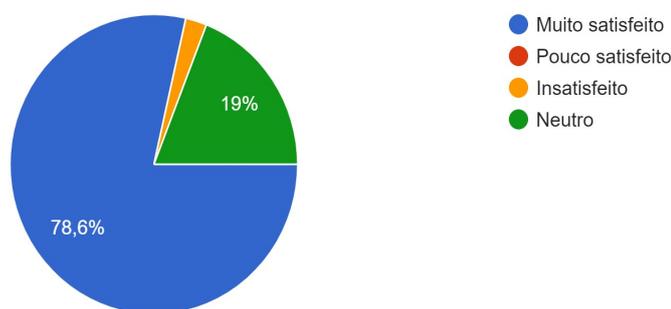
Após a aplicação da sequência, os alunos perceberam a importância de conhecer o público-alvo, de estruturar a entrevista adequando a linguagem empregada à situação e de dar atenção à variação linguística. Eles também aprenderam sobre a importância de preparar uma entrevista: fazer uma pesquisa prévia do entrevistado, elaborar perguntas atrativas e adotar uma melhor postura como entrevistadores.

Em resumo, a evolução da linguagem dos alunos durante as entrevistas foi evidente, refletindo o impacto positivo do aprendizado e da prática na melhoria da comunicação verbal. O progresso observado não apenas se manifestou na linguagem utilizada, mas também na confiança e desenvoltura dos alunos ao se expressarem.

A pergunta seguinte, de número 3, versava sobre a avaliação dos alunos quanto aos conhecimentos adquiridos sobre a variação existente na língua portuguesa. Esses conhecimentos incluíram a compreensão das diferentes formas de linguagem, as variações regionais e sociais, e a importância de adaptar a linguagem ao contexto.

3- Por favor, indique o quanto você está satisfeito com os conhecimentos sobre variação linguística:

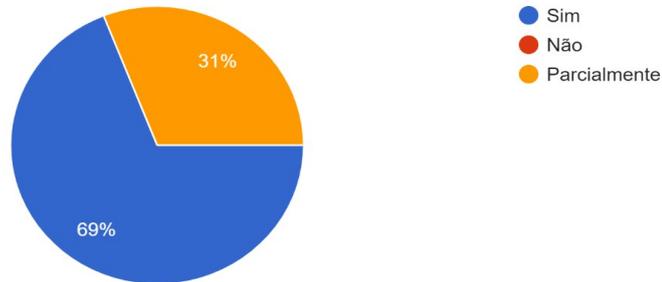
42 respostas



Com base nas informações, é possível estabelecer uma relação estruturada entre o tipo de vida dos alunos e a evolução da aula. A composição familiar, a renda familiar e o acesso a recursos tecnológicos como smartphones e internet são fatores que influenciam diretamente a forma como os alunos absorvem o conteúdo apresentado em sala de aula. Alunos cujos pais possuem baixa escolaridade e renda limitada podem enfrentar desafios adicionais na compreensão e aplicação dos conhecimentos adquiridos sobre variação linguística. Por outro lado, alunos cujos pais possuem Ensino Superior e uma renda mais elevada tendem a oferecer um ambiente propício para o desenvolvimento educacional, proporcionando melhores condições de vida e oportunidades de lazer mais amplas, como cinema, viagens de férias, entre outros. Isso sugere que o ambiente familiar desempenha um papel crucial na evolução da aula, influenciando diretamente a capacidade dos alunos de absorver e aplicar os conhecimentos adquiridos.

4-Você acha que as lições das aulas serão úteis para seu crescimento estudantil e o convívio em sociedade?

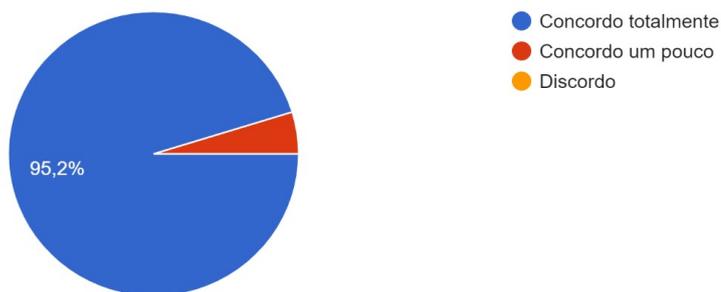
42 respostas



Com base nas respostas fornecidas, concluo que a maioria dos alunos acredita que as lições das aulas serão úteis tanto para o crescimento estudantil quanto para o convívio em sociedade. No entanto, também foram registradas algumas respostas parcialmente positivas, indicando que alguns alunos podem ter dúvidas ou ressalvas em relação à utilidade completa das lições. Essa diversidade de respostas sugere a importância de uma abordagem mais abrangente e contextualizada nas aulas, visando atender às diferentes necessidades e expectativas dos alunos em relação ao crescimento pessoal e social.

5-As aulas foram bem organizadas?

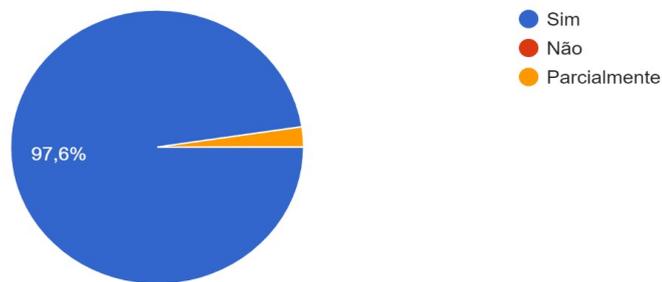
42 respostas



Em relação a esse questionamento, observo que a maioria dos alunos concorda totalmente que as aulas foram bem organizadas. Isso indica que as aulas atenderam às expectativas e necessidades dos alunos, proporcionando uma experiência de aprendizado positiva.

6-A professora era bem informada sobre o assunto que ensinava?

42 respostas

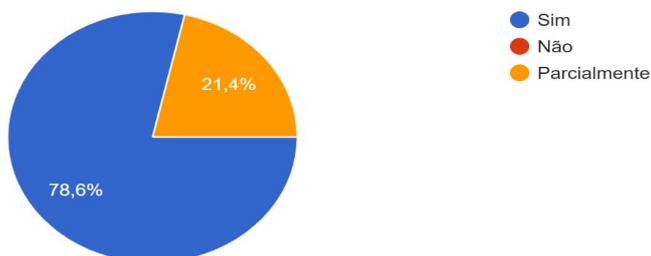


A pergunta de número 6 revela que a maioria dos alunos concorda que eu estava bem informada sobre o assunto que ensino. É positivo ver que os alunos reconhecem esta competência em relação ao conteúdo ensinado.

É importante para mim saber se eu estava bem informada sobre o assunto que ensinei, pois isso demonstra o compromisso com a qualidade da educação que ofereço aos meus alunos. Estar bem informada permite que eu transmita conhecimento com confiança e precisão, garantindo que os alunos recebam uma educação de excelência. Além disso, ao buscar estar bem informada, mostro aos alunos a importância do aprendizado contínuo e da busca por conhecimento, inspirando-os a fazer o mesmo em suas vidas.

7-Os métodos de ensino e a comunicação da professora ajudaram você a entender melhor o assunto?

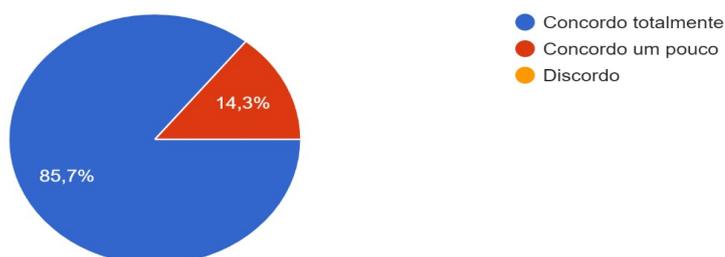
42 respostas



Os resultados revelados aqui são de que a maioria dos alunos concorda que os métodos de ensino e a minha comunicação ajudaram a entender melhor o assunto. Também foram registradas algumas respostas parcialmente positivas, indicando que alguns estudantes podem ter tido dificuldades em compreender

completamente o assunto. Tais respostas sugerem uns ajustes nos métodos de ensino e comunicação, para garantir uma melhor compreensão por parte dos alunos. Também indicam a importância de se manter uma abordagem flexível e adaptável, levando em consideração as preferências e feedback dos alunos para a melhoria contínua das aulas.

8- Os materiais como os xerografados, os vídeos e slides estavam adequados?
42 respostas



Nessa pergunta, ressalto que a maioria dos alunos concorda que os materiais, como os xerografados, vídeos e slides, estavam adequados à proposta de ensino, o que indica que os estudantes puderam aprender mais com eles. É de extrema importância saber se os materiais como xerografados, os vídeos e os slides estão adequados para os alunos, pois isso impacta diretamente na qualidade do processo de ensino. A avaliação da eficácia desses materiais é fundamental para garantir que estão cumprindo o seu propósito de facilitar a compreensão e absorção do conteúdo por parte dos alunos.

Os materiais xerografados, os vídeos e os slides são ferramentas essenciais no processo educacional, e é crucial que estejam alinhados com as necessidades e características dos alunos. Ao obter feedback sobre a adequação desses materiais, posso realizar ajustes necessários para melhor atender às demandas dos estudantes, promovendo assim um ambiente de aprendizado mais eficaz e engajador.

Além disso, a avaliação da adequação desses materiais permite que eu demonstre aos alunos o meu comprometimento em proporcionar uma experiência de aprendizado de qualidade, adaptada às suas necessidades e estilos de aprendizagem. Isso contribui para fortalecer o vínculo entre professor e aluno, promovendo um ambiente de confiança e colaboração.

Portanto, a obtenção de feedback sobre a adequação dos materiais como xerografados, os vídeos e os slides é um passo fundamental para o aprimoramento constante do processo educacional e para garantir que os alunos recebam uma educação de excelência.

9- Por favor, indique dois momentos que você mais gostou na sequência didática:

42 respostas

Entrevista com escritor. Entrevista com pessoas da nossa cidade.
 Prática das entrevistas e socialização do momento com o escritor
 Quando tínhamos que criar as entrevistas e a entrevista com escritor
 Entrevista com escritor, vídeos com entrevistas
 Entrevista com o escritor e estudo sobre gírias.
 Criação de perguntas e respostas para o público adolescente e estudo sobre gírias
 Entrevista com escritor e as entrevistas criados pelos colegas com perguntas e respostas
 Estudo sobre gírias e Estudo sobre variantes
 Entrevista com escritor, vídeos de entrevista
 Entrevista com o escritor, apresentação dos vídeos das entrevistas criadas pelos colegas
 Entrevista com escritor e Estudos sobre gírias
 Quando criávamos as entrevistas e quando fizemos a entrevista com o escritor
 Criação de entrevistas e aulas sobre variantes linguísticas
 Estudo sobre gírias e entrevista com escritor
 Vídeos com entrevistas diversas e Entrevista com o escritor
 Entrevista com escritor e Apresentação dos vídeos de entrevista criada pelos colegas.
 Criação de perguntas e respostas para o público adolescente e a entrevista com o escritor.
 Fazer as entrevistas e a nossa entrevista com o escritor.
 Entrevista com escritor e estudar variantes linguísticas
 A parte de criar e gravar e editar as entrevistas e a entrevista com o escritor.
 Fazer as entrevistas e quando o escritor veio aqui para podermos fazer perguntas pra ele
 Fazer duplas para realizar entrevistas e a entrevista com o escritor (ganhamos livro autografado!)
 A entrevista como senhor escritor, aula sobre variantes.
 Aula sobre variantes, gírias e a entrevista com o escritor
 A hora de fazer os vídeos de entrevistas e a entrevista com o escritor
 Criação de entrevistas diversas e aula sobre variantes linguísticas.
 Gostei de elaborar perguntas e respostas. Também dos vídeos e slides explicativos.
 A entrevista com o escritor de Cachoeiro e o estudo sobre gírias
 Criação de entrevistas e vídeos com entrevistas diversas
 Entrevista com o escritor e estudar as variantes linguísticas.
 Entrevista com escritor, estudo sobre gírias
 A entrevista com escritor e a criação de perguntas e respostas para o público adolescente
 Entrevista com o escritor e entrevista com os profissionais
 Entrevista com o autor capixaba Aécio, vídeos com várias entrevistas
 Entrevista com o escritor Aécio, entrevistas com diferentes profissionais de Rio Novo do Sul
 As aulas que tivemos que criar as entrevistas especialmente a entrevista com o escritor capixaba Aécio, a aula sobre variantes linguísticas.
 Os vídeos com diferentes entrevistas e a entrevista com o escritor
 Entrevista com o escritor capixaba, Estudo sobre gírias
 A entrevista com o escritor, entrevistas com os diferentes profissionais de Rio Novo
 A criação de entrevistas e o estudo sobre gírias
 Quando criávamos perguntas e fazíamos os vídeos, entrevista com o escritor

Durante a sequência didática, os alunos vivenciaram momentos enriquecedores, destacando a realização de entrevistas com o escritor capixaba Aécio como uma experiência rica e diversificada. A prática das entrevistas e a interação com o escritor proporcionaram uma socialização significativa, enriquecendo o aprendizado. O recebimento de um livro autografado durante a entrevista também se destacou como um momento especial, fortalecendo a conexão dos alunos com a literatura. Além disso, a criação de perguntas e respostas direcionadas ao público adolescente e o estudo sobre gírias e variantes linguísticas foram aspectos fundamentais para capacitar os alunos a se comunicarem de forma eficaz em diferentes contextos sociais e profissionais. Essas vivências ampliaram a compreensão da diversidade linguística e cultural dos alunos, desenvolvendo habilidades de comunicação mais amplas e os tornando mais conscientes das nuances da linguagem. Os vídeos com entrevistas

diversas também foram mencionados pelos alunos como um ponto alto da sequência didática, contribuindo para uma experiência ainda mais enriquecedora.

10- Por favor, indique dois momentos que você não gostou na sequência didática:

42 respostas

Gostei de tudo.
 Estudar as variações
 Tudo foi muito legal
 Nenhum
 Nenhum.
 Nenhum.
 Nenhum
 Só estudo sobre variações
 Nenhum...
 Criação de perguntas e respostas para o público adolescente, apenas!
 Entrevista com diferentes profissionais de Rio Novo, estudos sobre variações
 Nenhum
 Nenhum
 Nenhum
 Estudos sobre variações e apresentações dos vídeos das entrevistas criadas pelos colegas
 Adorei tudo
 Nenhum
 Todas as aulas foram maravilhosas
 Nenhum.
 Nenhum
 A parte de ficar pensando naquele monte de pergunta para criar.
 Nenhum, gostei de todos
 Ter que gravar um vídeo, pois não tinha um lugar adequado para gravar a entrevista, deixando a qualidade do vídeo bem ruim e foi muito constrangedor.
 Nenhum.
 Os vídeos de entrevistas
 Nenhum, pois foi tudo bom e legal
 Eu só não gostei de criar as perguntas porque era chatinho
 Achei estressante a entrevista com escritor e profissionais.
 As apresentações das entrevistas com os colegas
 Eu adorei o trabalho que a professora planejou pra gente, foi uma coisa diferente
 A primeira criação de entrevista.
 Estudar variação de linguagem e ter que gravar entrevista com algum colega
 Vídeos com tipos de entrevistas diferentes
 Nenhum
 Nenhum
 Nenhum
 Produção dos vídeos das entrevistas e a apresentação das entrevistas
 Criar perguntas e respostas
 Criar perguntas e resposta para um dono de padaria famosa
 Nenhum
 Adorei tudo
 Nenhum

Em relação à pergunta: Por favor, indique dois momentos que você não gostou da sequência didática, dos 42 alunos que deveriam indicar dois momentos que não gostaram, todos eles juntos mencionaram 47 momentos. Desses, 25 foram "Gostei de tudo" que corresponde a aproximadamente 53,19%. Em relação as respostas que indicam momentos que os alunos não gostaram temos: 5 (Variações linguísticas) + 2 (Criar perguntas e respostas para público adolescente) + 2 (Entrevista com profissionais de Rio Novo) + 2 (Vídeos das entrevistas criadas pelos colegas) + 2 (Criar perguntas) + 3 (Gravar vídeos) + 1 (Entrevista com o escritor capixaba) + 2 (Criar perguntas e respostas para um provável dono de padaria) + 1 (Vídeos com diversos tipos de entrevistas) totalizando 20 momentos que equivalem a aproximadamente 42,55%. Existem várias possíveis causas para os momentos que os alunos indicaram que não

gostaram na sequência didática. Uma delas pode ser a falta de engajamento, onde os alunos podem ter sentido que alguns momentos da sequência didática não os envolveram o suficiente, resultando em desinteresse. Além disso, a dificuldade de compreensão também pode ter contribuído, pois alguns alunos podem ter achado determinados momentos da sequência didática difíceis de entender, o que gerou frustração. Outra possível causa é a relevância percebida, onde os alunos consideraram que certos momentos da sequência didática não eram relevantes para o seu aprendizado, resultando em desinteresse. Apesar de alguns terem mencionado momentos de que não gostaram, essas foram exceções, e creio que a experiência geral foi bastante positiva.

Com base nas respostas coletadas, concluo que a sequência didática foi bem-sucedida. Os alunos adquiriram conhecimentos sobre o gênero textual *entrevista* e demonstraram satisfação com os conhecimentos sobre variação linguística. Ademais, as lições das aulas foram consideradas úteis para o crescimento estudantil e o convívio em sociedade. A organização das aulas foi elogiada, assim como o conhecimento da professora sobre o assunto e a clareza dos métodos de ensino e comunicação. Os materiais utilizados, como xerografados, vídeos e slides, foram considerados adequados. Dessa forma, penso que, no geral, a sequência didática contribuiu para a evolução dos alunos e seu aprendizado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa surgiu do seguinte questionamento: “Como o trabalho com a variação linguística, pautado na oralidade e nos gêneros textuais, pode contribuir para um melhor desempenho dos alunos em diferentes contextos discursivos?” Desse questionamento surgiu o objetivo: propor estratégias de ensino que permitam a compreensão, pelos alunos, da variação linguística – especialmente a diafásica –, partindo-se do estudo do gênero *entrevista*.

Tal objetivo desdobrou-se em três objetivos específicos: 1) Aplicar os pressupostos da Sociolinguística ao ensino de Língua Portuguesa para alunos do Ensino Fundamental II; 2) estudar os aspectos formais e funcionais do gênero entrevista; 3) propor atividades interventivas, por meio do gênero textual *entrevista*, que permitam aos educandos entenderem como a língua varia diafasicamente, para melhor praticarem em seus discursos.

Na tentativa de alcançar os objetivos acima, apliquei, em duas turmas de oitavo ano do Ensino Fundamental II, de uma escola estadual no Município de Rio Novo do Sul – ES, uma sequência didática composta de conhecimentos teóricos, exemplificações de variação linguística, exemplificações do gênero *entrevista* oral, atividades escritas e prática de entrevistas.

Considerando o trabalho como um todo, é importante destacar que alguns entraves e limitações foram identificados no processo. Entre eles, destaco que alguns alunos não aceitaram participar da pesquisa. Dos alunos participantes, apenas a proposta do módulo 2 teve 100% de participação nas produções de entrevistas, enquanto alguns não cumpriram todas as propostas. Os percentuais de participação foram os seguintes: produção inicial – 16,66%; proposta do módulo 5 – 30,95%; e produção final – 4,76%. É relevante ressaltar que nos outros módulos não houve produção de entrevistas, portanto não há porcentagem correspondente a essas propostas. Além disso, houve reclamações quando novas propostas eram lançadas e também foi observada alguma falta de vontade de superar as dificuldades.

Algumas dificuldades técnicas foram mencionadas, mas não afetaram a percepção geral positiva da intervenção. Assim, penso que o resultado final foi positivo, como ficou demonstrado pelas respostas dos discentes ao questionário avaliativo: a sequência foi bem recebida pelos participantes, que demonstraram

interesse e satisfação com as atividades propostas. É importante destacar a importância do momento de interação e socialização durante as entrevistas, assim como a oportunidade de aprender com diferentes abordagens e profissionais.

Em suma, o ensino da variação linguística por meio do gênero *entrevista* revelou-se de extrema importância no contexto educacional. Através dessa abordagem, os alunos puderam compreender e valorizar a diversidade linguística presente em nossa sociedade, desenvolvendo uma postura mais inclusiva e respeitosa.

Tudo isto só foi possível porque apliquei os preceitos da Sociolinguística Educacional, que contribui significativamente para os estudos sobre variação linguística, ao analisar a relação entre a linguagem e o contexto escolar. Essa vertente da Sociolinguística investiga como os fatores sociais, culturais e educacionais influenciam a forma como as pessoas usam a linguagem, especialmente em ambientes de aprendizado.

A Sociolinguística Educacional ofereceu uma perspectiva fundamental para que eu entendesse como a variação linguística se relaciona com o contexto educacional, permitindo o desenvolvimento de uma prática mais inclusiva e eficaz, demonstrando que o ensino da variação linguística por meio do gênero *entrevista* não apenas enriquece o repertório linguístico dos estudantes, mas também promove uma consciência crítica e uma atitude mais empática diante das diferentes formas de comunicação.

É notável mencionar que os alunos compreenderam a necessidade de adequar a linguagem ao contexto proposto, demonstrando habilidades linguísticas admiráveis ao longo das propostas de entrevista. Portanto, reafirmo a importância dessa abordagem na formação de cidadãos mais preparados para lidar com a diversidade linguística e cultural em nossa sociedade contemporânea.

A referida pesquisa proporcionou os educandos um conhecimento mais consistente sobre a valorização social e os usos relacionados a cada variedade linguística, assim como proporcionou um aprimoramento de sua competência comunicativa. Eles não só adquiriram consciência do quanto é importante adequar os usos associados a cada variedade linguística, como melhoraram sua capacidade de comunicação, usando-a com maior autonomia e segurança.

Com a experiência, apreendi que, quando os educandos se identificam com o conteúdo e/ou atividade, eles ficam muito mais comprometidos e dedicados para realizá-la. Acredito que todo professor de Língua Portuguesa deve intervir na sala de aula com o objetivo de contribuir para o alargamento das competências comunicativas dos estudantes ao nível da oralidade.

Adentrando nos domínios da Sociolinguística, tenho ampliado não apenas meu conhecimento, mas também minha compreensão sobre as complexidades da linguagem e sua dinâmica social.

Ao refletir sobre minha experiência, percebo que esta pesquisa não apenas enriquece meu repertório acadêmico, mas também alimenta minha prática pedagógica. Ela não se limita a um mero acúmulo de informações, mas apresenta estratégias educacionais fundamentadas para uma educação concreta, emancipatória, integral e livre de preconceitos.

É gratificante constatar que esta jornada transformou minha prática docente. Hoje, não mais concebo a língua portuguesa sob a dicotomia simplista do "certo" e "errado". Em vez disso, adotei uma postura mais inclusiva, reconhecendo e valorizando a diversidade linguística presente em meus alunos.

Nesse sentido, vislumbro minha contribuição não apenas dentro das paredes da sala de aula, mas também em minha escola e rede de ensino. Meu objetivo é promover o desenvolvimento linguístico daqueles alunos que há muito tempo ocupam um lugar especial em meu coração e em minha prática educativa. Assim, comprometo-me a ser uma agente de transformação, capacitando meus alunos a enfrentarem os desafios linguísticos e sociais com confiança e empatia.

[%20\(Pelotas%2C%202,pela%20equipe%20da%20paiN%20Gaming](#). Acesso em: 13 dez. 2023.

LEAGUE OF LEGENDS, 2021. **Wikipedia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/League_of_Legends. Acesso em: 13 dez. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINECRAFT, 2021. **Wikipedia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Minecraft>. Acesso em: 13 dez. 2023.

MIRANDA, Heloísa da Costa. **Gênero oral em sala de aula: Entrevista**. 2016. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4134561. Acesso em: 06 jul. 2022.

MOLLICA, Maria Cecília *et al.* **Sociolinguísta, sociolinguísticas: uma introdução**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. 7. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza (orgs.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. 7. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

NUNES, Daniela Leita. Estudar em casa: variação linguística. **Instituto Claro**. 04 mar. 2022. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-aprender/roteiros-de-estudo/estudar-em-casa-variacoes-linguisticas/>. Acesso em: 24 maio 2023.

O QUE É COLLAB: saiba tudo sobre essa estratégia, 2022. **Yuool**. Disponível em: <https://www.yuool.com.br/blog/o-que-e-collab-saiba-tudo-sobre-essa-estrategia>. Acesso em: 13 dez. 2023.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, Waldiana Feitosa de Lima Silva. **A modalidade oral no ensino de língua portuguesa**. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) -

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em:
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/34354>. Acesso em: 06 jul. 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZEICHNER, Kenneth; DINIZ-PEREIRA, Julio Emílio. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, p. 63-80, maio/agosto, 2005.

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

APÊNDICE A — Atividades referentes aos vídeos utilizados na apresentação da situação:

1. Responda às questões abaixo com base nos vídeos apresentados:
 - a) Nos textos apresentados, foi usada a modalidade oral ou escrita da língua? Você consegue identificar a qual gênero textual eles pertencem?
 - b) Em relação ao uso da fala, as pessoas dos vídeos falaram de maneira clara e objetiva?
 - c) Sobre a intensidade da voz, foi possível ouvir o que foi falado? Tiveram que falar muito alto?
 - d) A postura corporal foi adequada à situação de apresentação oral?
 - e) Os gestos, os olhares, as expressões faciais são importantes na hora de realizar uma apresentação?
 - f) O uso da linguagem no contexto de produção em que aconteceram os textos orais foi adequado?

2. Analisando detalhadamente os vídeos, escreva uma definição para o gênero *entrevista*. Em seguida, diga qual a importância desse gênero.

3. Agora pesquise e registre:
 - a) Qual a definição de *entrevista*?
 - b) Qual é o seu principal objetivo?
 - c) Quais são as suas principais características?
 - d) Quantos são os tipos de entrevistas?
 - e) Esse gênero utiliza que tipo de linguagem?

4. Temos abaixo um trecho do fragmento da entrevista a que assistimos sobre o “Lado ruim de se ter uma padaria”. Leia atentamente:
 - a) Quando a entrevista é falada, observamos gestos, usos de expressões próprias da oralidade – aí, né, então, como eu disse, dentre outras. Você consegue perceber algum traço da oralidade nesse fragmento? Circule em vermelho as expressões próprias da oralidade que você encontrou na transcrição da entrevista.

5. Observe: “Você que tem padaria de quebrada é é uma de loucura de rio é curva de rio que para tudo...”.

a) Você já ouviu essa expressão em destaque? Se conhecer, escreva o significado. Caso não conheça, realize uma pesquisa sobre ela.

b) Suponha o motivo pelo qual o entrevistado a utilizou.

c) Agora reveja todas as outras expressões desconhecidas e, em seguida, reescreva o trecho do quadro utilizando uma linguagem mais formal.

Produção Inicial:

- Em dupla, organize perguntas e respostas para uma entrevista. Para isso, imagine que um de vocês é o repórter e o outro é o dono da padaria mais famosa da cidade. Utilize o quadro abaixo para organizar a entrevista.

DICAS PARA UMA BOA ENTREVISTA	
1- Escolha um tema (assunto).	2- Faça uma pesquisa sobre o assunto: o que descobriu de interessante? O que seu público-alvo gostaria de saber? Qual é o significado dos termos mais usados para tratar do tema?
3- Escolha quem será o entrevistado.	4- Prepare o roteiro (pauta): elabore cinco perguntas para a entrevista e uma apresentação do entrevistado;
5- Faça o ensaio da entrevista: como fazer as perguntas (entrevistador), como responder às perguntas (entrevistado), o volume e a entonação da voz, a postura, os gestos.	6- Se optar por gravar, faça o seguinte: escolha como será a gravação do vídeo, quem irá filmar e qual aplicativo de vídeo vai ser usado. Organize o lugar onde vai gravar a entrevista, verifique se há

	clareza, defina qual será a posição do entrevistado e do entrevistador - sentados ou em pé.
<p>7- Durante a entrevista o entrevistador deve:</p> <ul style="list-style-type: none">• cumprimentar o entrevistado,• perguntar calmamente,• esperar a resposta do entrevistado;• se for preciso, deve estar preparado para mudar as perguntas e ser capaz de resolver os imprevistos que poderão acontecer no momento da entrevista.	<p>8- Faça a revisão, finalize e envie a tarefa para o professor.</p>

APÊNDICE B — Módulo 2, xerografado entregue aos alunos:

Fonte: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-aprender/roteiros-de-estudo/estudar-em-casa-variacoes-linguisticas/> Acesso em: 24 mai. 2023.

Variações linguísticas: o que são?



Chico Bento e Zé Lelé: regionalismo (crédito: reprodução/Toda Matéria). Acesso em: 17 jan. 2021.

Variações linguísticas são as diferentes maneiras de se expressar em uma mesma língua. Tais variações podem dizer respeito à escolha de palavras, à forma de construir textos e à entonação dada às palavras.

Funcionando como forma de expressão básica de um povo, a língua pode sofrer variações decorrentes de questões culturais, históricas, culturais, época e contexto, dentre outras.

Tipos de variações linguísticas



Variações linguísticas (crédito: reprodução/Conhecimento Científico). Acesso em: 17 jan. 2022.

É possível classificar as variações linguísticas em quatro tipos:

a) Variações geográficas (diatópicas)

As variações geográficas dizem respeito às diferenças na língua que observamos de uma região para a outra. Essas diferenças podem dar-se quanto às palavras, modo de construir frases e ao sotaque.

O exemplo mais evidente desse tipo de variação é comparar a língua portuguesa utilizada em Portugal com aquela utilizada no Brasil. Embora se trate da mesma língua, há diferenças bastante expressivas, tanto de palavras (por exemplo, o que chamamos de *trem* no Brasil se chama *comboio* em Portugal) quanto de sotaque. É possível observar esse mesmo fenômeno comparando regiões do Brasil. Um mesmo alimento pode ter diferentes nomes, dependendo da região: “aipim”, “mandioca” ou “macaxeira”, dentre outros.

b) Variações históricas (diacrônicas)

As variações históricas são as mudanças que acontecem na língua ao longo do tempo. A depender da época, há palavras que são usadas e deixam de existir, assim como há palavras que se transformam e as que entram na língua. Vejamos um exemplo:

Vossa mercê → Vosmecê → Você → Cê (abreviação informal)

c) Variações sociais (diastráticas)

As variações sociais são aquelas que dizem respeito às diferenças na língua de acordo com o grupo social no qual o falante está inserido.

Essas diferenças podem dizer respeito também à ocupação do falante (dizemos que são *jargões*). Vejamos um exemplo:



Variações sociais. Crédito: reprodução/Toda Matéria). Acesso em: 22 jan. 2022.

d) Variações situacionais (diafásicas)

As variações situacionais dizem respeito ao contexto em que se dá a comunicação (situações formais e informais, por exemplo). O vocabulário e a forma de falar em um almoço de família, por exemplo, são diferentes daqueles que seriam utilizados em uma entrevista de emprego.

Existe apenas uma forma correta de falar a língua portuguesa?

Depois de falarmos um pouco sobre os tipos de variações linguísticas, algumas dúvidas surgem:

Será que existe apenas uma forma correta de falar a língua portuguesa?

As variações que diferem das variedades letradas da língua portuguesa são formas erradas de falar?

A resposta a essas questões é que **não existe uma única forma correta de se expressar**. A língua tem suas variações, que decorrem de uma série de fatores, e que dizem respeito, essencialmente, à principal função da linguagem: cumprir seu papel de expressão. Para isso, a língua precisa ser compreendida pelos falantes, estando adaptada aos seus contextos.

Portanto, é natural (e muito importante!) que variações linguísticas diversas surjam, com adaptações de palavras, de sotaque e de construções gramaticais, e o ponto central é que elas atendam às necessidades de comunicação daquele determinado grupo, no contexto de comunicação em que se encontra.

Não existe, por isso, língua ou variedade da língua bonita ou feia, certa ou errada.

O que existe é a variedade mais adequada a cada contexto. Há momentos em

que a linguagem mais formal se faz necessária (ao escrever uma redação, no contexto de um processo seletivo, por exemplo), porém todas as variações têm igual valor e importância. Todas são formas de expressão e comunicação efetivas entre os falantes da língua.

A importância das variações linguísticas

A língua é parte integrante da manifestação social e cultural de um povo e, portanto, suas variações refletem a trajetória de um ou mais grupos desse povo.

As variações linguísticas podem retratar modos de vida, hábitos e experiências de grupos de falantes da língua portuguesa ao longo de sua história, constituindo importante objeto de estudo e observação.

É essencial, portanto, que tenhamos esse olhar para as variações linguísticas, vendo-as como algo rico, natural e necessário para a formação da identidade de um povo.

Preconceito Linguístico

Em nossos estudos, vimos que a variação linguística se refere às diferentes formas e estilos que uma língua pode assumir de acordo com fatores como região geográfica, grupo social, idade, meio onde a comunicação ocorre etc. Tais variações são naturais e podem ocorrer nos níveis da fonética, do vocabulário, da gramática ou das palavras e frases colocadas em discurso.

Já o preconceito linguístico ocorre quando há a desvalorização de determinadas variantes linguísticas em relação a outras consideradas “corretas”. Ele é geralmente acompanhado de outros preconceitos e discriminações sociais e culturais, acarretando a exclusão social e podendo afetar negativamente a autoestima e identidade de quem tem sua fala estigmatizada.

ANEXO A — Apresentação da situação, na sequência didática. Vídeos utilizados e seus respectivos links.

Acesso em: 24 maio 2023.

- Lado ruim de ter uma padaria-
<https://www.youtube.com/watch?v=8xYNIm1YY0Y>
- Psiquiatria (Transtornos mentais) Jô Soares 2011:
https://www.youtube.com/watch?v=vmUh7A60_7Q&t=1125s
- Ping pong com Preta Gil: medo de avião, Obama, Beyoncé e mais – Que história é essa, Porchat?: https://www.youtube.com/watch?v=y-Sr_e00NM8
- Nas Águas de Lia, de Andréia Delmaschio - Dedo de Prosa:
https://www.youtube.com/watch?v=11zA_gGw_UU
- Entrevista com Dra. Ana Beatriz Barbosa | The Noite (11/10/22):
<https://www.youtube.com/watch?v=QUHZOBrucVQ>
- "A dor sempre passa" - Entrevista Iarley Bermudes:
<https://www.youtube.com/watch?v=jl84ucXzIUo>

ANEXO C — Carta de Autorização



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO "WALDEMIRO HEMERLY"

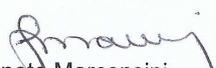
Rua Capitão Bley, 19, Centro – Rio Novo do Sul – ES – CEP 29.290-000
Telefone: 28 3533-1722 email: escolawaldemiro@sedu.es.gov.br

E.E.E.F.M. "WALDEMIRO HEMERLY"
Ato de Criação da Escola: Portaria nº 1110-S, D.O. de 14/10/2016
Ato de Criação do Ensino Fundamental e Médio: Portaria nº 1110-S, D.O. de 14/10/2016
24/01/1994 – Alteração da Estrutura: Lei nº 6.107, D.O. 27/01/2000 – Criação do C.A.A. – Portaria nº 00 n° 059-R, D.O. 24/08/2020 – Resolução de Conselho Estadual – Resolução CEE/ES nº 6.000/2021, Data: 24/08/2021.
Rua Capitão Bley, 19, Centro, Rio Novo do Sul, E.S.
CEP: 29.290-000 Telefone: (28) 3533-1722
E-mail: escolawaldemiro@sedu.es.gov.br

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Lucinete Marconsini, diretora da E. E.E.F.M. "Waldemiro Hemerly", tenho ciência e autorizo a realização da pesquisa intitulada "O ensino da variação da língua por meio do gênero entrevista: abordagem sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional" sob responsabilidade do pesquisador Marcella Pontes de Oliveira Barbosa nesta escola. Para isto, serão disponibilizados à pesquisadora as turmas de oitavos anos em 2023 para aplicação de questionários e atividades interventivas relacionadas à pesquisa.

Rio Novo do Sul – ES, 22 de agosto de 2022


Lucinete Marconsini
Diretora da EEEFM Waldemiro Hemerly
Portaria nº 1110-S, D.O. de 14/10/2016

Lucinete Marconsini
Diretora
EEEFM "Waldemiro Hemerly"
Portaria nº 1.110-S, D.O. 14/10/2016

Rua Capitão Bley – nº 19 – Centro – Rio Novo do Sul/ES – CEP 29290-000 – Tel (28) 3533 1722
escolawaldemiro@sedu.es.gov.br

ANEXO D — Carta aos Pais ou Responsáveis



Rio Novo do Sul - ES, 09 de março de 2023

Senhores Pais ou Responsáveis

Sou Marcella Pontes de Oliveira Barbosa, professora de Língua Portuguesa de seu/sua filho(a). Possuo graduação em Letras – Português/Literatura pelo Centro Universitário São Camilo-ES desde 2006. Tenho várias especializações na área de educação com foco no Ensino de Língua Portuguesa. Atualmente curso Mestrado Profissional em Letras por meio do Profletras, no IFES Campus Vitória-ES e sou professora efetiva na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, atuando na E.E.E.F.M. “Waldemiro Hemerly” desde 2007.

A minha pesquisa de Mestrado se intitula “O ensino da variação da língua por meio do gênero entrevista: abordagem sob a perspectiva da sociolinguística educacional” e será orientada pela Prof^a Dr^a Edenize Ponzo Peres. Seu principal objetivo é propor estratégias de ensino da variação da língua portuguesa, utilizando-se o gênero textual entrevista, sob o enfoque da Sociolinguística Educacional. O referencial teórico também está ancorado em autores que discutem a oralidade e o gênero textual entrevista. Para alcançarmos esse objetivo, serão adotadas, em sala de aula, estratégias de ensino que explicitem as diferenças entre a oralidade e a escrita, além das diferenças entre linguagem formal e informal, com foco no gênero *entrevista*. Dessa forma, estaremos atendendo a vários itinerários formativos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como: EF69LP55, EF69LP56, EF69LP07, EF69LP11. Mas tudo isso só será possível graças ao principal elemento da pesquisa, que são os alunos do oitavo ano I2 e I3 desta escola. Pretendo, com essa pesquisa, estabelecer com os educandos uma postura reflexiva em relação à língua que falam, principalmente quando se trabalha com um gênero textual bastante utilizado na sociedade, como uma entrevista com uma pessoa pública, de emprego etc.

É importante dizer que todos os envolvidos na pesquisa não serão, em hipótese nenhuma, identificados e que tanto a escola de seu filho quanto o Programa de Mestrado têm ciência do que foi exposto aqui. Por essa razão, segue em anexo um termo de assentimento com os devidos esclarecimentos quanto à idoneidade da pesquisa, para que seja assinado pelo responsável de cada estudante. Posteriormente chegarão questionários ora para o responsável, ora para o estudante responder.

Colocando-me à sua disposição para os esclarecimentos que se fizerem necessários, subscrevo-me,

Atenciosamente,

Marcella Pontes de Oliveira Barbosa

EEEFM “ WALDEMIRO HEMERLY ”

Rua Capitão Bley nº 19 - Centro - Rio Novo do Sul - ES
CEP: 29.290-000 - TEL (28) 3633-1722
escolawaldemiro@sedu.es.gov.br

Mantenedor: Governo do Estado do Espírito Santo
Ens. Fundamental - Aprov.: Res. CEE/ES nº 41/79, D.O. de 31/12/1975
Ensino Médio- Aprov.: Res. CEE/ES nº 89/98, D.O. de 14/10/1998
EJA - Ens. Fundamental Aprov.: Res. CEE/ES nº 1.902/2009,
D.O. de 04/03/2009

ANEXO E – Termo de Assentimento



PESQUISA: O ensino da variação da língua por meio do gênero entrevista: abordagem sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional

MESTRANDA: Marcella Pontes de Oliveira Barbosa

ORIENTADORA DA PESQUISA: Profª Drª Edenize Ponzo Peres

Termo de Assentimento

Eu, _____,
com CPF nº _____, responsável pelo(a) aluno(a)

_____ do 8º ano da E.E.E.F.M “Waldemiro Hemerly”, autorizo a participação desse educando na pesquisa intitulada “O ensino da variação da língua por meio do gênero entrevista: abordagem sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional”, do Mestrado Profissional em Letras – Profletras, Ifes (campus Vitória), conduzida pela pesquisadora Marcella Pontes de Oliveira Barbosa. Entendo que, neste estudo, o(a) aluno(a) irá realizar atividades necessárias para um competente aprendizado das variantes linguísticas e do gênero textual entrevista. Sei que poderei entrar em contato com o Profletras - Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, para obter informações específicas sobre este projeto ou qualquer outra informação que for necessária através do e-mail: profletras.vi@ifes.edu.br ou pelo telefone (27) 3331-2188, bem como com a orientadora da pesquisa, Profª Drª Edenize Ponzo Peres, pelo e-mail: edenizeponzo@gmail.com ou pelo telefone 55 27 99989-0254.

Ficam claros para mim que, embora mínimos, sempre há a possibilidade de pequenos riscos ao participar da pesquisa, bem como o desagrado com algo que alguém diga ou faça. Também tenho ciência de que a pesquisa pode trazer inúmeros benefícios para o aluno, para a escola e para a sociedade. Sei ainda que há garantia de que as informações e o uso de imagens (caso necessário) serão confidenciais e divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos participantes voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo da participação do aluno.

Rio Novo do Sul, 09 de março de 2023.

Assinatura do Responsável pelo Participante

ANEXO F - Questionário Socioeconômico disponível no google formulário através do link: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfjeE2Kb1Jj-ICXSBMEv-Qg2q8gNUhrQnBclVyGKMZz7isdnA/viewform?usp=sf_link



MESTRANDA: Marcella Pontes de Oliveira Barbosa

ORIENTADORA DA PESQUISA: Profª Drª Edenize Ponso Peres

Questionário socioeconômico

Este questionário é imprescindível para sua participação na pesquisa "O ensino da variação da língua por meio do gênero entrevista: abordagem sob a perspectiva da Sociolinguística Educacional". Por isso, é importante que você responda a verdade em todas as questões propostas e que, ao terminar, o entregue à professora.

Obs.: Leia com atenção as perguntas e seja muito sincero em suas respostas. Preencha em companhia do seu responsável. Os dados serão tratados estatisticamente, de modo a garantir absoluto sigilo a respeito das informações individuais prestadas.

- | | |
|--|--|
| 1) Nome Completo: | 6) Quantos irmãos você tem?
A) Nenhum.
B) Um.
C) Dois.
D) Três.
E) Quatro ou mais. |
| 2) Qual a sua turma?
A) 8ºI2
B) 8ºI3 | 7) Em que tipo de localidade você mora?
A) Zona rural.
B) Zona urbana. |
| 2) Qual é a sua idade? _____ | 8) Em relação a sua casa, ela é:
A) Própria.
B) Alugada.
C) Emprestada.
D) Outros. |
| 3) Como você se considera?
A) Branco(a).
B) Negro(a).
C) Pardo(a)/mulato(a).
D) Amarelo(a) (de origem oriental).
E) Indígena. | 9) Em relação a sua rua, ela é:
A) Calçada ou asfaltada.
B) Sem nenhum tipo de calçamento.
C) Moro no interior ou em uma pequena comunidade. |
| 4) Com quem você mora atualmente?
A) Com meus pais.
B) Somente com minha mãe.
C) Somente com meu pai.
D) Com outros parentes (avós, irmãos, tios, etc.).
E) Outros. | 10) Qual a faixa de renda mensal da sua família?
A) Até um salário mínimo (R\$ 1.302,00).
B) Até 3 salários mínimos (até R\$ 3.906,00).
C) De 3 a 5 salários mínimos (de R\$ 3.906,00 a R\$ 6.510,00).
D) De 5 a 8 salários mínimos (de R\$ 6.510,00 a R\$ 10.416,00). |
| 5) Quantos membros da sua família moram com você?
A) Um.
B) Dois.
C) Três.
D) Quatro.
E) Cinco ou mais. | |

E) Acima de 8 salários mínimos (acima de R\$ 10.416,00).

11) Qual é o grau de escolaridade da sua mãe?

- A) Não estudou.
 B) Ensino Fundamental incompleto.
 C) Ensino Fundamental completo (1° ao 9° ano).
 D) Ensino médio incompleto.
 E) Ensino Médio Completo.
 F) Ensino superior incompleto.
 F) Ensino superior completo. Qual curso?

G) Pós-Graduação

12) Qual é o grau de escolaridade do seu pai?

- A) Não estudou.
 B) Ensino Fundamental incompleto.
 C) Ensino Fundamental completo (1° ao 9° ano).
 D) Ensino médio incompleto.
 E) Ensino Médio Completo.
 E) Ensino superior incompleto.
 F) Ensino superior completo. Qual curso?

G) Pós-Graduação.

13) Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- A) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
 B) Na indústria.
 C) No comércio, banco, transporte ou outros serviços.
 D) Funcionário do governo federal, estadual ou municipal.
 E) Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.
 F) Trabalhador do setor informal (sem carteira assinada).
 G) Trabalha em casa, em serviços diversos, aulas particulares etc).
 H) No lar.
 I) Desempregado (atualmente)

14) Em que sua mãe trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- A) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
 B) Na indústria
 C) No comércio, banco, transporte ou outros serviços
 D) Funcionário público do governo federal,

estadual ou municipal

E) Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior

F) Trabalhador do setor informal (sem carteira assinada)

G) Trabalha em casa em serviços (costura, cozinha, aulas particulares etc)

H) No lar

I) Desempregada (atualmente)

15) Quais dos itens abaixo há em sua casa?

<input type="checkbox"/>	TV (quantidade: _____)
<input type="checkbox"/>	Rádio (quantidade: _____)
<input type="checkbox"/>	Microcomputador (quantidade: _____)
<input type="checkbox"/>	Acesso a internet
<input type="checkbox"/>	Automóvel (quantidade: _____)
<input type="checkbox"/>	Motocicleta (quantidade: _____)
<input type="checkbox"/>	Máquina de lavar roupa / Tanguinho
<input type="checkbox"/>	Geladeira
<input type="checkbox"/>	Telefone fixo
<input type="checkbox"/>	Telefone celular (quantidade: _____)
<input type="checkbox"/>	TV por assinatura

16) Que atividade(s) você costuma realizar como lazer? Pode marcar mais de uma opção.

- A) Acessar as redes sociais.
 B) Jogar no smartphone ou computador
 C) Assistir à televisão.
 D) Ir à igreja.
 E) Praticar esporte(s). Qual(is)?

F) Outra(s). Qual(is)?

17) Você gosta de ler?

- A) Sim.
 B) Não

Se sua resposta da questão 17 foi positiva responda a próxima questão.

18) De que tipo de leitura você mais gosta: (reportagens da internet, jornais/mídia eletrônica, romances, contos, poemas...)